



LETÍCIA BLACK

Dormindo com o
ZINZIGO

ROMANCE
SUSPENSE
ERÓTICO

O QUE ELE TINHA
QUE TRANSFORMAVA
MEUS **SONHOS**
EM **PESADELOS?**



Revisão:
Diagramação:

Capa e



Letícia
Black

Copyright © 2019 by Letícia Black

CAPA Letícia Black
DIAGRAMAÇÃO Letícia Black
REVISÃO Revisão&etc

PERIGOSAS NACIONAIS

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Black, Letícia

Dormindo com o inimigo / Letícia Black

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

Esse foi um dos primeiros livros que me arrisquei a escrever. Foi só a segunda história longa que consegui finalizar. Precisei reescrevê-lo de ponta a ponta, de 0 a 80, para que ele pudesse ser lido por você, nesse momento.

Essa dedicatória vai para o Tempo, que nos dá maturidade o suficiente para olhar para o passado com a humildade de que muitos erros foram cometidos e muitos ainda serão.

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e um](#)

[Capítulo Vinte e dois](#)

[Considerações finais](#)

[Posfácio](#)

[Outros livros da autora](#)

Capítulo Um

Existem sonhos que só se mostram para nós quando já temos uma determinada idade.

Quando eu era criança, queria ser bailarina. Na adolescência, queria ser uma roqueira rebelde vivendo na estrada com o meu namorado anarquista radical.

Eu só descobri qual era o meu sonho quando uma determinada idade me alcançou, e não foi antes de quebrar meu coração na estrada por um pseudo roqueiro nada radical.

Finalmente, depois de tanto tempo esperando, arrumando, planejando... minha exposição estava pronta!

Não podia estar mais orgulhosa de mim. Quantas mulheres poderiam dizer que saíam da fossa direto para o estrelato? Bom, eu e a Adele.

Minha exposição na galeria mais requintada de Londres foi um sonho tardio que não se despontou para mim, até pouco mais de um ano atrás, e realizei-o tão rápido que mal pude acreditar.

Brendon tentava me convencer que era talento.

Para mim, achava que era sorte.

Todos os meus quadros, todos os meus trabalhos arrumadinhos e prontos para serem vistos, e a ideia de que eles pudessem ser comprados por uma quantidade desconcertante de dinheiro, estava me embrulhando o estômago.

Meus pais foram contra quando quis me inscrever na faculdade de Artes. Agora eu estava prestes a me tornar a mais rica da família.

“*Chupa essa, John*”, pensei. Meu irmão mais velho é contador.

— Você vai ficar rica, pequeno gênio — Brendon brincou, rindo da minha cara. Suspirei, passando a mão pela moldura do meu quadro favorito.

Feito como se fosse um desenho riscado a carvão, várias vezes desfeito e refeito, pintado como um retrato estourado à luz do Sol de um rapaz que caminhava na areia carregando uma garota. Era o primeiro quadro que eu me arriscara a pintar depois de meses usando lenços de papéis e vendo comédias românticas na TV quando eu havia me decepcionado o suficiente com o amor, e quase desistir de tudo que tinha lutado até então.

Nova vida. Era isso que eu tinha agora. Não

adiantava ficar presa ao passado.

Sacudindo os meus cabelos, olhei no relógio e vi que faltavam míseros minutos pra começar a exposição. Resolvi dar uma passada no galpão pra me acalmar enquanto não chegavam as primeiras pessoas.

O galpão ficava nos fundos da galeria, não era muito grande, e a segurança não era das mais atrativas, visto que precisava passar por toda a galeria até chegar nele. Era, provavelmente, o único lugar do conjunto que a segurança era feita de maneira eletrônica e apenas na entrada. Ali ficavam algumas obras que não eram de grande valor e também era utilizado para descanso dos expositores, com poltronas e uma pequena copa.

A verdade era que eu já me sentia em casa na galeria, depois de tanto tempo conversando sobre a exposição com os responsáveis, planejando e organizando, então já tinha minha poltrona favorita. Fui até ela, sentei-me e respirei fundo, olhando o meu relógio de pulso.

Faltavam quinze minutos pra abrir a exposição e eu comecei a tamborilar meus dedos no braço vermelho da poltrona. Quinze minutos pro meu sonho começar. Só quinze minutos.

Fechei os olhos e senti minha barriga roncar. Era possível que a última coisa que eu tivesse comido fosse o café da manhã, mas toda a agitação do dia não me dera tempo de tomar coragem para ingerir alguma coisa. Agora era tarde demais. Tudo que entrasse em meu sistema digestivo seria recusado pela confusão que se formara em minha barriga.

Dez minutos...

O nervosismo apenas me informava que eu era inadequada para ter alcançado aqueles *status*. Um grupo de colegas da faculdade tinha cansado de me dizer isso através dos anos, e eu tentara não ouvir, mas era óbvio. Nunca tinha visto nenhum artista tão nervoso quanto eu estava, eram sempre tão seguros e confiantes...

Cinco minutos...

Não dava mais tempo para desistir, em breve a opinião pública estaria invadindo a galeria, prestes a me destroçar em pedaços de críticas ácidas. Eu podia ouvir as palavras ecoando em meu ouvido.

Jamais me recuperaria.

Dois minutos...

— Janet, achei você! — Brendon me fez acordar de meus devaneios — Vamos, está quase

na hora!

Meus lábios estavam ressecados e reclamaram quando eu apertei-os entre meus dentes, engolindo em seco o nervosismo dentro de mim.

Era a hora de encarar a verdade. Quem estava certo? Meus colegas da faculdade, ou Brendon da curadoria?

Segui-o de volta à galeria, perdida em pensamentos masoquistas. Entrei pela grande porta do salão da galeria, cabisbaixa, ainda sem conseguir organizar todas as palavras depreciativas que ecoavam em minha mente, e isso só piorou ao ouvir um estrondoso ruído estranho.

Demorou um pouco para que eu percebesse que eram aplausos, e só o fiz quando levantei meus olhos para as pessoas que me admiravam, batendo suas mãos em decoro. Um sorriso tímido incontido escapou de meus lábios rachados e coloquei uma mecha atrás da orelha, corando da cabeça aos pés.

Precisava sair do centro das atenções. Procurei virar-me para a pessoa mais próxima e começar uma conversa apressada para que as outras voltassem suas atenções aos quadros.

Foi uma escolha ruim.

— Olá, Jane. Quanto tempo! — o sorriso dele

chegou primeiro ao meu coração, que parou de bater por um milésimo de segundo antes de começar a acelerar a ponto de me fazer levar minha mão até ele para impedi-lo de escapar, rasgando minha pele em sua fuga. Meus olhos se arregalaram, e minhas narinas inflaram, identificando o mesmo perfume que tinha me feito perder a cabeça há alguns anos. Havia algum ponto entre seu queixo e a ponta de seu nariz que arrepiava os pelos de minha nuca, mas foram seus olhos, os malditos olhos metálicos, de um azul acinzentado incomum, que transformaram minhas pernas em gelatina e me fizeram apoiar minha mão na parede para me segurar.

Eu era a missão mais patética daquele lugar. A garota que não tinha superado o chute na bunda, com uma mão no coração e a outra se segurando para não cair.

Dei-me uma permissão única para observá-lo mais uma vez e, desta, ouvi os curativos do meu coração se rasgarem ao me lembrar do que havia acontecido. Dois anos tinham passado desde quando ficáramos por uma única vez, depois de meses de romance platônico de ambas as partes, do que havia parecido para mim. Então, ele me

expulsou de seu quarto na manhã seguinte, sem nem me dar a chance de vestir minhas roupas adequadamente.

Eu tinha uma lista de coisas nada agradáveis que eu gostaria de lhe dizer, mas segurei minha língua. Nada de palavras de baixo calão no meu grande dia.

— É, realmente muito tempo, Lucca... — foi o que me forcei a dizer para tentar parecer menos ridícula — Pena que você veio hoje, eu preferiria continuar no *muito tempo*.

Virei-me de costas para ele e coloquei três passos de distância entre nós antes de ser atingida por uma bolsa vermelha de couro falsificado.

— Segura a minha bolsa que eu vou lá dar na cara dele — exigiu Camille, minha melhor amiga.

Parte do meu nervosismo se dissipou com a presença dela e pude arriscar um leve sorriso por seu comportamento. Eu estava segurando a bolsa dela e empurrei-a de volta aos seus braços quando percebi que ela não planejava ir à lugar algum, mas tinha certeza que Lucca ouvira a ameaça de onde estava.

— Acho que eu nunca mais vou precisar segurar bolsas para viver — brinquei, fazendo

Camille rir alto o suficiente para precisar jogar a cabeça para trás.

Ouvimos outras risadas nos acompanharem e virei-me para cumprimentar John, Nate, Willian e Sean, companheiros de banda de Lucca. Não os via há bastante tempo porque desde que as coisas tinham dado errado com Lucca, deixei de acompanhar a banda. John e Nate me ligaram algumas vezes para botar o papo em dia, mas só.

Camille começou a se apresentar e eu estava certa de que ela estava interessada em alguém, mas não conseguia prestar atenção o suficiente na conversa para identificar qual deles era. Lucca estava me seguindo.

— Com licença — pedi ao grupo, vendo que Lucca se aproximava e estava prestes a se meter na conversa.

Os rapazes concordaram com a cabeça, mas Camille cerrou os olhos em minha direção ao meu afastamento repentino. Passei a mão pelos fios castanhos do meu cabelo para me acalmar porque eu sentia que o mundo inteiro estava girando, muitas coisas acontecendo, e eu não estava conseguindo assimilar nem metade delas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Brendon me pegou pelo braço apenas meio minuto depois.

— Você precisa falar com essas velhas ricas, elas estão discutindo quem vai levar aquele seu quadro do cavalo dourado — cochichou em minha orelha, arrastando-me pelo braço até um grupo de senhoras — Minhas queridas, olha só quem eu consegui recuperar para atender vocês!

Apressei-me em me apresentar as senhoras, com sorrisos e elogios, e comecei a falar da parte filosófica do quadro, explicando as técnicas e a livre interpretação de como eu o entendia.

— ... Então, ele é a expressão da diversão sobre quando nós podemos ter o que a nos... — meu corpo reagiu de forma esquisita e, de alguma forma, lendo entre os arrepios em minha coluna e os pelos eriçados em meu braço, entendi que Lucca estava se aproximando — ... pertence — arrisquei um sorriso nervoso para elas — Vou deixá-las com a atenção de Brendon agora, com a sua licença.

Elas bateram palmas leves e ainda as vi atacar o pobre Brendon, querendo comprar o quadro primeiro. Não sabia como ele iria resolver aquele pequeno problema, mas precisava resolver os meus primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um garçom passou com uma bandeja de taças com champanhe e peguei uma, girando no meio da galeria, apenas para identificar Lucca me seguindo quase como uma sombra. Sorvi quase todo o líquido de uma só vez.

— Você pinta muito bem, sabe? — disse ao me alcançar.

Fechei os olhos, pedindo calma e paciência, respirei fundo e me virei em direção a ele. Era melhor encarar o problema de frente do que passar a noite fugindo dele.

— Sim, eu sei — ironizei, sem me conter. Revirei os olhos e me corrigi — obrigada.

Lucca parecia satisfeito com a minha resposta e sorriu, sincero. A seguir, seu olhar ondulou, ficando turvo e o sorriso diminuiu até que houvesse apenas uma leve inclinação do lado esquerdo, sedutor e maligno. Com certeza fora aquele sorriso que me fizera cair de amores por ele, como uma adolescente desequilibrada.

— Acabei me lembrando de outras coisas que você fazia muito bem...

O encanto se dissipou com suas palavras sutis, mas quase rudes, no contexto emocional do nosso não-relacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Se só se lembrou agora, é melhor começar a esquecer de novo, por favor — Pedi, usando o máximo de educação que eu conseguia.

Porcaria. Ainda doía aquela droga. Fechei meus olhos e mordi a pontinha do lábio, contendo as sensações ruins e expulsando-as de dentro de mim com uma soprada de ar. Abanei o espaço entre nós dois com a mão enquanto abria os olhos, afastando-me e desistindo daquele embate onde eu estaria fadada a perder.

Ele me segurou pelo pulso.

— Janet, por favor — sussurrou — Eu mudei.

— Não importa mais, Lucca.

Malditos olhos de cachorro que caiu da mudança! Respirei fundo de resignação e procurei algo mais útil para fazer do que ficar ali e tentar uma conversa ridícula com o cara que tinha massacrado meu coração adolescente.

— Você está linda — Lucca disse quebrando metade da barreira que eu tentava manter entre nós dois. Tinha vislumbrado Camille distraída, ainda conversando com os companheiros de banda dele e planejava pedir para ela proteger minha retaguarda, mas meus pés se fixaram no lugar ao ouvi-lo falar — Muito mais bonita do que da última vez que te

vi.

Precisei me demorar um pouco mais com os olhos fechados na minha piscada para controlar meus impulsos de matá-lo ou beijá-lo.

Então, eu despertei. Lucca tinha me feito chorar o suficiente para uma vida inteira e eu não estava disposta a ser mais um casinho de uma noite, o cara que tinha conseguido levar a artista da noite para a cama.

Em pensar que eu nunca tinha visto Lucca assim como um objeto, um caso, qualquer coisa do gênero.

Quando eu era uma adolescente normal, era apaixonada por uma banda, chamada Polaroid. Eu vivia nos shows porque meus pais achavam que era melhor eu gostar de música do que arrumar namorados, e me incentivavam a ir, contanto que minha prima mais velha, Beth, fosse junto e me vigiasse. A verdade, Beth me levava e me buscava nos shows, mas quase nunca entrava. Nós tínhamos um acordo: eu não usaria drogas, se fosse beber, beberia pouco, e ela não me incomodaria. Com isso, quase sempre estava nos shows da Polaroid e depois de virar figurinha repetida, os rapazes começaram a me reconhecer e ficamos amigos.

Chegava ao ponto de irem me buscar em casa com a van da banda para ir com eles. Eu fui ficando mais velha, entrei na faculdade e cheguei a acompanhá-los em turnês maiores quando eles começaram a fazer sucesso de verdade.

Éramos amigos, mas eu ainda era super fã e tinha umas pequenas crises de fanatismo, que controlava em disfarce. O problema era que o meu fanatismo por Lucca acabara virando uma terrível paixão platônica conforme nos aproximávamos. Depois de mais ou menos dois anos de amizade, a Polaroid ganhou prêmio de banda revelação do ano, e Lucca e eu acabamos ficando na festa de comemoração. Acabei indo pra o quarto dele e fizemos tudo o que tinha imaginado nos *meus sonhos molhados*.

O que pareceu um sonho, virou meu pior pesadelo. Um pouco antes do dia amanhecer, Lucca pediu que eu me retirasse do quarto, disse que estivera bêbado e se arrependia de ter ficado comigo. Só não me xingou, mas foi por pouco. Não consegui nem me vestir direito. Foi John que me socorreu, pediu um leite quente e me deixou terminar de me vestir em seu quarto. Desculpou-se em nome de Lucca, mesmo sem compreender o que

tinha acontecido direito porque eu não conseguia explicar, de tanto que chorava. Eu me lembro de ficar olhando para ele e me perguntar por que meu coração tinha escolhido Lucca em seu lugar. Eu teria sido mais feliz, com certeza.

— Você não mudou nada — acusei-o — Continua o mesmo canalha de sempre. O que foi, agora? Cansou de ter uma fã por noite na sua cama, ou será que elas estão ficando novas demais para você?

Lucca apenas me encarou, impassível, como se esperasse ouvir coisas assim de mim. Mesmo que, naquela noite, eu não tivesse proferido uma injúria sequer. Só assistira meu castelo de imaginação ruir, sem entender como poderia acontecer tão rápido.

Ele desviou o olhar do meu e abaixou o rosto, parecendo envergonhado.

— Queria te pedir desculpas...

Embora suas palavras fossem uma surpresa para mim, preferi interpretar como mais uma jogada para me convencer a me levar para a cama mais uma vez e soltei uma risada debochada.

— Peça suas desculpas para alguém que se importe, ok?

Balancei minha cabeça negativamente para ele assim que abriu a boca para me responder e virei-me de costas, tentando alcançar Camille, mas Brendon me interceptou pelo caminho.

— Querida, esse gatinho atrás de você não é daquela banda? Polaroid? — Perguntou-me, animado — Caramba, é ele mesmo. Eu devia chamar uns fotógrafos pra tirar uma foto de vocês, vai bombar sua exposição a semana inteira se sair num site de fofocas!

Brendon me abandonou no meio do salão com aquela declaração antes que eu pudesse dizer que era uma péssima ideia. Lucca estava atrás de mim novamente e eu queria chorar.

O que ele tinha que transformava meus sonhos em pesadelos?

— Janet...

Segurou meu braço, mas puxei-o para longe dele com o máximo de discrição que consegui.

— Por favor, deixe-me em paz — pedi.

Não sei o que o fez concordar com a cabeça, se foi a compreensão de que não conseguiria nada naquela noite, ou o tom falhado e choroso da minha voz. Lucca suspirou e deu um passo para trás e eu passei por ele, vendo John acenando para mim,

talvez tentando me socorrer do pesadelo que ele compreendia melhor que ninguém. Fui até ele em passos incertos, meus saltos não faziam boa dupla com nervosismo que Lucca provocara em mim.

John me aguardava com duas taças de champanhe e entregou uma delas para mim.

— Vamos comemorar o sucesso da sua exposição e o novo quadro da minha sala — brincou ele.

Camille só sorria, e acho que seu interesse era em John. Boa escolha, garota.

— Não acredito! Qual você comprou? — Perguntei, curiosa.

John acenou para um quadro quase do outro lado da galeria e eu apertei meus lábios em um meio sorriso.

— O que parece comigo — ele disse.

O quadro era de um homem no alto de um palco, rodeado por luzes e uma multidão atrás de si. Era uma composição do que eu mais tinha visto em minha adolescência.

— Talvez porque é você mesmo — ri baixinho.

Nós seis brindamos e começamos uma conversa animada, trocando alguns detalhes que o

tempo e o afastamento não nos permitiu saber um dos outros. Perguntei por Clarisse à Nate, que me disse que estava visitando sua avó, que ficara doente, mas que tinha mandado todos os beijos e abraços possíveis. Agradei e enviei-os de volta, sentia falta dela também. Nate tentou fazer uma oferta pela parede da galeria, o que arrancou risadas de todos nós. Quando estava prestes a me retirar para atender algumas pessoas, John me segurou pelo braço e sussurrou:

— Esquece o Lucca. Ele está com o orgulho ferido e não consegue aceitar que afastou uma garota tão incrível, como você, sendo um idiota.

Agradei-o com um sorriso.

Havia um grupo de executivos, relativamente, próximo do meu grupo de amigos e decidi parar por ali, lembrando que Brendon dizia que pessoas em ascensão compram artes que não entendem só pra mostrar que podem comprar, e um grupo de executivos parecia uma escolha óbvia, alguns deles poderiam não ter nascido em berço de ouro e querer comprar algo para mostrar-se para os outros.

— Olá! — cumprimentei-os, chamando a atenção para mim — Me chamo Janet Stuart e sou a artista em exposição. Posso falar um pouco sobre

esse quadro?

Eles pareceram muito satisfeitos com minha introdução e passei os próximos quinze minutos vendendo três quadros para eles. Foi um trabalho fácil e bastante lucrativo. Ainda ganhei dois números de telefone, um de um belo homem, que deveria ter uns cinco anos a mais que eu, e outro de uma das duas mulheres do grupo, no caso de eu preferir outras opções, de acordo com ela.

Estava meneando com a cabeça e guardando os dois papéis dentro da bolsa, quando Brendon voltou ao meu lado e balançou meu braço com forma.

— Eu não disse, pequena gênio? — perguntou-me — Menos de duas horas de exposição e metade dos quadros já foram vendidos. Nessa velocidade, até o final da noite estaremos esgotados.

Eu tapei a boca com a mão e não proferi som algum, mas meus olhos fizeram Brendon sorrir e me dar um beijo na bochecha, antes de voltar ao seu trabalho.

Fiquei parada no meio da galeria por quase um minuto, olhando tudo com extrema felicidade. A realização mais perfeita que poderia ter acontecido.

Se eu era promissora, agora já deveria estar sendo considerada como uma estrela em ascensão. Em breve, seria uma pintora renomada.

Por incrível que pudesse parecer, aquilo me fez sentir uma pressão imensa no peito a ponto de me sufocar. Enquanto eu lidava com a ansiedade que tentava me engolir, decidi que a melhor maneira era buscar ar puro. Não exatamente puro — o centro de Londres tinha um ar fétido de qualquer cidade grande, mas a área externa dava a impressão de que eu estava livre.

Em alguns passos, voltei para o caminho externo, que ligava a galeria ao galpão, e senti parte da pressão em meu peito se dissipar. A noite havia caído com graça e o vento gelado do outono me pegou desprevenida. Abracei-me, esfregando minhas mãos nos braços nus que o vestido não cobria.

Eu ouvi seus passos primeiro, mas não reagi. Estava cansada demais, assombrada, deslumbrada. Ele não conseguiria destruir aquela noite, por mais que tentasse. Senti algo macio contra meus ombros e seu perfume apimentado inundou minhas narinas de lembranças.

— Achei que estivesse com frio — explicou-

se, enquanto eu desistia de ir contra a maré e puxava seu paletó para mais próximo do meu corpo. Estava mesmo com frio.

— Obrigada — o agradecimento saiu gentil de meus lábios e isso fez Lucca abrir um leve sorriso.

O céu estava um pouco estrelado, o que era comum da cidade. As nuvens estavam escondendo até o sutil brilho esbranquiçado da Lua, então não havia nada para competir com o sorriso do homem ao meu lado, e isso era uma droga.

— Olha... eu realmente sinto muito... por aquilo — ele começou e eu fechei os olhos, desviando o olhar para longe — Nunca tive a oportunidade de dizer...

— Você sabia onde eu moro — refutei suas desculpas.

Lucca riu, nervoso com minha interrupção.

— Você teria me atendido? — perguntou.

Um riso fraco escapou pelo meu nariz enquanto eu negava com a cabeça. Senti meus dedos sendo acariciados pelos seus por debaixo das mangas do paletó, e sutilmente me afastei.

— Você não desiste nunca?

— Não até você aceitar jantar comigo — ele respondeu. Com aquele maldito sorriso de canto de

lábio que me amolecia as pernas.

Sua insistência, porém, enervava-me. Tudo o que eu queria era um momento a sós, respirar fundo, acalmar-me com as coisas que estavam acontecendo rápido demais em minha vida. Minha primeira exposição, minha posição no mercado da arte em ascensão e até mesmo o retorno de Lucca.

Algo em mim se quebrou quando virei o rosto para longe, deixei o paletó cair no chão e arrisquei passadas longas em direção ao galpão. Nem me importei se Lucca me seguiria, eu sempre poderia me trancar no banheiro e ficar lá até meu coração parar de bater tão acelerado, implorando que eu aceitasse aquele convite.

Empurrei a porta de entrada do galpão e congelei, meus olhos arregalados à cena que se desenrolava na minha frente. Pela fresta que tinha aberto, distraída, acabei não sendo notada pelos ocupantes do galpão. Havia um homem com as mãos levantadas no ar, enquanto um outro, uma cabeça mais alto que ele, apontava-lhe uma arma na altura de seus olhos.

O disparo seco ecoou pelo espaço pouco ocupado do galpão, assim como o meu grito apavorado quando o corpo do homem caía no chão

PERIGOSAS NACIONAIS

em um ruído opaco, como se não devesse fazer mais barulho, já que não haveria mais vida.

Lucca me segurou por trás, tampando minha boca e me abraçando, indeciso entre me conter e me acalmar no meio daquela confusão.

Só que era tarde demais.

Na minha frente, os olhos mais frios que já havia visto me encaravam, fazendo o tempo parar como se o coordenasse.

Tudo ocorreu entre uma batida de coração e outra.

O ar gelado não enchia meus pulmões porque não havia espaço, agora que o pânico se expandira dentro de mim. Lucca me apertou ainda com mais força e algo em sua movimentação me dizia que ele queria que eu fosse para trás de si, mas eu estava com os pés presos no lugar.

O homem levantou a arma em nossa direção. O pouco de ar que havia dentro de mim saiu em uma arfada em forma de fumaça na noite fria.

Naquele momento, um filme passou em minha cabeça e acreditei que morreria.

Ao menos eu morreria nos braços do único homem que amei, mesmo ele sendo um canalha.

Era um bom fim, afinal. No apogeu da minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carreira, no declínio da minha vida amorosa.
Fechei os olhos e aguardei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dois

O barulho do tiro ecoou em minha mente e senti minhas pernas virarem gelatina, enquanto aguardava pela morte iminente, mas ela jamais veio.

Congelada em meu lugar, com os braços de Lucca ao meu redor, mantive-me firme contra a parede do galpão, a qual ele me puxou, para tentar evitar a morte certa, saindo do campo de visão do atirador. Três seguranças corriam em nossa direção quando o homem passou correndo para fora do galpão, atirando contra eles, e Lucca me puxou para dentro, ignorando o cadáver que estava lá. Um dos seguranças foi atingido antes que não pudesse mais acompanhar a disputa.

Meus olhos arregalados encontraram a camisa clara de Lucca, enquanto nos apertávamos em um inesperado abraço. Eu estava de costas para a parede do galpão e meus olhos batiam um pouco abaixo de seu ombro, o que me protegia da visão de horror do aposento. Ficamos assim por algum tempo, não sabia dizer se foram 10 segundos, ou 2

horas, até que o barulho de sirenes ficou alto demais e policiais adentraram o galpão, encontrando-nos na cena do crime.

— O que vocês estão fazendo? — O segurança mais parrudo ralhou quando os primeiros policiais nos arrastaram para fora, em uma abordagem um pouco mais truculenta — Eles não fizeram nada. O que vocês estão fazendo?

— Eles são suspeitos — O policial que me segurava pelos braços insistiu, dando-me uma bela sacolejada.

Não tinha nem forças para me arrancar dos braços dele e Lucca parecia estar do mesmo jeito.

— Ela é a artista em exposição e esse é um amigo dela — Brendon se aproximou de nós e foi logo tentando me livrar dos braços do policial, que resistiu à movimentação — Eles estavam na exposição segundos antes do tiro.

— A gente só veio tomar um ar aqui fora — Lucca finalmente abriu a boca para falar, o que eu não conseguia ainda — Janet queria ir ao banheiro e quando ela foi entrar no galpão...

Uma pequena mentira para mascarar a pequena briga que tivemos. Tudo bem, eu podia aceitar aquilo. Se nós estávamos com problemas,

era melhor parecermos uma frente unida.

— Na verdade, queria ficar sozinha e evitar o convite para sair dele, mas pode ser por aí — as palavras saíram da minha boca sem que eu percebesse.

Certo, podemos esquecer o papo da frente unida.

— Nós a ouvimos gritar e viemos correndo — continuou a explicar o segurança.

— Certo, pessoal! — um novo homem entrou em nosso círculo de confusão. Ele não vestia roupa de policial, mas era claramente um oficial, pois os policiais mudaram sua postura quando ele se aproximou — Está tudo bem, podem soltar o casal.

Ele tinha as mãos ao ar como se fizesse um pedido, mas era uma ordem clara, e os dois policiais nos soltaram. Esfreguei a localidade onde ele havia me apertado e lancei um olhar zangado em sua direção, enquanto se colocava em posição, com a mão sobre a arma.

— Sou Anthony Hopkins, estou chefiando a equipe esta noite — ele ofereceu a mão a Lucca para apertar e depois a mim — Precisamos levar vocês à delegacia para algumas perguntas comuns sobre hoje, tudo bem? — Não estava satisfeita em

deixar minha exposição para trás, mas concordei com a cabeça — Antes disso, preciso perguntar... vocês tocaram em algo na cena do crime?

— Não — Lucca negou tão logo a pergunta foi feita, enquanto eu balançava a cabeça negativamente.

Com a troca de algumas palavras, Lucca colocou seu paletó de volta sobre os meus ombros, depositou um beijo casto em minha cabeça, acima de minha orelha, aproveitando-se do meu momento de choque, e acompanhou Anthony para a entrada do galpão, gesticulando e apontando, provavelmente contando sobre o que havia acontecido até que o tiro fora disparado.

Alguém abriu a traseira da viatura mais próxima e ofereceu para que eu me sentasse, o que concordei sem reclamar, abraçada ao paletó de Lucca. Brendon apareceu alguns momentos depois, oferecendo-me uma xícara de chá de camomila bem doce e leve, que fui bebericando aos poucos por conta de sua quentura. Ele ainda tentou arriscar uma conversa comigo, mas não ouvi o que ele dizia, apenas continuei encarando a parede do galpão e a movimentação dos policiais.

— Ela parece estar em choque — um dos

policiais disse uns momentos depois. Ele parecia estar perguntando se eu teria atendimento médico porque eu tinha ficado muda.

Continuei ali, camomila e pimenta se misturando em minhas narinas, esperando o que mais de ruim poderia acontecer para estragar a noite da minha exposição. Já conseguia ler as manchetes:

Pintura fatal! Exposição de jovem artista termina em chacina.

Não sabia se isso seria bom para me lançar na mídia, ou não. Do sucesso ao fracasso em 5 minutos, tudo porque Lucca cruzara o meu caminho novamente.

— Moça... — levantei a cabeça ao ouvir a voz grossa e arranhada do detetive Anthony Hopkins quase ao meu lado. Não tinha me dado conta de sua aproximação, nem de Lucca atrás dele. Pisquei algumas vezes para demonstrar que estava prestando atenção — Por acaso a senhorita conhecia Jonnathan Kyle?

Conhecia? A pergunta ecoou pela minha cabeça. O nome não me era estranho e apesar de achar que estava em minha lista de convidados daquela noite, não seria especial o suficiente para

que eu me recordasse.

— Ele estava na lista de convidados da exposição — Brendon ainda estava por ali por perto e respondeu quando abaixei minha cabeça — É um empresário de sucesso com alguns novos milhões para gastar.

Enquanto Brendon passava as informações que ele tinha, pois sabia da lista de convidados melhor que eu, estava distraída com algo que guardara na pequena bolsa que levava comigo. Abri-a e tirei dois pequenos papéis amassados. Um tinha uma marca de batom com o nome “Margareth” escrito em uma letra cursiva elegante, e uma série de números rabiscados rapidamente. O outro era um cartão de visita.

Eu empurrei o cartão de visita em direção ao detetive.

— Falei com ele na exposição — minha voz estava fraca, um pouco acima de um sussurro, ao contrário do meu pequeno surto anterior apenas para refutar a mentira de Lucca — Ele flertou comigo e deu seu número. É tudo o que conheço dele.

O detetive pegou o cartão de minha mão com a manga de sua camisa, protegendo o pedaço de

papel de suas digitais. Uma policial chegou correndo com um saco de evidências e ele colocou o cartão de visitas lá dentro.

— Vou precisar que vocês dois me acompanhem até a delegacia agora — Anthony pediu, mas pareceu mais com uma ordem.

Eu já estava na viatura e tudo o que precisei fazer foi escorregar para o outro lado e permitir que Lucca entrasse. Olhei pela janela, ignorando o perfume dele, que parecia infectar o carro, tal como o paletó ao redor de mim. Ainda me dignei a acenar para Brendon quando o a viatura deu partida e saímos pela saída de carga, que dava direto para o galpão. O portão estava aberto desde que os policiais chegaram e parecia estar fortemente guardado agora. Em pensar que aquele era o meu espaço de fuga e silêncio... e agora era só balbúrdia.

Lucca parecia estar tendo uma conversa animada com o policial que dirigia, contudo, eu estava perdida em pensamentos. Aquela era para ter sido a melhor noite da minha vida, e terminei-a no banco de trás de uma viatura policial, lugar que já devia ter sido ocupado por inúmeros bandidos de todos os tipos. Não era para estar acontecendo. Tudo parecia surreal demais, bizarro demais. Era

como se estivesse vendo um filme, não vivendo os acontecimentos.

Onde foi que eu errei?

A chuva tinha nos alcançado na metade do caminho e eu me peguei concentrada nos pingos de água que escorriam pelo vidro. Encostei a cabeça e fechei os olhos, cantarolando algo no fundo da minha mente para tentar voltar a realidade.

O caminho foi encerrado na maior delegacia da cidade, a viatura estacionou ao lado de dois espaços vazios e os policiais abriram ambas as portas para que pudéssemos sair. Um deles ainda me auxiliou e tirou a xícara de chá de mim, quando eu ainda nem notara que a tinha em minhas mãos.

Eu estava encarando a delegacia, torcendo as barras do paletó com nervosismo, quando Lucca me alcançou, dando a volta no carro.

— Você está bem? — questionou.

Sua voz me fez olhar em sua direção, com um arrepio inesperado subindo pelo meu pescoço, informando que as mesmas sensações continuavam após anos sem vê-lo.

— Por que pergunta agora? — retruquei em um suspiro. Minha mente parecia estar voltando a funcionar aos poucos — Há dois anos não parecia

se importar.

— Janet... — ele tentou continuar.

— Podem nos acompanhar? — o policial, que havia dirigido, chamou.

Segui-o, aliviada em poder encerrar aquela conversa, porque eu já estava cansada de drama por aquela noite. Resignado, Lucca nos acompanhou. Fomos guiados para além da área comum da delegacia, passamos por portas restritas à autorização e nos deixaram sozinhos em uma salinha com café e biscoitos, pedindo que aguardássemos o detetive chegar da cena do crime.

Eu suspirei, sabendo que Lucca se aproveitaria daquele momento antes mesmo que ele começasse a falar.

— Eu sinto muito — disse, quando não pudemos mais ouvir os passos dos policiais no corredor — Por antes. Fui um idiota.

Não pude segurar um riso nervoso que começou no fundo da minha garganta.

— Bom, pelo menos concordamos com algo — debochei.

Virei o rosto para encará-lo e ele manteve os olhos nos meus, só por alguns segundos, antes de desviá-los, desconfortável com minha postura.

Ficamos em silêncio por um longo momento e, quando resolvi pegar alguns dos biscoitos na mesa do outro lado da sala, ele tomou coragem novamente e disse:

— Eu realmente sinto muito. Gostaria de poder... consertar.

Estava com a boca cheia, não respondi imediatamente, então pude pensar nas exatas palavras que poderia lhe dizer.

— Quando algo quebra, você não consegue colocar inteiro novamente, apenas remendar — queria ter sido menos sutil, mas algo em seus olhos me fazia sentir um gosto amargo em minha boca — Nunca mais volta a ser como era antes.

Lucca concordou com a cabeça, ponderando minhas palavras. Ouvi passos no corredor e imaginei que o detetive estava se aproximando.

— Não, realmente — Lucca concordou — mas pode se construir algo novo em cima disso, algo mais forte e melhor.

Encarei-o, assustada com o que ele estava dizendo, porque entendia que era verdade. Meu avô tinha construído uma casa na árvore para minha mãe quando ela era criança, eu era doida para usar a casa na árvore, mas meus pais não me deixavam

ir até lá porque não havia manutenção há anos. Até que um dia meu pai colocou a casa na árvore no chão, reformou e construiu mais dois andares em cima dela. Disse que seria um castelo para mim e minha irmã, chegou a colocar estandartes de pássaros e tudo. Eu tinha nove anos e usei-a até os dezesseis. Cheguei a levar dois namoradinhos lá para ficarmos escondidos, mas no geral usava para ler e ouvir música. Minha irmã, um pouco mais velha, deixou-o para mim quando foi para a faculdade. Quando ela morreu, o forte se tornou insuportável e eu busquei me concentrar em outras coisas... como a Polaroid.

Antony entrou na sala sem cerimônias, sendo seguido por mais dois homens. Com um aceno de cabeças, Antony e mais um dos homens, ocuparam as cadeiras que ficavam em frente ao sofá, onde estava Lucca, o outro foi até a escrivaninha e abriu um notebook. Não tive escolha a não ser sentar-me ao lado do homem que tinha pisoteado em meu coração.

— Boa noite — eles nos cumprimentaram. Lucca e eu respondemos educadamente e então ele continuou — Esses são Sean, meu parceiro, e o nosso desenhista, Carlo. Eles vão nos auxiliar no

depoimento de vocês sobre essa noite.

Sean estalou os dedos e parecia prestes a escrever o novo best-seller do próximo verão. Antony suspirou, como se essa mania do parceiro o irritasse e estivesse aprendendo a conviver com isso.

— Vamos iniciar pelo começo da noite — Antony sorriu, tentando acalmar nossos ânimos. Eu não sabia sobre Lucca, mas me sentia um pouco intimidada — Noite de exposição da senhorita Janet, creio que o senhor Lucca tenha sido um dos convidados ilustres...

Neguei com a cabeça.

— Penetra, tenho certeza — respondi — Convidei os companheiros de banda dele, não ele.

Lucca parecia impaciente e não quis aceitar minha parte dessa história.

— Meu nome estava na lista — ele informou — Parecia que não, a princípio, mas a recepcionista olhou outra vez e estava lá.

Eu apostava que ele tinha dado um sorriso, uma piscadela, e a pobre garota não conseguira resistir aos seus encantos. Eu a perdoava e entendia.

— É possível que o meu agente tenha

colocado o nome dele por engano porque pedi para convidar os outros rapazes — admiti, tentando minimizar a situação.

— Certo — Antony estava meio dividido entre a diversão e o profissionalismo. Sean teclava furiosamente em seu notebook — Presumo, então, que os senhores se conheciam previamente?

— Sim — Lucca respondeu — Janet costumava ir aos nossos shows, ficamos amigos em algum momento, mas tivemos um desentendimento há alguns anos. Fui à exposição com o intuito de tentar uma reaproximação.

O barulho das teclas do notebook ecoava dentre as paredes da sala, registrando cada uma de nossas palavras. Havia algum tipo de código silencioso entre os parceiros porque Antony parecia só efetuar uma nova pergunta quando Sean estava quase terminando de registrar as informações anteriores.

— Senhorita Janet, pode relatar sua noite, por favor?

Tomei ar e concordei com a cabeça. Juntei minhas mãos e, girando os polegares ao redor deles mesmos, tentei organizar meus pensamentos. Comecei com o momento que entrei na galeria e

contei todo o meu passo-a-passo. Minha conversa com Lucca, com os rapazes, as duas vezes que parei para explicar alguns quadros, dando ênfase ao meu encontro com o falecido Jonnathan Kyle, e o momento em que Brendon me contara sobre as vendas.

— E foi muita coisa, sabe? — expliquei — Os quadros e... bom... Lucca querendo falar comigo... todo mundo naquela sala fazendo comentários sobre mim, eu precisei tomar um ar, e então saí para a parte de trás da galeria.

Antony concordava com a cabeça, ao meu relato.

— Sim, estamos do lado de fora. Quanto tempo ficou sozinha antes do senhor Lucca aparecer? — perguntou.

Espera! Eu era suspeita?

— Foi muito pouco, alguns segundos. Eu dei só alguns passos e ele estava atrás de mim, seguindo-me. Conversamos novamente, mas eu não queria conversar, queria... queria respirar. Precisava de espaço — enquanto narrava, parecia que as sensações estavam voltando para mim — Então pensei em ir para o galpão. Mesmo que ele me seguisse, eu podia me trancar no banheiro. Ia

conseguir ficar sozinha, e então...

Minha voz falhou e senti minha garganta apertar. Um formigamento estranho subia pelo meu pescoço e meus olhos começaram a arder.

— Eu abri a porta do galpão e...

Não consegui continuar. Minhas lágrimas começaram a cair inesperadamente e pareci perder a voz outra vez. Antony me ofereceu um copo de água, que aceitei de bom grado.

— Teve o tiro e ela gritou — Lucca continuou, quando não pude — Eu estava bem atrás dela e corri em sua direção e tinha esse cara apontando uma arma pra ela. Puxei-a pro lado, pra longe da porta, porque assim ele não iria nos ver, e os seguranças chegaram correndo. O homem passou correndo por nós e teve um tiroteio. Puxei-a pra dentro do galpão pra nos protegermos um pouco mais e ficamos ali até vocês chegarem.

Antony estava curvado para frente em nossa direção, concordando com a cabeça. Ele parecia satisfeito e me dei conta de que não éramos suspeitos. Se fôssemos, não estaríamos dando um depoimento juntos.

— Podem nos dar uma descrição desse homem com a arma? — pediu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu parei para pensar um pouco e Lucca parecia refletir também. Tínhamos visto o homem por apenas uma fração de segundo e era difícil recordar dos detalhes.

— Lembro que era alto — eu disse, minha voz ainda falhada pelo choro, recordando-me da primeira coisa que reparei — Jonnathan parecia bater na altura de seu ombro, então uns vinte centímetros mais alto?

Carlo, agora, estava mais atento que todos, embebendo-se de minha descrição. Antony leu a informação em um formulário de que Jonnathan tinha um metro e setenta e cinco.

— Tinha um cavanhaque — Lucca falou, parecendo um pouco inseguro — Ruivo ou loiro.

— Isso, ruivo — concordei — Olhos pretos como carvão, grandes — Carlo começava a desenhar e travei meus dentes. Como artista, minha função era ajudá-lo ao máximo — Arredondados. Nariz achatado, parecia ter sido quebrado algumas vezes.

— Magro — Lucca tentou ajudar.

— Mas tinha bochechas salientes. O rosto era fino, quadrado, lábios pequenos, mas não reparei no formato.

PERIGOSAS ACHERON

— Um pouco calvo — Lucca parecia um pouco perdido, mas tinha informações pertinentes.

— Eram *entradas* — continuei — Uns três ou quatro dedos de calvície nessa área.

Lucca não tinha nada para acrescentar e eu encarei o chão, pensando se haveria mais algo que pudesse dizer, enquanto ouvia Carlo riscar o bloco, desenhando as feições que narráramos para ele. Mais alguns minutos e ele virou seu bloco para nós dois e eu segurei a respiração.

— É... é isso — Lucca concordou. Apenas acenei com a cabeça, sem palavras.

A visão do rosto do assassino me deixou levemente perturbada, mas não o suficiente para não reparar na maneira em que Sean e Antony se entreolharam. Cerrei os olhos em sua direção, mas Antony interrompeu o momento com uma limpada de garganta, levantando-se.

— Bom... vocês podem aguardar mais um pouco enquanto confirmamos a identidade do retrato falado — disse. Sean e Carlo já estavam à porta — Creio... creio que receberão a visita do chefe do departamento de proteção à testemunha em breve.

Chefe do departamento de proteção à

testemunha?

Antes que eu pudesse fazer a pergunta em voz alta, Antony saiu atrás dos outros dois homens e ouvimos o girar de uma chave, trancando-nos no aposento.

Lucca virou-se para mim, o corpo todo girando com a tensão do momento.

— O que eles querem fazer com a gente? — perguntou, quase atropelando as palavras.

— Não sei — sussurrei apavorada.

As narinas de Lucca estavam infladas enquanto ele respirava ruidosamente como um boi, agitado com a noite infeliz que estávamos tendo.

— Você... ouviu? — Lucca não estava nem conseguindo formular suas frases por conta da agitação e do nervosismo — Sobre a parte...?

Ele não precisava dizer as palavras para que eu entendesse qual era o problema principal.

— Ouvi — respondi, simplesmente.

— Aquele cara deve ser perigoso — sussurrou, como se confessasse um segredo. Apertei meus braços contra meu corpo em um abraço estranho, mas reconfortante — Desculpa, não quis te assustar.

— Não assustou — menti.

Eu não queria ter que abandonar minha vida por ter o azar de assistir um assassinato acontecendo. As coisas estavam começando a se ajeitar, tinha toda a situação com a minha exposição e eu nem tinha conseguido falar com os meus pais! Eles já tinham perdido uma filha, eu era tudo o que restava para eles...

E Lucca?

Olhei para ele, vendo que estava tendo os mesmos pensamentos que eu. A minha língua não pode ser contida dentro da minha boca.

— Não sei como a banda continuaria sem você... — sussurrei.

Era o mais perto de um elogio que eu conseguia dizer a ele depois de tudo que tinha acontecido. Lucca me encarou e concordou com a cabeça, agradecendo.

Suspirei, voltando aos meus pensamentos porque tinha algo naquele homem que mexia minhas entranhas, colocando tudo em erupção.

Será que grandes traumas encobrem os seus anteriores?

Os corredores do posto policial estavam frios e desertos. Parecia que todos estavam tentando resolver o problema do assassinato ao mesmo

tempo. Era um caso que seria noticiado incansavelmente. Um cara rico assassinado na maior galeria de Londres? Com certeza teria comoção popular.

— Por que o mataram? — Sussurrei. Um pensamento que saiu pela minha boca.

Lucca riu, nervoso. Coçou a cabeça.

— Você não sabe mesmo? — Perguntou e eu neguei com a cabeça — A família dele é toda da política, os tios, os avós, menos ele e o pai. Ele é sócio de um monte de empresas e o pai é juiz, está sempre pegando uns casos pesados. Semana passada, ele condenou um chefe de uma gangue, não lembro muito bem como foi, mas passou a semana toda no jornal.

Eu tinha passado os últimos quinze dias correndo com as coisas da exposição e não me surpreendi por não saber de nada daquilo.

— Vingança, então? — perguntei.

— Vingança — Lucca concordou.

Capítulo Três

Ficamos horas naquela salinha à base de água e biscoitos. Lucca ensaiou um cochilo em cima da escrivaninha que Sean tinha usado para digitar nosso depoimento e eu aproveitei os momentos para tirar o celular da minha bolsa e enviar uma mensagem para os meus pais.

“Estou bem.”. Foi tudo o que escrevi.

Não quis dizer mais e colocá-los em perigo à toa. Minha mãe entenderia quando lhes dissessem que eu estava no programa. Se dissessem.

Foi a última coisa que consegui fazer antes da bateria desmaiar. Tinha recebido muitas ligações e mensagens, fosse parabenizando pela exposição, fossem pessoas preocupadas com as últimas notícias, e isso tinha exigido muito do aparelho. Agora era inútil e provavelmente seria tirado de mim.

Não consegui dormir, meus pensamentos estavam consumindo toda a minha energia, mas, ao mesmo tempo, não me deixavam relaxar. Comecei a ler todos os folhetos que encontrei na cômoda ao

lado do sofá e, quando percebi, a claridade me informava que já devia estar no meio da manhã. Um pouco depois que Lucca despertou com a cara amassada, desejou-me um bom dia rouco que entrou em meu ouvido e desceu em correntes de eletricidade pelo meu sistema circulatório, e foi se empanturrar de biscoitinhos. Ouvimos a chave na sala novamente.

— Bom dia — um homem bem apessoado entrou na sala, carregando uma maleta — Peço mil desculpas pela equipe da noite tê-los deixado aqui. Aconteceram muitas coisas nas últimas horas, vim assim que pude — ele me estendeu um pacote pardo que cheirava muito bem — E trouxe um café da manhã.

Meu estômago roncou como se tivesse sido negligenciado até aquele momento e percebi que já tinha quase 24 horas desde a minha última refeição, então abri o pacote com pouca educação e encontrei um croissant e um café da Starbucks. Havia um pacote para Lucca, também, que atacou-o com a mesma ferocidade que eu.

O homem aguardou que déssemos as primeiras mordidas. Eu sentada no sofá, Lucca em pé com o café apoiado na mesinha dos farelos de

biscoito (tudo o que havia restado após a tentativa de café da manhã de Lucca) e o homem tomou para si uma das cadeiras em frente do sofá, colocando a maleta aos seus pés.

— Me chamo Paul Teroff — apresentou-se — Chefe do departamento de proteção à testemunha e, imagino eu, que vocês já tenham entendido o que irá acontecer nas próximas horas.

Lucca e eu nos entreolhamos. Tomei um gole do café quente que seria necessário para me manter acordada e alerta ao que parecia que não tinha como evitar.

— Esse momento nunca é fácil, mas gosto de pensar que todo mundo tem escolha de aceitar entrar para o programa, ou não — ele continuou — Para vocês, porém, a escolha é... quase nula.

“Como são figuras públicas, são alvos fáceis. Se quiserem, irão encontrar vocês em exposições de artes, ou shows, e infelizmente isso torna quase inviável que vocês não sejam contemplados pelo programa. Entendo que é um problema e já deixou claro que os familiares mais próximos serão informados sobre isso. Apesar de não podermos informar quanto tempo será necessário que permaneçam no programa, posso dizer que sempre

somos otimistas em dizer que é uma medida provisória em caso como o de vocês, mas, compreendam, nem sempre é. Depende da gravidade e da extensão dos poderes envolvidos, e, nesse caso, estamos falando da máfia francesa”.

Eu estava quase na metade do croissant quando percebi que ele não iria descer. Lucca já havia devorado o seu e bebericava o café, incrédulo ao que ouvia.

— Então... — Lucca ponderou por um momento — Você está nos dizendo que temos que abandonar nossas vidas, nossos trabalhos, família e amigos, por tempo indeterminado, talvez para sempre, por que a máfia francesa quer nos matar?

Paul suspirou e juntou as mãos em seu colo.

— É um bom resumo, senhor — concordou — Mas vocês sempre têm a escolha de manter suas vidas, correndo riscos e colocando as pessoas próximas de vocês em risco, também — ele continuou — Eu só gostaria de acrescentar... querida, você já terminou de comer? — Perguntou-me. Assustei-me com a argumentação repentina, mas concordei, guardando o croissant dentro da sacola novamente — Vou tentar não assustar vocês... — Pegou a maleta, colocou sobre o colo e

abriu, puxando uma pasta de arquivo parda, e abriu. Mostrou-nos uma foto de uma mulher baleada na testa. Desviei os olhos — Esse é um arquivo com todos os crimes que esse sujeito já cometeu, ou esteve envolvido. Temos sete assassinatos confirmados e já perdemos duas testemunhas que escolheram não entrar para o programa. Esse braço da máfia francesa age na Inglaterra há cerca de uma década, com um total de 150 mortes investigadas. Esse homem, Peter McNoid, é um dos líderes da máfia francesa e posso dizer que, apesar de termos tantos assassinatos atrelados ao seu nome, ele costuma agir apenas como mandante da maioria dos assassinatos que a máfia francesa cometeu em nosso país — eu tinha certeza que meus olhos estavam para fora do meu rosto e Paul suspirou, parecendo cansado — Além disso, muitos sequestros, pessoas desaparecidas, roubos de grande porte... a Scotland Yard está cansada de lidar com a máfia francesa, então espero que compreendam que não estamos muito dispostos a ceder vocês, mas gostaria que compreendessem a necessidade de entrarem para o programa e concordarem com isso. Fica mais fácil para todo mundo.

Ele esperou que digeríssemos a informação que estava nos passando. Confusa, deslizei minhas mãos pelos cabelos e esfreguei os olhos, afastando o sono e o cansaço.

Lucca estava me encarando e não consegui evitar levantar meus olhos em sua direção. Entre toda a névoa de confusão, sono e turbulências, seus olhos pareciam faróis de luminosidade, guiando o meu caminho.

— O que você acha? — perguntou-me, parecendo tão perdido quanto eu.

Apertei os lábios em uma linha fina, espantando o sono e tentando clarear a minha mente. Conseguia compreender a gravidade do problema, mas abrir mão de tudo o que estava acontecendo na minha vida, sem expectativa de ter de volta?

— Eu sei que é a coisa certa a fazer... — sussurrei curvando-me para frente, apoiando os cotovelos em meu joelho e juntando as mãos — Mas... é... abandonar tudo?

— É provisório — Paul nos garantiu — Faremos de tudo para que seja o menor tempo possível.

Balancei a cabeça negativamente. Era

provisório, realmente? Ele tinha falado de assassinatos na casa das centenas de pessoas, máfia francesa, e uma série de crimes. Será que algum dia eu me livraria disso? E, se sim, quando tempo eu perderia vivendo a vida de outra pessoa?

— Não é bem uma escolha, é? — Lucca perguntou, mas não para Paul. Ele olhava em minha direção. Quando sustentei seu olhar, ele deu de ombros — É a única coisa segura que podemos fazer agora.

Ele tinha razão e, com um suspiro, concordei. Paul pareceu aliviado.

— Ótimo! — Exclamou — Bom, acho que vocês devem compreender a dinâmica do programa de proteção à testemunhas e, nesse caso, nosso plano é que vocês sejam protegidos com novas identidades até que McNoid seja preso e julgado, mesmo que haja possibilidades de vocês continuarem no programa após isso.

Acenei meu entendimento com a cabeça, mas Lucca ergueu uma mão à frente do corpo, resabiado.

— Opa, opa — disse — E o que acontece se a gente não quiser testemunhar?

Deixei minha cabeça cair para o lado,

duvidando do que estava ouvindo. Paul virou-se para ele, parecendo pensar um pouco antes de responder, mas tomei o lugar para mim.

— Eu sabia que você era várias coisas, Lucca, mas covarde é novidade.

Lucca olhou para mim e parecia indeciso entre a raiva e a mágoa, mas permaneci firme sob seu olhar. Não havia nada que eu pudesse lhe fazer que sobrepuhasse o tanto de mal que ele já havia nos causado. Paul resolveu ignorar nossa guerra muda, limpou a garganta, e respondeu:

— Você tem até o dia da prisão para se decidir, Lucca — explicou, calmamente — Bom, estão prontos para ganhar uma nova vida?

Eu não estava, mas me levantei junto com ele, simulando um soquinho no ar com falsa animação. Ao menos minha piada muda tinha feito Paul rir, embora tivesse aumentado a carranca que Lucca fazia.

Ele nos guiou por dentro da delegacia, para mais uma confusão de corredores, até parar em uma porta branca. Bateu. Uma mulher de meia idade abriu momentos depois e sorriu, simpática.

— Olá, que bom que chegou. Entre, querida — ela acenou animadamente para mim, seu sotaque

latino fazia com que ela parecesse estar cantando a cada sílaba.

Olhei para Paul, que concordou com a cabeça.

— Essa é a Sandra, ela vai cuidar de... bom, pequenas mudanças para que você não seja reconhecida à primeira vista.

Isso não soava como uma coisa que eu fosse gostar, mas concordei entrando na sala. Lucca fez menção de me seguir, mas Paul segurou-o pelo ombro e os dois seguiram, enquanto Sandra fechava a porta atrás de mim.

— Venha, querida, sente aqui — ela apontou para uma cadeira de cabeleireira, sacudindo uma toalha. Observei a sala pela primeira vez, notando que era um salão improvisado.

Sentei-me na cadeira, meu reflexo me encarava em deterioração. Estava pálida, com olheiras, inchada e tinha perdido alguns quilos porque minhas bochechas pareciam ter diminuído de tamanho desde a última vez que eu me vi. Despedi-me de mim, sem silêncio. Para sobreviver, agora teria que ser outra pessoa.

— Sinto, querida, mas vou ter que fazer algumas mudanças radicais — Sandra continuava falando e parecia ter me analisado e pontuado

coisas enquanto eu me distraía — Tudo bem para você?

Eu soltei um sorriso triste. Não era culpa dela, ela estava tentando me deixar confortável e sendo simpática. Apesar de não achar *tudo bem*, não era como se eu tivesse qualquer escolha.

— Tudo bem — concordei — Só não corte meu cabelo muito curto, eu já tentei algo assim e não gostei.

Sandra concordou com a cabeça e começou a pentear meu cabelo. Durante cerca de duas horas, Sandra cortou, pintou e escovou meu cabelo, desmanchando os poucos cachos que eu tinha. Tentei não ficar grilada enquanto a mudança acontecia, mas quando finalmente acabou, e eu encarei o meu reflexo, realmente parecia outra pessoa. Alguém com cabelos de cor loiro-mel no ombro, e olhos maiores. Ainda tinha algo de mim no formato do nariz e na cor dos meus olhos...

Até que ela me ofereceu uma caixinha.

— Você vai ganhar mais alguns pares disso quando for... — ela disse.

Abri a caixinha, eram lentes de contato azul. Respirei fundo. Tive que me recordar que era para o melhor, para a minha segurança, mudar tanto de

mim parecia ser ruim, como uma traição ao meu corpo, mas era necessário.

Com esforço, e falta de prática, coloquei as lentes de contato e me encarei no espelho. Era isso. Janet não existia mais. Meus poucos amigos e familiares seriam capazes de me reconhecer, mas ninguém mais.

Sandra me chamou para um cantinho da sala, colocou-me contra uma parede branca e tirou algumas poucas fotos com seu celular. Pela posição que ela me colocava, eram fotos para documentos. Após isso, ofereceu-me sanduíches e suco, que aceitei de bom grado, e se retirou da sala.

Enquanto eu comia, passou-se cerca de quarenta minutos antes da porta se abrir novamente. Paul entrou e deixou-se abrir um sorriso.

— Minha nossa, é você mesmo? — perguntou. Parecia uma piada antiga que ele fazia quase sempre, mas embrulhou os dois sanduíches que tinha me dado o trabalho de comer.

— Eu não teria tanta certeza — respondi.

Paul pareceu um pouco sem graça e quis sentir culpa, mas não pude. Tudo estava acontecendo rápido demais e eu nem tinha considerado pensar

em todas as consequências ainda. Minha mente estava embaralhada por causa do trauma e da falta de sono e de sorte. Se eu parasse para pensar no meu trabalho, na minha família...

— Preciso que me acompanhe, venha — Paul pediu.

Voltamos por todo o caminho pela delegacia, até que ele abriu a sala onde estivéramos anteriormente. Entrei, esfregando as mãos uma na outra com nervosismo, sem reparar que já havia alguém ali dentro porque a movimentação de Paul auxiliou em ocultá-lo.

Grandes olhos verdes de um ruivo me encaravam com admiração. Encarei de volta, tão espantada quanto ele parecia. Lucca ainda estava ali, no formato do maxilar, na ponta do nariz, mas boa parte dele tinha sumido e ainda era um dos homens mais lindos que eu me recordava.

Paul caminhou até a escrivaninha, as duas cadeiras estavam, agora, posicionadas à sua frente e Lucca ocupava uma delas. Entendi minha deixa e sentei-me ao seu lado.

— Você está linda — ele murmurou, quando me afundei na cadeira.

Senti meu rosto queimar e apenas concordei

com a cabeça, sem virar o rosto para olhá-lo.

— Bom — Paul bateu na mesa e empurrou duas pastas em nossa direção — Espero que estejam prontos para os seus novos nomes.

Peguei minha pasta com curiosidade moderada e abri-a: uma série de documentos civis, certidões... a foto de Nicole Miller me encarava com seus grandes olhos azuis, acusando-me de negligência familiar, abandono parental e maus tratos aos animais. Demorei alguns segundos para me reconhecer na foto, parecia editada nos pontos em que mais pareceria comigo, como se eu fosse assim antes de uma cirurgia plástica.

Dentre os papéis, uma certidão de casamento me chamou a atenção porque estava datada de cerca de uma semana antes. Os nomes dos cônjuges eram Nicole e Alan Miller.

Ah, eu era casada, então?

— Quem é Alan Miller? — questionei, antes de perceber o tamanho da confusão em que estavam me metendo.

Lucca levantou a mão no ar, quase timidamente. Encarei com os olhos arregalados, sentindo algo crescendo dentro de mim que eu não fazia ideia do que era.

PERIGOSAS NACIONAIS

Até que a pasta que estava em meu colo caiu no chão quando eu me levantei de supetão e chutei a cadeira de rodinhas para longe com raiva.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatro

Paul estava me encarando incrédulo enquanto eu andava de um lado para o outro, puxando os meus cabelos com raiva. Tinha chegado até aqui nessa loucura, concordado em abandonar minha vida, meu futuro, meu trabalho, meus amigos e familiares, mas... estar casada com Lucca era um limite que eu não estava disposta a cruzar.

— Senhorita? — Paul me chamava em repetição, mas continuava a ignorá-lo e a andar de um lado para o outro na sala — Por favor, acalme-se.

— Eu não vou... não vou... — Não conseguia nem dizer as palavras — Isso não dá!

Paul parecia estar usando boa parte de sua boa vontade e paciência comigo naquele momento.

— Senhorita, eu sinto muito, mas os documentos já estão prontos e lançados no banco de dados — explicou — Por favor, acalmem-se. Venha, sente-se.

Eu atendi seu pedido contra a minha vontade, sentei-me e cruzei os braços. Evitei virar meu olhar

para Lucca, metade envergonhada, metade furiosa. Imaginei que iríamos para lugares diferentes, vivendo vidas diferentes? Casados? Não conseguia imaginar.

— Mais calma? — Lucca arriscou perguntar.

— Nem um pouco — resmunguei.

Paul me ofereceu um copo de água, como se isso pudesse melhorar qualquer coisa em minha raiva momentânea. Pensei em passar algum tempo com livros, talvez pintar em segredo em uma casa no interior. Eventualmente, iria socializar com a vizinhança, conhecer pessoas, criar uma vida. Talvez até namorasse. Agora, via tudo isso ruir à minha frente. Eu não estaria sozinha em casa, Lucca estaria passando de um lado para o outro, dominando cômodos, olhares e corações. Não poderia me envolver romanticamente com ninguém porque, de acordo com aquela papelada, estaria casada. Não parecia uma boa vida.

— Preciso que a senhoria entenda — Paul pediu — Para toda a operação, é mais fácil que estejam juntos. Um casamento recém-realizado é uma ótima explicação para um homem e uma mulher morando juntos em uma nova vizinhança — da maneira que Paul explicava, conseguia entender

sua necessidade, mas não queria aquilo para mim — Não tenho mais como mudar o plano e uma mudança, na verdade, nem seria recomendada. Porém preciso pedir que tais hostilidades sejam evitadas, devido às circunstâncias.

Tentei me acalmar e, por fora, devo ter parecido mais tranquila. Por dentro, contudo, estava confusa, com raiva, cansada, e incrédula. Quão azarada eu era para passar por isso? Quando demonstrei ter controlado minha raiva, Lucca passou o braço pela minha cadeira como se estivéssemos em casal no cinema.

— Que bom que conseguiu se acalmar, querida — disse em tom de piada.

Queria me virar e explodir um soco em seu nariz perfeito, mas apenas apertei meus lábios em uma linha, engolindo a resposta atravessada que eu gostaria de dar.

— Ótimo — Paul elogiou meu comportamento — Nós separamos algumas roupas para que iniciem sua vida e vocês podem adquirir mais através da conta bancária conjunta que criamos com suas novas identidades. Conseguimos autorização para transferir parte de seus próprios rendimentos para ela, e aos poucos podemos

transferir o restante — Paul se levantou e caminhou até a porta, chamando-nos — Estamos enviando vocês para uma pequena cidade ao leste de Glasgow, suas malas já estão sendo enviadas ao aeroporto. Se tudo correr bem, estarão em sua nova casa na noite de hoje.

Paul nos guiava pelos corredores como se fosse dono do lugar. Parecia conhecer cada canto, enquanto eu olhava aquilo como um labirinto. Quando parecíamos estar mais próximos da entrada, pois eu ouvia muito barulho de vozes e carros, um jovem ruivo apareceu correndo em nossa direção e parou à frente de Paul, alarmado.

— Senhor, senhor, houve uma mudança de planos — anunciou ele.

Paul pareceu levemente alarmado.

— Qual mudança? — Inquiriu.

— É a zero trinta e sete — respondeu o rapaz espaçando os números como se quisesse dar efeito.

— Está certo, siga com os preparativos. Estamos indo agora para o aeroporto — Paul ordenou. Estava franzindo a testa de preocupação e eu sentia meu coração disparar, sem saber o que estava acontecendo. Lucca, ao meu lado, apertava as mãos em seus bolsos, tentando disfarçar seu

próprio nervosismo.

— Aconteceu algum problema? — Lucca questionou. Sua voz estava um pouco mais fina, confirmando que ele estava tão preocupado com aquele número esquisito, quanto eu.

— Nada com o que se preocupar — Paul nos acalmou — Prontos? Vocês vão embarcar em um aeroporto particular, apenas algumas quadras daqui. Tem uma van esperando pela gente.

Concordei com a cabeça e Lucca pareceu fazer o mesmo ao meu lado, mas não me dignei a olhá-lo. Não era porque agora seus olhos estavam verdes que eles não mexiam com as entranhas do meu intestino.

Saímos por uma porta lateral e entramos na van, enquanto Paul nos dava algumas informações de última hora sobre nossa nova vizinhança, e como reagir em caso de contato com alguém que nos reconhecesse. Como éramos figuras públicas, Lucca mais que eu, era possível.

— Façam piadas, digam que sempre falam isso pra vocês, não pareçam nervosos e embaraçados. Podem também demonstrar surpresa, dizer coisas como “você acha mesmo?”, e relaxem. Se algo acontecer, entre em contato conosco. Meu

número está em seus novos aparelhos telefônicos. Aliás... Vamos precisar confiscar esses aí.

Ele apontou para o meu telefone, morto, sem carga em meu colo. Não queria cedê-lo, mas não tive escolha. Minha bolsa também foi confiscada, assim como o celular e a carteira de Lucca.

Estacionamos já dentro do aeroporto, na pista. Dois aviões de pequeno porte estavam prontos para decolar. Paul nos encaminhou para um, onde pareciam estar colocando algumas malas. Subi na frente e senti a mão de Lucca em minha cintura, amparando-me para me ajudar. Teria sido bem ok, se ele não estivesse milimetricamente descendo o seu apoio, rumo às minhas nádegas.

Virei-me de frente para ele e desferi um tapa em seu peito.

— O que pensa que está faz...? — Lucca tinha um sorriso no rosto ao meu grito, mas não pude prestar atenção, ou continuar minha frase, meu olhar foi pego pela movimentação no outro avião.

Duas macas cobertas estavam sendo carregadas para dentro do avião. Paul entregou os pertences que retirou de nós a um dos funcionários do aeroporto, antes de virar para nós e perceber que eu estivera prestando atenção no que acontecia.

— O quê? — Lucca perguntou, virando para olhar o que me deixara alarmada, mas apenas conseguiu ver Paul caminhando em nossa direção.

Estava tão cansada de lutar contra a maré, minha mente e corpo não estavam mais resistindo às últimas quarenta e oito horas de desgaste e tudo o que eu fiz foi subir a escada e procurar um lugar para me sentar. Lucca me seguiu, sentando ao meu lado, franzindo a testa e olhando pela janela do avião, tentando entender o que me fizera ficar calada.

Fecharam a porta do avião. Seríamos apenas eu, Lucca, e o piloto, por pouco mais de uma hora. O outro avião estava decolando primeiro e eu acompanhei-o levantar vôo.

— Vão encenar nossa morte — desabafei para Lucca. Ele estava envolvido, merecia saber também.

— O quê? — respondeu, chocado.

— Vi levarem dois corpos para o avião e Paul entregou nossas coisas — respondi olhando para ele. Lucca tinha a boca aberta em choque e seus novos olhos verdes estavam arregalados — Vão dizer que morremos.

Ele engoliu a seco. Abaixei meu olhar e

PERIGOSAS NACIONAIS

reparei em uma pequena maleta à nossa frente, em cima da mesa, e abaixo dela estava a pasta com nossos documentos, pelo que pude ver. Tinha um *post-it* colado em cima da mala.

Troquem de roupa antes de desembarcar.

Boa sorte.

P.

Abri a maleta e tinha dois conjuntos de roupas de frio separados, além de dois telefones basicamente idênticos, a diferença entre eles era a capa, uma tinha notas musicais e a outra era um arco-íris. Arrisquei um sorriso pelo carinho de um desconhecido em nos dar pelo menos um pequeno pedaço de nossas antigas vidas.

— Eles não podem fazer isso — Lucca sussurrou.

O avião começou a vibrar e eu fechei a mala, voltando ao meu assento e apertando o cinto ao redor de mim.

— Já fizeram — murmurei de volta, fechando os olhos enquanto o avião acelerava. Fechei minhas

PERIGOSAS ACHERON

mãos contra o braço do assento e senti minha respiração travar.

Demorou alguns momentos, mas senti uma pressão contra a minha mão. Entreabri um olho e vi a mão de Lucca sobre a minha, como se ele quisesse me acalmar.

Virei meu rosto em sua direção e encontrei-o me encarando, uma expressão divertida no rosto.

— Você não tem medo de avião, tem? — perguntou.

Ele queria me acalmar, mas também rir da minha cara. *Tudo bem*, esse era o tipo de coisa que eu conseguia aceitar. Tinha um pouco de medo de avião, sim. Meu coração permaneceu acelerado até que o ângulo do avião ficasse menos inclinado.

— É um pouco irônico, não? — perguntei, voltando a olhá-lo — Eu ter medo de avião e acabar morrendo por causa disso.

Lucca sustentou meu olhar por apenas um momento, mas desviou incomodado. Não estávamos prontos para discutir aquela parte do problema, a parte em que as pessoas que nós amávamos chorariam por nós, achando que estávamos mortos, enquanto nós estaríamos brincando de casinha em algum lugar ao leste de

Glasgow.

— O vôo só deve durar pouco mais de uma hora... — Lucca mudou de assunto, voltando ao meu medo de avião — Não precisa ficar nervosa. É o modo mais seguro de se viajar.

Ele não estava mais prestando atenção em mim, seu olhar estava na janela do avião, observando Londres diminuir e se distanciar.

— Você vai sentir falta? — eu arrisquei a pergunta. Ele me olhou confuso — De Londres, eu quero dizer.

Seu sorriso estava triste e não chegou aos seus olhos, sequer levantou suas bochechas.

— Mais dos caras do que da cidade — confessou — Vou sentir falta da banda e de fazer shows. Não quero nem pensar no quão mal eu vou fazer pra todo mundo com essa história de que eu morri.

Ele se interrompeu e engoliu a seco. Achava que nós dois precisávamos de um momento a sós para digerir a informação, mas tudo o que tínhamos era um ao outro. Resolvi devolver a gentileza e afastar o assunto, que parecia incomodá-lo.

— Legal da sua parte se preocupar com eles — respondi.

Não soube como continuar o assunto e desviei o olhar, procurando algo que me distraísse por uma hora em qualquer outra parte do avião.

— E você? — ele me perguntou, fazendo-me encará-lo novamente.

— Eu o quê? — disfarcei.

Eu meio que fazia isso com frequência. Perguntava, ouvia, mas pouco falava. Gostava de entender as pessoas, suas motivações, mas deixá-las me compreender... era como me expor demais.

Porém, tinha algo em Lucca... algo no brilho do seu olhar, no tom opaco de azul que eu enxergava atrás das suas lentes verdes, e o poder que ele tinha sobre mim... algo que me fazia abaixar as guardas, mesmo com todas as feridas ainda abertas.

— Vai sentir falta de Londres? — questionou, explicando-se.

— Vou sentir falta de Brighton — respondi, por fim — eu moro lá.

Lucca parecia confuso e sua curiosidade brilhava em cada poro de seu rosto.

— Achei que você morasse no centro de Londres — sussurrou — Ao menos, você morava.

Pisquei duas vezes para absorver a

informação. Tecnicamente, era possível que Lucca soubesse que eu morava em Londres, mas especificamente no centro? A única pessoa que sabia era John, que tinha me levado em casa depois daquela noite horrível, e em algum momento depois, acabei descobrindo que Londres era... barulhenta demais para mim.

— Morava — confirmei, com cuidado. Sentia-me pisando em terreno instável — mas surgiu uma oportunidade de estudar em Brighton com bolsa e eu me mudei. Acabei percebendo que gostava muito mais de lá... e vou sentir muita falta.

Lucca sorriu, amigável, e eu voltei a olhar para a frente, lendo alguns avisos colados atrás da parede da cabine do piloto. Lucca suspirou e voltou a olhar pela janela, despedindo-se de sua cidade. Ficamos em silêncio por vários minutos.

Havia uma certa eletricidade no ar, uma tensão quase palpável, algo que estava entre nós dois desde a galeria e não dissipava de forma alguma, apenas tinha ficado esquecida por conta dos últimos acontecimentos.

— Escuta... — Lucca chamou a minha atenção e eu me virei pra ele mais uma vez — Eu te fiz muito mal? — perguntou.

Piquei longamente e respirei fundo, concordando com a cabeça. Não era o assunto que eu queria trazer a tona, mas teríamos que conviver pelos próximos meses, anos, ou pela vida inteira, então só dei de ombros e aceitei.

— É — concordei — mas se não fosse você, eu não teria começado a pintar, então... — encarei minhas mãos, incomodada com o assunto.

Lucca ainda esperou que eu estivesse disposta a terminar a frase, mas não o fiz, então, voltou a falar.

— Eu realmente sinto muito — sussurrou. Concordei com a cabeça, ainda mantendo meus olhos em minhas mãos — Você vai conseguir esquecer isso, e me perdoar, um dia?

Sem conseguir me conter, arrisquei levantar meu olhar e encará-lo. Realmente não estava delirando: conseguia enxergar o verdadeiro tom de seus olhos por trás das lentes e isso me fazia hiperventilar.

— Acho que sim — sussurrei me arrependendo imediatamente. Lucca abriu um de seus sorrisos arrasadores e meu estômago começou a revirar de apreensão — Talvez um dia — continuei. Seu sorriso diminuiu, mas ele parecia

satisfeito, por hora.

O silêncio voltou a reinar e eu estava rezando que fosse assim pelo resto da viagem. Tinha muita coisa acontecendo e lidar com meus sentimentos por Lucca... não era algo que eu pudesse fazer agora. Seu questionário, sua atenção e cuidado comigo, estavam me fazendo cair em seus encantos novamente e tudo o que eu queria fazer era chegar em Glasgow e conseguir dormir. Talvez meu cérebro voltasse a funcionar depois de algumas horas de sono.

Acabei cochilando nos últimos minutos de viagem e sonhei com nosso avião caindo no meio do mar. Acordei alarmada com um leve sacolejar de Lucca, informando que já havia se trocado. Reparei nele por um momento: Alan Miller. Ele realmente parecia outra pessoa.

E eu, Nicole Miller, precisei de apenas cinco minutos para trocar de roupa e vestir meus encasacados. Cumprimentamos o piloto e ele nos deu algumas últimas especificações, informando que havia um carro alugado em nosso nome e que nós poderíamos retirar a chave na locadora.

Parei em uma lanchonete para fazer minha alimentação, enquanto Lucca ia buscar a chave,

alegando estar sem fome. Tinha uma nova carteira com alguns cartões e documentos. Testei minha nova senha, a data de meu casamento com Lucca/Alan. Comprei alguns biscoitos para nossa viagem.

Encontrei-o na saída do aeroporto para o estacionamento, girando a chave do carro nos dedos, apoiado contra o carrinho com nossas malas. Tinha colocado seu cachecol e eu não pude conter um sorriso. Adorava quando ele vestia cachecol.

Balancei a cabeça para afastar o pensamento. Caminhamos até o carro, Lucca empurrando nossas malas, e eu tomando um gole do café que comprei. Estava bem mais frio que Londres e minhas bochechas queimavam contra o vento, então agradei quando Lucca abriu a porta do carro para que eu entrasse, antes dele guardar nossas malas.

Ele entrou no carro assim que pode, fechando a porta e esfregando as mãos.

— Sabe? — perguntou, parecendo estar em um pensamento alto. Riu consigo mesmo e balançou a cabeça — Não, acho que você não sabe.

— O que eu não sei? — perguntei, enquanto ele ainda achava graça.

— Que eu lembro...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinco

Eu ri, fazendo pouco caso de sua declaração, sem compreender o que ele estava falando. No fundo, compreendia que queria me dizer algo de nosso passado, talvez das nossas brincadeiras, ou do tempo que havíamos passado flertando um com o outro, ou então que lembrava de algum costume, ou mania minha.

— Do que você lembra, Lucca? — tentei manter o mesmo tom divertido de antes, brincando com a sua cara, enquanto minha mente desfilava uma lista de opções do que ele poderia se lembrar, para me preparar para o que estava a vir.

Nada poderia ter me preparado.

Lucca se aprumou, sentado no banco do motorista. Tinha algo de sapeca em seu rosto, como se estivesse prestes a confessar alguma travessura para a sua mãe. Se não estivesse tão preocupada e cansada, talvez considerasse achar aquela expressão fofa. Pelos velhos tempos.

— Daquela noite... — seu sussurro buscou arrepios no âmago do meu corpo. Comecei a me

preocupar com o fato de realmente morrer de ataque cardíaco — Lembro-me do seu corpo... — meu coração reclamou e parou de bater por longos segundos com um gemido de sofrimento — Lembro de como você gemia alto quando eu...

Ele se calou, aproximando seu rosto, e levou a boca a quase encostar em minha orelha, disparando meu coração em um frenesi, que jamais pensei sentir novamente. Meu olho se fechou automaticamente e senti seu riso ao reparar minhas reações corporais.

— Lucca... — foi tudo o que eu consegui que saísse de minha boca. Engoli em seco, sentindo a sua respiração bater contra os pelos da minha nuca — Não brinca com isso...

Ele respirou fundo, exasperado.

— Tem certeza? — perguntou, sua voz arranhando as paredes do meu ouvido, tão próxima, tão desejosa... — Eu posso te mostrar tudo que me lembro. Estava querendo relembrar mesmo...

Algo em minha respiração entrecortada, e meus olhos apertados, deram a resposta positiva que ele precisava para me provocar mais um pouco. Depositou um beijo demorado atrás da minha orelha que arrepiou até os pelos do meu dedão do

pé. Deslizou seus lábios até o lóbulo da minha orelha, e mordiscou-o, rindo entre dentes da minha reação, porque abri a boca e mal consegui conter o gemido.

Ele deslizou os lábios pelo meu pescoço, suas mãos ágeis desfazendo o nó de meu cachecol para abrir o espaço para si. Algo dentro de mim começou a se desmanchar, como água, e meu corpo reagia, implorando por mais. Sentia que poderia desmaiar se eu não conseguisse pará-lo.

Senti seus beijos subirem pela linha da minha mandíbula até meu queixo e nossas bocas estavam a poucos centímetros de distância de se encontrarem, nossos narizes encostados um no outro. Sentia sua respiração na minha, descompassada e apressada, como se tivesse perdido o controle tanto quanto eu. Seu hálito batia em meu rosto, chamando-me para provar seu gosto, para encontrar o desfecho inevitável daquela tensão.

Sua demora me fez abrir os olhos e encontrei-o me observando atentamente, esperando o meu aval, educado e receoso com minha reação. Parecia apreensivo, mas paciente, deixando que a decisão fosse minha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi por isso que eu perdi a razão.

Fechei meus olhos e, rapidamente, findei o espaço entre nós, grudando nossas bocas, e isso foi o que ele precisava para reassumir o controle da situação. Suas mãos adentraram no meu casaco, por cima da blusa de frio que eu vestia, apertando minha cintura naquele ângulo torto e esquisito que tínhamos encontrado para nos beijar. Eu o puxava pelo cachecol, tentando trazê-lo mais para perto, fingindo que não estava me enfiando na pior das furadas de todos os tempos, ignorando o freio de mão entre nós, tal como ignorava os avisos de perigo que brilhavam no fundo da minha mente.

Como se lesse meus pensamentos, ele me puxou com força e destreza pela cintura e, antes que eu percebesse, estava em seu colo. Meu casaco tinha desaparecido em algum momento de nossa movimentação e, agora, Lucca enfiava suas mãos por debaixo da minha blusa, apertando minha cintura com força com uma das mãos enquanto mantinha a outra passeando entre minha coxa e minhas nádegas.

Precisei afastar minha boca da sua por um pequeno momento para soltar um choro baixinho de desejo ao sentir sua excitação entre minhas

PERIGOSAS ACHERON

coxas. Nós mal tínhamos começado e sua rigidez estava no ápice, deixando-me saber o quanto ele me desejava. Aquilo não estava fazendo sentido em minha cabeça, mas também não estava conseguindo pensar, e tudo o que eu fiz foi tentar normalizar minha respiração, pelo menos um pouco, enquanto dedilhava sua mandíbula, sentindo os pelos de sua barba rala espetarem meus dedos. Seus olhos me encaravam, abismados, encantados, perdidos em desejo. O verde era estranho, mais do que o ruivo em seus cabelos, porque a cor de seus olhos sempre foi o que mais me chamava a atenção, os tons mudavam dependendo da estação, ou da iluminação no ambiente. No outono e no inverno, adquiriam um tom um pouco mais cinzento, e à noite ficavam em um perfeito e magnífico azul metálico que sempre me tirava o fôlego. Encarar, agora, a versão opaca e falsificada de um verde-garrafa me confundia, mas dava pra ver... se eu prestasse atenção, estavam lá, todos os riscos metálicos no fundo do tom verde, indicando-me que era Lucca que estava ali. Em algum lugar, ele ainda estava ali.

Meus dedos dedilharam a mandíbula dele em direção ao queixo, fazendo-o fechar os olhos para apreciar a carícia. Aproveitei esse momento de

fraqueza e rendição dele para morder seu lábio inferior de leve. Senti sua risada em minha boca e algo se perdeu dentro de mim, estremecendo meu corpo. Ao sentir minha entrega, Lucca voltou a tomar conta da situação, devorando minha boca com luxúria, apertando minha cintura e me puxando para grudar meu corpo no seu. Gemendo, entre beijos, deslizei minhas mãos por debaixo do tecido das roupas que ele usava, sentindo seu abdômen. Lucca grunhiu quando minhas mãos deslizaram quase ao limite de sua calça e começou a deslizar sua boca pelo meu pescoço, fazendo-me arfar e gemer.

Fazia frio em novembro, e eu já não o sentia mais. Estava me sentindo em pleno verão com o calor que Lucca me causava.

Fora do carro, o vento rugia e a neve começava a cair, mas derretia antes de chegar ao chão, virando uma chuva mais gelada que o comum. A temperatura devia estar próxima à zero, mas nós dois estávamos suando dentro daquele carro no estacionamento do aeroporto.

Arrisquei entrelaçar os meus dedos pelo seu cabelo ruivos, puxando com mais força a cada vez que ele fazia meus pelos se arrepiarem com suas

carícias. Gemia baixinho enquanto seus lábios deslizavam pelo meu pescoço, ombros e orelhas, e nem percebi quando Lucca puxou minha blusa por cima de minha cabeça, exibindo a peça de sutiã rosa que eu vestia.

Suas mãos envolveram um seio de cada vez, mostrando o devido entusiasmo ao me encarar com seus olhos arregalados em uma expressão de satisfação. Mordi meus lábios, tentando me conter aos seus gracejos, mas Lucca pareceu perceber o que eu estava tentando fazer e era o suficiente para voltar a me provocar.

Quando seus lábios tocaram em meus seios, achei que não iria suportar toda aquela tensão acumulada em meu corpo e iria me derreter por dentro. A irritação com seu comportamento errático nos últimos anos tinha desaparecido da minha mente e tudo o que eu pensava era que precisava de mais, e agora!

Minhas mãos finalmente escorregaram para a sua calça e começaram a soltar o cinto de seu jeans, ensandecidas e desesperadas pelo que viria depois de nosso despir. Meus dedos se embolaram, nervosos, e, por aquele momento, decidi apenas passar a mão pela extensão de sua ereção, por cima

do tecido, ouvindo seu grunhido de desejo.

Para me recompensar, Lucca começou a tentar tirar minha calça, mas também se enrolou. Apoiei meus joelhos no banco do carro e me suspendi para auxiliá-lo na remoção, mas sua movimentação me causou um desequilíbrio e eu escorreguei para trás, batendo as minhas costas contra a buzina do carro que acabou soando pelo estacionamento.

O barulho me fez despertar, trazendo a realidade para mim em um só golpe. Lucca pareceu ter um momento de estagnação, arregalando seus olhos verdes em minha direção, antes de correr os olhos pelo estacionamento, em busca de alguém prestando atenção em nós. Quando se deu por satisfeito, voltou-se para mim, um sorriso tranquilo no rosto, seus dedos ainda envolvidos no botão da minha calça, os olhos ao me admirar, tentando controlar minha respiração e a minha sanidade, que havia acabado de recuperar.

Ele ainda avançou para me beijar, mas virei o rosto, e seus lábios apenas encostaram no canto. Empurrei-o, usando o máximo da minha força de vontade, jogando-o contra o banco do motorista antes de me recolher no banco ao seu lado, buscando meu casaco e me vestindo rapidamente,

sentindo a culpa queimar por trás das minhas orelhas e a luxúria incandescente em cada veia do meu corpo.

Lucca não conseguiu nem virar o rosto para me olhar, continuou encarando o vazio que eu deixara, a respiração fora de ritmo, arrepiando-me por inteira. Eu precisava de algo para me concentrar, ou me arrependeria. Estava pronta para ceder aos seus encantos novamente. Em um assombro de praticidade, abri o porta-luvas do carro e tirei o mapa das estradas da Escócia, começando a analisar o caminho para Charlie's Village, onde faríamos residência nos próximos meses, anos ou... eternamente.

— Você precisa virar à esquerda, na saída do aeroporto — anunciei, tentando manter a voz firme, mas falhando no meio da frase por conta dos espasmos de prazer interrompido que meu corpo estava tendo, reclamando de minha decisão. Pigarreei — Podemos ir, ou está esperando alguma coisa?

Eu sabia que estava cutucando uma onça com vara curta, mas as palavras só saíram, ganhando forma e vida própria. Lucca virou o rosto para mim e havia incredulidade em cada milímetro de sua

expressão. Pela primeira vez, agradei suas lentes porque diminuía o efeito que ele causava em mim.

— O... O quê? — engasgou-se, meio perdido, tentando entender o que tinha acontecido, e como nós havíamos passado de um amasso quente para a análise de mapas em trinta segundos.

— Você pode começar ligando o carro, quem sabe? — Sugeriu, em tom leve, quase compadecida de seu sofrimento porque era o meu também.

Sua confusão começou a dissipar e se transformar em angústia. Inspirou profundamente, parecendo pedir que seu corpo compreendesse o que a mente estava começando a entender.

— Eu só preciso... preciso de um tempo — informou, encostando a cabeça no volante enquanto respirava com força, tentando se acalmar.

Parte de mim estava com pena, a outra parte ainda estava agonizando por ter o prazer negado.

Deixei que ele tivesse seu tempo. A tensão ainda presa conosco dentro do carro, tão palpável que poderia senti-la escorregar pelos meus braços e circular minha barriga. Lucca resmungava baixinho, contando até 10 e voltando a contar, medindo sua respiração em meio aos números.

Fingi ler o mapa, mas estava ainda presa aos arrepios que sua voz rouca me causava.

— Por que você não fica com o mapa, então?
— aconselhei — Posso dirigir enquanto isso.

Ele negou com a cabeça enquanto eu dobrava o mapa e o colocava sobre minhas coxas.

— Não sou muito bom em leitura de mapas. Ainda mais depois... — ele não completou a frase, mas não precisava. Foi o suficiente para minhas bochechas ganharem cor — Me dê só...

A porta do carro se abriu e se fechou, interrompendo suas palavras. Lucca saiu e um vento frio tomou o lugar do calor de sua pele. Observei-o enquanto ele encostava as costas na porta do carro e escorregava, enquanto alguns pequenos flocos de neve derretiam em seu cabelo avermelhado. Aproveitei o momento para encostar a cabeça no vidro do carro e respirar fundo, pedindo para o meu corpo se acostumar com a ideia de que isso não iria acontecer se dependesse de mim. Não estava disposta a ceder para Lucca, não importava o quão persuasivo ele pudesse ser.

Uns dois minutos se passaram antes da porta se abrir novamente e Lucca ocupar o banco do motorista com uma fúria incontável, ligando o

PERIGOSAS NACIONAIS

carro e se movimentando com mais força e destreza que o habitual.

— Esquerda e o que mais? — exigiu saber.

Cocei meus olhos, afastando as horas de sono que meu corpo exigia, e voltei a desdobrar o mapa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Seis

— Vamos lá, repete pra mim — Lucca pediu — Onde foi que a gente se perdeu?

Uma hora depois de termos saído do aeroporto, a chuva já tinha se dissipado, deixando o tempo cinza já quase escurecendo e as pistas molhadas e escorregadias, tornando nosso caminho mais lento ao evitar acidentes. Eu nunca tinha ido até aquela parte da Escócia antes, estava um pouco confusa... e tínhamos nos perdido por causa disso.

— Eu não sei — desabafei, olhando o mapa novamente — O caminho parece certo pra mim, mas você virou à direita quando eu disse pra seguir em linha reta, dizendo que era um atalho. Pode ter sido aí.

Lucca revirou os olhos, fazendo uma careta.

— Ah, e agora a culpa é minha? — resmungou, seu mau humor estava evidente por causa do coito interrompido. Estava tentando não julgá-lo por isso, mas gostaria que ele me fizesse o mesmo favor — Você me falou para avisar em cima da hora e, se você não percebeu, a pista tá

molhada e se eu fizer uma curva fechada, a gente morre.

— Olha, me desculpa, ok? — proclamei, querendo encerrar aquela briga sem sentido — Eu estou sem dormir há quase três dias, tentando ler esse mapa que eu não entendo, e posso ter cometido um erro sim, tá? — cocei minha cabeça, tentando entender o caminho que tínhamos feito.

Lucca travou ao ouvir minhas palavras e percebi que estava fazendo um esforço em transformar sua carranca em uma expressão normal.

— Me desculpe — sussurrou — Não quis explodir, estou nervoso porque... bom... você sabe.

As palavras não ditas dançaram pelos limites do carro. Sabia o motivo de seu nervosismo e era o motivo pelo qual eu estava um pouco mais avoada que o normal. A lembrança do que não fora feito ainda estava fazendo minha mente voar pelo que poderia ter acontecido. Por conta disso, enquanto eu traçava o caminho com meus dedos, imaginei-me traçando as linhas de seu abdômen, e não percebi a troca de estrada até que fosse tarde demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo assim, compadeci-me dele e estendi a mão para encostar em seu braço, aceitando o pedido de desculpas.

— Tudo bem — murmurei.

Suspirei, vendo-o fazer o retorno, para encontrar o caminho certo, e voltei a me encolher. Em silêncio, começamos a fazer o caminho de volta pelo acostamento e eu encostei a cabeça no vidro, franzindo a testa para um letreiro que ganhava forma na estrada.

— Tudo bem se você quiser cochilar um pouco — Lucca sugeriu — Eu tento me virar aqui e te acordo se chegarmos em casa.

Arrisquei uma risada de leve para a sua piada, mas balancei a cabeça negativamente. Não achava que conseguiria dormir agora, não com a expectativa das próximas horas serem agitadas. Poderia conseguir tirar pequenos cochilos se o caminho continuasse tranquilo, mas não seria o suficiente. Por hora, apenas balancei a cabeça em direção ao letreiro e sugeri uma parada.

— O que você acha de uma intoxicação alimentar de primeira? — brinquei.

Lucca arriscou uma risada, já ligando a seta para que pudesse virar em direção à lanchonete.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, a gente sempre pode se oferecer para lavar os pratos — resmungou, dando de ombros. Estacionou próximo da porta, entre dois outros carros. Pra aquela hora da tarde, embora já estivéssemos quase sem luz solar, a movimentação indicava que a lanchonete não era tão ruim assim.

Entendi que ele estava falando de nossa ausência de dinheiro, provavelmente achando que ainda não estivéssemos com nossos cartões prometidos pela equipe do programa de proteção à testemunha. Busquei nossas pastas de documentos, esquecidas aos meus pés e peguei nossos cartões. Lucca já tinha descido do carro e estava abrindo a porta para mim, oferecendo sua mão, mas a atitude inesperada me fez agir com estranheza, entregando nossos cartões no lugar.

— Você paga, ou eu pago? — perguntei, saindo do carro enquanto ele estava distraído, tentando entender o que eu tinha lhe dado.

Lucca encarou os cartões, abismado, lendo nossos nomes com cuidado. Ainda ofereci-lhe sua identidade, enquanto pegava a minha e guardava, junto com o cartão dentro do meu sutiã, sob o olhar atento e arteiro de Lucca, que arriscou um sorriso de lado, fazendo com que eu balançasse a cabeça,

incrédula ao arrepio que subiu pela minha coluna.

Ele apoiou a mão em minha cintura, guiando-me pelo caminho. Sobressaltei-me ao toque e tentei me desvencilhar dele, mas ele levou a boca à minha orelha.

— Somos casados, lembra? — indagou.

Apesar do meu sistema pedir que eu não brincasse tão perto do fogo, deixei que ele me abraçasse e me desse um selinho na porta da lanchonete, para que as pessoas vissem que éramos um casal feliz. Até sorri para ele quando abriu a porta, para que eu passasse primeiro.

O lugar não era o mais limpo e agradável de todos, mas estava quente e o cheiro de café, e comida, fez meu estômago roncar. Respirei fundo, levantando o nariz no ar como em desenho animado e isso fez Lucca abrir um de seus sorrisos sinceros. Tentei evitar, mas minha boca moveu seus cantos para cima, automaticamente, em resposta.

— Pode sentar, vou pedir algo pra gente — informou-me.

Antes de seguir sua recomendação, porém, agarrei-me ao seu braço como uma criança exigente.

— Pode ver se tem algo, tipo comida? Carne,

legumes... sei lá, algo que alimente.

Ele riu e concordou com a cabeça.

Lucca tinha as mãos nos bolsos quando se afastou de mim e eu virei para procurar um lugar para me acomodar. Tinham cinco mesas ocupadas por pessoas distraídas em suas próprias bolhas sociais e não prestaram atenção em nós, o que era ótimo. Não fazia ideia de como estavam as coisas em Londres, se a notícia de nosso avião já tinha saído, e não queria que alguém prestasse atenção demais e acabasse nos reconhecendo. Por isso, escolhi uma mesa mais ao fundo da lanchonete, a mais afastada possível de outros ocupantes. Lucca demorou alguns minutos antes de se juntar a mim, balançando seu cartão com uma mão, batendo nos dedos da outra, de forma displicente e despreocupada. Sentou-se à minha frente com uma garrafa de refrigerante.

— O máximo que eu consegui foram hambúrgueres com fritas — explicou-me — Vão ficar prontos em alguns minutos.

Estava um pouco decepcionada, mas concordei com a cabeça. Acho que não teria uma refeição decente até que finalmente pudesse fazê-la em nossa nova casa em Charlie's Village, e isso iria

demorar um pouco. Chamaram por Alan no balcão alguns minutos depois e Lucca só se deu conta que era com ele quando eu chutei-o na canela e rangi uma reclamação entredentes. Ele voltou com nossos hambúrgueres e devorou o seu, rapidamente, servindo-nos de refrigerante. Deixei que ele roubasse minhas batatas sem reclamar, enquanto terminava de comer meu hambúrguer. Por hora, sentia-me satisfeita com minha refeição.

— Bom — Lucca pontuou, um sorriso sapeca brincando em seu rosto — Agora que desperdiçamos nosso tesão em comida, acho que vamos encontrar o caminho certo.

Revirei os olhos, mas aceitei a brincadeira. Uma funcionária tinha acabado de retirar nossos pratos e arriscou um sorriso ao ouvir as palavras de Lucca. Eu sabia que era bom que passássemos a imagem certa, apesar de estarmos longe de onde realmente viveríamos. Precisava me acostumar com aquela farsa.

— Bom, se você mantiver o sangue na cabeça certa, acho que vamos conseguir sim.

Lucca riu baixinho enquanto nos levantávamos. Ele voltou a colocar a mão em minhas costas e permaneceu assim até abrir a porta

do carro para mim. Agradei-o com um aceno de cabeça, tentando controlar minha mente para não pensar besteiras sobre isso. Era a nossa mentira, não era porque ele se importava. Ele *não* se importava.

— Tudo bem... — eu disse, enquanto Lucca ligava o carro — Então vamos lá. Ali, no posto. É só virar à direita.

Lucca me olhou de rabo de olho. Vi sua testa franzir, enquanto analisava o que eu dizia.

— Você é pior *mapista* que eu — riu — Era à direita antes, então é à esquerda agora, não?

Ri, nervosa.

— Me desculpe — Pedi, novamente, pois ele tinha razão.

Lucca riu e deu de ombros, virando à esquerda no ponto combinado. O caminho que se abria à frente deveria continuar em linha reta por algum tempo. Arrisquei seguir o caminho pelo mapa até um retorno em uns vinte minutos. Lucca observou minha movimentação de rabo de olho, enquanto trocava a marcha.

— Por que você não descansa um pouco? — perguntou — Quando eu chegar em Shantron, te acordo. Pode ser?

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradei com um aceno de cabeça, mais por sua consideração do que pelo tempo de descanso. Dobrei o mapa de qualquer jeito e encostei a cabeça na janela, fechando os olhos automaticamente. Infelizmente, a luz do sol tinha baixado e os faróis não deixaram que eu relaxasse completamente, despertando-me toda vez que meu sono me derrubava a um modo mais profundo. Lucca me sacudiu cerca de meia hora mais tarde.

— Perdi o retorno em Shantron — anunciou enquanto eu esfregava os olhos e implorava para o meu corpo sair do modo de relaxamento e voltar a ter atenção.

— Lucca! — reclamei — Onde nos perdemos? — repeti a pergunta que ele havia me feito anteriormente.

— Nós não nos perdemos — afirmou, convicto.

Respirei fundo para ter que aguentar ele recusando o óbvio. Ainda esfreguei meus olhos mais algumas vezes, obrigando-me a acordar.

— Então onde estamos? — questioneei, provocadora.

Ele apertou os lábios e balançou a cabeça negativamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós não nos perdemos, mas você não sabe onde estamos? — resumi o problema da melhor forma que pude.

Ele deu de ombros, apertando as mãos no volante com um pouco mais de força que o normal.

— Nós não nos perdemos — repetiu ele, sem paciência — Estamos numa reta, só não sei em que ponto. *De nada* por ter te deixado dormir.

Achei a chantagem um pouco suja, mas passei por cima disso porque ele tinha me deixado descansar um pouco mais, mesmo sem saber onde estávamos. Fechei os olhos, clareando a mente, e procurei por uma solução simples.

— Podemos parar no próximo posto, então? — questionei — Você enche o tanque e eu pergunto como fazemos para chegar lá?

Ele não pareceu gostar muito da sugestão, mas aceitou. Algumas milhas mais tarde, porém, encontramos uma placa que indicava o caminho para Garelochhead, que ficava próximo de nossa nova cidade, então entramos em um senso comum de que seguir placas era uma boa ideia.

O caminho até Garelochhead foi tranquilo, não era para termos passado pela cidade porque não estava em nossa rota original, havia um caminho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco mais curto, mas gostei. A cidade era bastante charmosa e a estrada pegava uma linha beira-mar que me fez segurar a respiração. Mesmo à furta luz da lua, e na pouca iluminação dos faróis e da estrada, estava levemente apaixonada pelo lugar. Foi a primeira vez que me senti satisfeita e grata por ter sobrevivido à noite da minha exposição, e a primeira vez que cogitei *gostar* da experiência.

Nós dois respiramos aliviados quando a placa de Charlie's Village foi iluminada pelo nosso farol. Ela era tão charmosa como Garelochhead, com casas grandes e gramados de um verde um pouco desbotado pelo inverno. Peguei o endereço de nossa casa na pasta de documentos e fomos checando rua por rua, número por número. Encontramos a rua com um pouco de dificuldade. Era a rua que parecia ter as maiores e melhores casas da cidade e eu não estava esperando uma moradia tão pouco modesta, não nas condições em que estávamos nos mudando, então tentamos vários outros endereços antes daquele. Nosso número foi indicado depois. A casa não era a maior da rua, nem a mais bonita, e ao primeiro olhar me fez sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucca estacionou na frente dela e me encarou. Sem dizer nenhuma palavra, entendi o que ele queria me falar.

Está pronta para isso?

Eu não estava, mas não era como se eu pudesse ter escolha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sete

Nós saímos do carro ao mesmo tempo, olhando para a casa que despontava à nossa frente. Era grande, três andares, ao que parecia, toda em branco gelo, mas com portas e janelas em madeira, num tom de marrom selado, que contrastava e a deixava com uma aparência quase rústica de uma casa de campo.

Bom, pelo tamanho da cidade que víramos, era uma casa de campo mesmo.

Lucca arriscou um sorriso quando voltei para dentro do carro e peguei nossas pastas de documentos. Sacudi, esperando ouvir um barulho de chaves, mas o silêncio me respondeu. Saí do carro novamente e percebi que Lucca estava tirando as malas do carro. Aproximou-se, colocando-as aos nossos pés.

— Gostou da casa, amor? — questionou, falando um pouco mais alto que o normal. Pelo seu pescoço esticado, percebi que ele achava que tinha alguém nos observando.

— É linda, meu amor — respondi, tentando

ocultar a falsidade. Arrisquei continuar, em voz baixa — Nós temos a chave da casa?

Lucca tinha um sorriso amarelo que não poderia ser visto à distância e me abraçou, deixando um beijo casto em minha boca, antes de escorregá-la até minha orelha.

— Estamos fodidos? — perguntou.

Eu ri baixinho. Era possível que estivéssemos fodidos, mas se tinha alguém nos observando, era mais fácil fingirmos que tínhamos perdido as chaves na mudança do que qualquer outra coisa. Lucca me surpreendeu ao me pegar em seu colo e dei um grito, socando seu braço enquanto ele ria. Metade de mim estava gritando em pânico, a outra estava torcendo para que parte daquele teatro fosse verdade.

Quando ele me colocou de pé em frente a porta de casa, em cima do tapete de bem-vindo, estava coçando a cabeça, sem saber como agir. Arrisquei um sorriso amarelo para ele e tentei a sorte, dei um passo à frente e virei a maçaneta.

A porta não abriu com a minha tentativa, mas meu pé sentiu algo protuberante debaixo do tapete. Sem aviso, abaixei-me e puxei a borda do tapete e lá estava: um molho de chaves comum com um

chaveiro cinza. Levantei-me novamente e sacudi à frente dos olhos de Lucca, que sorriu.

— Já te falei como você é incrível? — perguntou-me.

Senti minhas bochechas queimarem enquanto colocava a chave na fechadura e girava para destrancar. Dignei-me a negar com a cabeça, discretamente. Lucca riu baixinho e me deu um beijo na bochecha enquanto eu abri a porta.

Encarei a entrada da casa e engoli em seco ao ver que era realmente chique, de uma forma que eu ainda não tinha experimentado em minha vida. Até tinha uma condição financeira boa, mas aquilo estava mais próximo da riqueza do que de uma vida confortável. O *hall* era em tons de concha do mar, mas os tapetes e o carpete da escada, que subia para o segundo andar, tão logo perto da porta, eram um pouco mais escuros, como baunilha. Dali, dava para ver a sala de estar, também em tons pastéis, como a entrada.

Eu estava contendo meu coração apaixonado por coisas bonitas, mas o suspiro saiu de minha boca antes que eu pudesse perceber. Lucca apenas deu uma olhada e, um pouco mais acostumado com ambientes de alta sociedade, virou-se para buscar

nossas malas sem muito se demorar.

Dei alguns passos para dentro do aposento e senti que o aquecedor da casa estava ligado, em pleno funcionamento. Imaginei que tinham preparado a casa para a nossa chegada, alguém do governo tinha se preocupado em ligar o aquecedor e nos deixar a chave. Agradei mentalmente.

— Quer conhecer a casa? — Lucca perguntou ao voltar e colocar as malas ao lado da porta, fechando-a e protegendo-nos de vizinhos curiosos.

Concordei com a cabeça, um pouco impressionada demais para poder falar alguma coisa. Nosso *tour* começou no aposento mais próximo da porta: a cozinha. Ela era comprida, em cor de gelo, cinza e preto, tirando o piso, que tinha um tom de ocre, quase mogno. Um balcão de centro com a pia ficava logo após os armários e o fogão. Ao fundo, a sala de jantar estava escondida atrás de uma porta branca de correr. Passamos por ela, simples, com uma mesa de tampa de mármore com seis lugares, e saímos pela sua porta própria, de volta para o *hall*.

Entramos na porta à frente e nos deparamos com uma sala de TV, em tons de preto e sépia. Um grande sofá de canto, com esticadores de perna e

pufes, ocupavam a maior parte do aposento, além de uma TV de parede que era quase do meu tamanho. Pelo armário que havia embaixo dela, achei que poderíamos encontrar DVDs e videogames.

— Acho que vou ficar por aqui — anunciei.

Lucca riu, negando com a cabeça, mas nada disse, e quando saiu para investigar o resto da casa, minha curiosidade fez com que eu o seguisse.

O último aposento do andar de baixo era a sala de estar, grande, clara e arejada, tinha uma varanda que dava para o jardim dos fundos. Também contava com uma TV mais modesta do que na sala ao lado, e uma estante com alguns títulos clássicos de livros, como Jane Austen. Meu olhar se deteve no envelope em cima da mesa de centro, o pardo contrastando com o bege.

Sentei-me ao sofá, enquanto Lucca abria a porta da varanda para verificar a área externa.

“Regras comuns:

1 - Nós não recomendamos o uso de redes sociais neste primeiro momento. A facilidade de entrar em contato com entes queridos pode

PERIGOSAS NACIONAIS

dificultar a sua aceitação no programa;

2 - Não entrem em contato com entes queridos, isso poderá acarretar insegurança para todos os envolvidos;

3 - Atividades sociais na comunidade são incentivadas. Quanto mais fizerem parte do comum, menos irão reparar em vocês;

Há um guia, com informações básicas da cidade, imantada fora da geladeira e uma refeição congelada para cada um dentro da geladeira, na cozinha. Qualquer dúvida, o telefone de Paul Teroff está em suas agendas.”.

Bom, o fato de termos uma refeição à disposição já nos tirava uma responsabilidade para mais tarde. Lucca estava fechando a porta para os jardins novamente, e fechando as cortinas, apesar da luz externa ser mínima.

— O que é isso? — questionou, ao me ver com o papel em minhas mãos. Ofereci a ele, que fez uma leitura rápida — Ah, ok, nada muito absurdo.

Foi prático ao rasgar o bilhete em vários pedacinhos e, apesar do meu espanto inicial, acabei

PERIGOSAS ACHERON

por entender que era para nossa proteção. Não teríamos como explicar caso alguém encontrasse aquele bilhete posteriormente.

Havia um pequeno banheiro no térreo que verificamos rapidamente.

Segui-o escada acima e verificamos três quartos. Três suítes. Os tons dos quartos variavam de branco a vermelho. Havia um quarto de solteiro no final do corredor, simples e mais um banheiro comum.

— Vou pegar nossas malas — anunciou, quando fechamos a última porta — Qual quarto você vai querer?

Arrisquei um sorriso tímido quando murmurei:

— Com os móveis pretos.

— Boa escolha — ele concordou. Desceu as escadas e eu fiquei no corredor, pensando no que fazer. Meu olhar se voltou para a escada de madeira escura que levava ao terceiro andar, o sótão. Subi devagar e, no término da escada, havia uma porta. Abri-a e segurei a respiração.

O sótão era todo em tom de marrom escuro, como a escada, mas tinha um grande janelão que dava para ver toda a rua e o mar ao longe. Em frente à janela, pufes e travesseiros estavam

posicionados, como em um convite para admirar a vista. O restante do aposento era vazio como se dissesse: “Ei, aqui você pode ser quem você é, só tranque a porta quando sair”, e eu sentia o convite para encher aquele lugar com telas, aquarelas e cavaletes.

Não resisti ao convite e deitei-me sobre os travesseiros, de frente para o janelão. Em poucos minutos, senti meu corpo relaxar e adormecer.

Despertei algumas horas mais tarde, na cama do quarto que havia escolhido. Demorei alguns minutos para entender e reconhecer onde estava. Meu descanso não tinha sido o suficiente para recuperar todas as horas de sono perdidas, mas o cheiro da comida estava subindo as escadas, e entrando pelas minhas narinas, o suficiente para fazer meu estômago roncar de desejo. Não era só meu sono que tinha sido negligenciado nos últimos dias, a alimentação também não andava muito bem.

Forcei-me a levantar da cama, descer as escadas, e seguir meu caminho até a cozinha. Lucca não prestou atenção quando eu me aproximei, estava admirando a comida dentro do micro-ondas, distraído em seus pensamentos. O relógio em cima da geladeira me informava que passava um pouco

das dez horas da noite.

— O cheiro está bom — eu disse.

Ele se sobressaltou e me deu bom dia, apesar de estarmos à noite, fazendo piada com o meu cochilo. Deixei. O clima estava ameno, entre nós dois, e, apesar de tudo, podia ser mais fácil se continuássemos assim. Ele permitiu que eu comesse sua lasanha enquanto preparava outra para si. Terminei de comer primeiro e me levantei, incomodada.

— Dormi com as lentes — justifiquei, apertando os olhos — Vou demorar pra me acostumar.

Lucca concordou com a cabeça e nada disse. Voltei-me para o quarto, peguei minha mala e busquei pelo pote de lente. Tirei-as no banheiro, com cuidado, piscando demoradamente para me acostumar com a sensação de queimação leve do globo ocular reclamando daquela ideia ruim. Tomei um banho rápido e quente, contente por poder fazer a higiene depois de quase dois dias.

Quando voltei ao quarto, Lucca estava se despindo e eu arregalei os olhos, indecisa entre o ultraje e o prazer com a visão.

— O que você está fazendo? — questionei.

Lucca virou-se para mim, divertido. Tinha removido suas lentes também e trinquei meus dentes ao ver seus malditos olhos azuis metálicos encarando-me e fazendo a eletricidade percorrer por entre minhas coxas.

— Me preparando para dormir com a minha esposa — respondeu.

Pelo frescor, também tinha tomado banho em algum dos outros banheiros da casa. Uma parte de seu cabelo parecia afetada pela água, fortalecendo minha teoria.

Lucca se deitou, displicente, em minha cama e pareceu pronto para adormecer, virado de frente para a parte vazia que esperava que eu ocupasse.

— Lucca, isso é só fingimento, a gente não precisa... dividir a cama — expliquei. Eu não queria ter que dividir a cama, na verdade. Não sabia qual parte de mim iria vencer a batalha: a que estava com raiva, ou a que estava implorando de joelhos para eu me jogar em cima dele.

Ele sorriu, apertando os olhos em uma única linha, parecendo confortável e relaxado.

— Mas podemos, e por que não? — brincou — Não é nada que não tenhamos feito antes.

Apertei meus lábios em uma linha e senti meu

estômago revirar. Acho que foi o cansaço físico e emocional que me fez ter aquele colapso nervoso. Em um momento, eu estava de pé, planejando expulsar Lucca a qualquer custo, no outro estava encolhida no chão, aos pés da cama, chorando baixinho. Talvez sua provocação tenha sido a gota d'água, talvez eu estivesse esperando um momento para fazer isso o dia inteiro.

Lucca surgiu ao meu lado rapidamente, seu rosto preocupado com a minha reação exagerada, mas não disse nada. Talvez ele entendesse o sentimento e soubesse que não era por sua causa, não totalmente. Levantou-me em seus braços e me depositou com cuidado na cama, deixando um beijo casto no meio da minha testa.

— Desculpa, não quis te chatear — disse. Concordei com a cabeça porque me faltavam palavras ao ver seus olhos brilhantes tão de perto — Acho que é importante a gente deixar vestígios que estamos dormindo no mesmo quarto caso alguém nos visite e perceba, mas eu vou... dormir no sofá, tudo bem? — ele apontou para um sofá preto que ficava de frente para a cama, e que eu tinha ignorado até tal momento — Se você quiser conversar, ou sei lá... eu vou estar aqui. Boa noite.

Eu concordei com a cabeça, sem nada a dizer. Meus pensamentos tinham dado um nó com o seu cuidado e atenção. Quem disse que o sono estava disposto a voltar fácil para mim agora?

Apertei meus olhos, virando meu corpo para o lado, tentando ignorar sua movimentação no sofá. Três dias atrás, estava convicta que odiar Lucca era a solução de todos os meus problemas amorosos. Ignorar aquele controle obsessivo e idiota que os olhos dele *ainda* tinham sob mim, mas agora, com ele tão perto... como eu poderia lidar com isso? Ainda que nada dessa maluquice tivesse acontecido, se tivesse sido apenas aquele encontro insistente na galeria... teria repensado sobre meus sentimentos? Sobre as necessidades do meu corpo estar junto a ele?

Talvez até pudesse ter aceitado o convite pra jantar... eu aceitaria nas minhas circunstâncias de agora. Talvez nós pudéssemos ter tentado, talvez eu fosse capaz de aceitar e perdoar, mas não assim. Eu não podia deixar meu coração ser levado e domado do jeito que ele achava que estava fazendo. Não na pressão, não naquele turbilhão.

Talvez depois que isso acabar.

Com esse pensamento, adormeci.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Oito

Acordamos pela manhã sem nada para comer. Lucca estava reclamando de dor nas costas porque, ao que parecia, o sofá não era assim tão confortável; eu comecei a ignorar seu desconforto para não ficar com dor na consciência, justificando que ele poderia, sim, dormir em qualquer um dos outros quartos sem que fôssemos descobertos.

— Acho que a primeira coisa que precisamos fazer é ir ao mercado — sugeri quando Lucca desceu às escadas de roupa trocada — Mas acho que você precisa colocar suas lentes.

Ele arregalou os olhos e subiu as escadas dois degraus por vez, chocado que tivesse se esquecido de colocar seu disfarce. Eu tinha lembrado, pois deixei sobre a pia do banheiro e, ao acordar e fazer minha higiene matinal, encontrei-as lá. Imaginei que demorariam alguns dias antes que isso fosse algo natural para nós dois, e pequenos deslizes seriam cometidos — mas não poderiam ser cometidos na nossa primeira ida ao supermercado.

Peguei o guia de informações básicas da

cidade que estava preso na geladeira e dei uma olhada nas anotações do mapa. Tinha um desenho de uma casa, que indicava onde morávamos, e anotações, como: farmácia, praça, supermercado, restaurante, hospital. Agradei, novamente, à pessoa que tivera esse cuidado e voltei para sala.

Precisava comprar uma bolsa para carregar meus documentos, e meu celular, apesar de ninguém ter meu número. Estava ignorando o aparelho, tentando seguir a regra de não procurar ninguém porque eu estava com muita vontade de ligar para os meus pais.

— Estou pronto! — Lucca apareceu no *hall* de entrada em um pulo, quase derrapando da escada. Percebi que ele deveria estar com fome e por isso estava correndo de um lado para o outro, exigindo ir logo ao mercado.

Vesti meu casaco, que tinha deixado pendurado ao lado da porta, e decidimos ir à pé até o supermercado. Parecia perto e precisávamos conhecer a cidade.

Descemos nossa rua, comentando sobre as casas. Algumas pessoas estavam do lado de fora e nos olhavam com curiosidade. Um ou outro vizinho acenava pra nós, muito educadamente, e

acenávamos de volta.

Viramos a esquina com a rua principal e já podíamos ver o mercado. Não parecia muito grande, mas seria o suficiente para nos prover alimentos, então tudo bem.

— É um pouco assustador, não acha? — Lucca perguntou enquanto caminhávamos. Uma mulher estava correndo rua acima e passou por nós, dando bom dia. Fiz cara de dúvida para ele — Essas cidades pequenas, todo mundo é simpático, deseja bom dia e tal.

Ri alto.

— É que a cidade é pequena, então você não consegue ser mal educado e nunca mais ver a pessoa — expliquei minha teoria — Eventualmente irão se encontrar novamente.

— Faz sentido — ele riu — Minha esposa é muito inteligente — brincou.

Tinha um casal passando por nós e acenou com a cabeça, sorrindo à nossa brincadeira.

— Não enche o saco, Lucca — reclamei.

Lucca riu alto, mais do que o necessário e virou-se, ficando à minha frente. Capturou meus lábios em um beijo um pouco mais desafiador e eu fiquei sem saber como reagir. Afastou-se após uns

dez segundos e murmurou:

— Sou Alan — abraçou-me, com a boca em minha orelha — Você não pode esquecer. Um deslize e tudo já era.

Estava envergonhada e sussurrei desculpas, enquanto ele voltava ao meu lado e enlaçava minha mão na sua, voltando ao nosso caminho para o supermercado. Tentei ignorar os sinos cantando em minha orelha, tentei afogar as borboletas do meu estômago e anestesiar o formigamento em minha mão no contato com a sua, mas tudo o que consegui foi tropeçar na porta do supermercado ao atravessar a porta automática, fazendo Lucca me segurar em seus braços.

— Opa — riu, voltando a me colocar de pé — Parece que alguém cometeu outro pequeno deslize.

Ri de sua piada por fora, mas por dentro meu coração estava andando em uma grande montanha russa, e havia acabado de despencar em caracóis. Envergonhada e sem controle, minhas bochechas ganharam um pouco mais de cor além do normal quando enfrentava o vento frio, e Lucca colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, dando-me um selinho.

Meu coração estava pagando o preço por

PERIGOSAS ACHERON

nosso exibicionismo.

— Obrigada — agradeçi.

Não sabia se pelo suporte, pelo carinho, ou pelo beijo. Não sabia o que estava acontecendo mais. Tinha perdido o controle da minha vida.

— Você precisa tomar mais cuidado, Nick — ele brincou, puxando-me pela mão, ao mesmo tempo em que dava um apelido ao meu nome falso — Não estou disposto a ficar viúvo tão jovem.

— Ah, e você acha mesmo que eu vou te deixar a solta no mercado de novo? — brinquei.

Lucca soltou minha mão e pegou um carrinho enquanto eu me embrenhava no corredor principal, escolhendo o que queria levar. Pensei tê-lo ouvido resmungar uma resposta, mas não entendi muito bem. “*Espero que não*” parecia fazer nenhum sentido para mim.

Tinham duas mulheres no corredor que acenaram para mim, mas seus olhares se perderam atrás de mim e eu ouvi o carrinho se aproximar. Eu entendia o olhar delas, mas não gostei muito. Elas acabaram se afastando cada uma para um corredor, distraídas com suas próprias compras.

— Estão todos te olhando — murmurei, virando-me para ele, e deparando-me com o

carrinho cheio com umas 10 caixas de pizza que eu não fazia ideia de como ele tinha conseguido colocar ali tão rápido.

Ele deu de ombros enquanto eu selecionava metade das caixas para devolver à geladeira. Parecia displicente e relaxado como um adolescente convencido, o que não era compatível com seus quase trinta anos.

— Estou acostumado — respondeu. Revirei os olhos e empurrei as pizzas em seu colo — Ai, mulher!

— Devolva — ordenei. Coloquei alguns pacotes de macarrão dentro do carrinho, ocupando o lugar que antes estava dominado pelas pizzas.

— Ah, por quê? — Reclamou. Estava fazendo bico e agora tínhamos regredido da adolescência para a infância.

— Porque você precisa comer como um homem adulto — expliquei — Pode comer pizzas, mas não todos os dias, e tem que comer brócolis. Pegue brócolis antes de voltar.

Ele não ficou nem um pouco satisfeito em trocar pizzas por brócolis, mas aceitou minha sugestão, mesmo que de cara feia. Enquanto estive sozinha, aproveitei para escolher mais algumas

massas e grãos, enchendo carrinho antes de ir para a área da limpeza.

Lucca voltou com brócolis, algumas frutas, e molho de tomate. Escolhemos nossos produtos de higiene pessoal e ele me ajudou a pegar alguns produtos de limpeza que estavam mais ao alto. Terminamos nosso passeio nos congelados e aproveitamos a degustação de queijos para aliviar nossa fome da falta do café da manhã.

Fui andando para o caixa, enquanto Lucca escolhia alguns dos queijos, dizendo que sabia fazer fondue e que iríamos jantar isso no primeiro dia que nevasse.

— Olá, bom dia — a atendente cumprimentou — São novos na cidade, não?

Sorri, simpática, mas estava nervosa em minha primeira conversa. Já tinha dado um deslize mais cedo e estava apavorada que pudesse repetir o erro.

— Ah, sim, mudamos ontem — uma resposta simples, não poderia errar algo assim.

Ela ia passando as compras sem nem olhar, curiosa, e provavelmente querendo repassar as informações aos outros funcionários do mercado.

— Estão na casa da velha Meg, não? Foi uma pena quando ela partiu, não sabíamos que ela tinha

filhos — contou. Ah, ótimo. Tínhamos parentes.

Resolvi dar uma força para a história.

— Na verdade, meu marido é sobrinho dela — inventei — Um pouco distante, não tinham muito contato, mas parece que ele era o único herdeiro e ficou com a casa, então decidimos nos casar e nos mudar pra cá, recomeçar em um lugar calmo, sabe? Criar nossos filhos longe dos perigos da cidade.

Ela parecia muito satisfeita com seus olhos arregalados de prazer.

— Ah, sim, vocês estão certos! O que estão achando da cidade?

— Ah, é linda, não é? — sorri e fiquei satisfeita em poder contar uma verdade — Estou apaixonada.

A mulher estava contente com as informações que conseguira arrancar de mim e desatou a falar orgulhosamente da cidade, falando os lugares que eu precisava ir para conhecer, o quanto eu iria adorar, e como as pessoas eram simpáticas. Estava quase terminando de passar toda a mercadoria quando Lucca chegou ao caixa, não só com queijos, mas com carne, e contrabandeando duas pizzas a mais, que me fez olhá-lo ameaçadoramente.

— Sentiu a minha falta, amor? — perguntou,

bastante alto, abraçando-me por trás e tentando beijar meu pescoço.

Senti minhas bochechas ganharem cor enquanto uma corrente elétrica subia do meu calcanhar até a minha nuca. Meu sorriso saiu amarelo porque me sentia tremer por dentro e por fora por causa dele.

Lucca e eu precisávamos ter uma conversa. Sabia que teríamos que fingir que éramos um casal na frente das pessoas, mas ele estava exagerando, aproveitando-se da situação para me pegar em meus pontos fracos e me amolecer.

— Não — respondi em tom de brincadeira — Eu e a...

Apontei para a atendente, que se sobressaltou.

— Samantha — respondeu sorridente.

— Eu e a Samantha estávamos tendo uma ótima conversa, e eu nem me lembrava que você estava passeando por aí.

Lucca começou a me fazer cócegas e eu não resisti em soltar uma gargalhada gostosa, tentando me afastar como um réptil rastejante. Samantha estava rindo de nós dois, mas pelo menos causamos uma ótima primeira impressão.

— Idiota — reclamei assim que consegui me

afastar dele, e ele só riu da minha cara.

Enquanto eu pagava, Lucca começou a empacotar as coisas. Despedimo-nos de Samantha com um aceno e Lucca me deu uma piscadela de olho, reverenciando-me.

— Madame — divertiu-se com a minha cara e ofereceu o carrinho para que eu o empurrasse.

Fui me aproximar para ajudá-lo a carregar nossas compras, mas ele me envolveu em seu abraço, colocando um braço em cada lado do caixa atrás de mim, prendendo-me no meio. Parei de andar, virando-me, e foi uma péssima ideia porque ele ainda me roubou um beijo estalado.

— Alan! — reclamei.

— Tô te ajudando, amor — justificou-se.

A mim, restou apenas pisar em seus pés até ele me soltar.

Capítulo Nove

— Bom, acho que você precisa melhorar sua atuação — Lucca reclamou assim que nos afastamos o suficiente do supermercado, e de qualquer outro vizinho que pudesse passar por nós dois.

— Já eu acho que você tem que me dar mais espaço — retruquei — Você não vê casais se agarrando no supermercado igual você estava fazendo. Dá pra manear um pouco, por favor?

Ele tamborilou os dedos no pacote que carregava, torcendo a boca, contrariado. Sua sobrancelha levantou-se em desafio.

— Nós somos recém-casados, Nick — frisou meu novo apelido, mostrando-me que não havia para onde fugir — É melhor você começar a relaxar e a me agarrar do nada também. As pessoas esperam isso.

Neguei com a cabeça, sem conseguir concordar com aquele ponto de vista. As pessoas esperavam que fizéssemos isso em casa, no calor das nossas paredes. Do lado de fora, devíamos nos

comportar e conviver em sociedade, não como dois coelhos, mas eu estava cansada e não queria discutir, queria chegar em casa, desovar aquele peso em minha cozinha e conseguir comer alguma coisa.

— Você é um grande idiota, Alan — resmunguei.

Lucca riu e deu de ombros, sem se importar com a minha ofensa. Resolvi deixar isso para trás. Em algum momento eu iria me acostumar com seus ataques, ou ele iria ceder às minhas reclamações. Resolvi usar o tempo restante para colocar-lhe a par do que havia inventado para Samantha, a caixa do supermercado. Ele não gostou muito da história de ser herdeiro de uma tia distante, mas era uma desculpa plausível para aparecermos na cidade com uma casa comprada e mobiliada sem nunca termos escolhido nada. Provavelmente, a casa tinha ficado para o governo com a morte da idosa, e em vez de colocá-la para leilão, ofereceram-na para o programa de proteção à testemunha. Seríamos gratos por aquilo, era uma casa incrível.

Lucca conseguiu abrir a porta com muito esforço para que pudéssemos passar com as compras. Deixamos tudo espalhado em cima da

bancada de centro da cozinha e pedi que ele separasse as coisas de geladeira para que pudéssemos guardar primeiro. A ideia deu certo, Lucca conseguia reunir grupos de coisas sem dificuldade, separando higiene, limpeza, legumes, congelados, laticínios... assim ficava mais fácil para que eu encontrasse um lugar adequado para guardar tudo.

Nossas compras foram modestas, como se estivéssemos de férias por poucos dias e teríamos que voltar ainda aquela semana para abastecer, mas era o suficiente para que começássemos a nos organizar pela casa. Quando terminamos, a hora do almoço já tinha passado e nós apenas tínhamos beliscado algumas uvas enquanto guardávamos as compras. Lucca acabou me convencendo a comer pizza porque seria mais rápido e daria menos trabalho, em contrapartida me prometeu que ficaria responsável pelo jantar e que ele cozinhava bem, o que eu duvidava um pouco.

O restante do dia foi tranquilo. Lucca estava interessado em investigar a sala de TV e eu fiquei lendo na varanda da nossa sala de estar. Quando estava próximo do horário de jantar, ele passou correndo para a cozinha, tentando não ser

percebido por mim, já que estava obviamente atrasado. Segurei uma risada, marquei o livro, e fui atrás dele.

Ele estava pegando uma bandeja de peito de frango para descongelar quando cheguei à porta da cozinha, pronta para implicar com ele, mas fui interrompida pela campainha da casa, que tocou.

— Ué? — Lucca se perguntou, antes de virar para a porta e se surpreender comigo parada ali.

Ele tinha encontrado um avental em algum lugar e estava vestindo-o por cima da roupa, o que era uma graça. Parecia realmente habituado às artes culinárias.

— Eu vou ver o que é — anunciei, mas Lucca estava ao meu lado logo que dei o primeiro passo. Pôs a mão em minha barriga e me empurrou para trás de si. Encarou-me com os olhos grandes, preocupados.

— Deixa que eu vejo — sussurrou e seu tom era um alerta.

Poderíamos ter sido descobertos? Era claramente isso que ele achava.

Quando abriu a porta, porém, não havia bandidos nos esperando. Era um jovem casal, um pouco mais velhos que nós dois, sorrindo

amigavelmente enquanto seguravam uma torta. O homem tinha os cabelos em um tom acobreado, um pouco mais claros dos que os de Lucca agora, um porte firme, musculoso, como se fizesse trabalho braçal, ou vivesse na academia. A mulher era um pouco mais baixa que eu, e isso era um feito e tanto, os cabelos eram escuros como carvão, e a pele era tão clara que parecia com o tom de nossa parede interna, o que ressaltava seus olhos castanhos e a boca carmesim.

— Oi! — ela disse, animada, assim que Lucca abriu a porta — Somos seus vizinhos da frente. Sou Sarah e esse é meu marido, Jack. Viemos dar as boas-vindas!

Lucca parecia ter travado em seu lugar porque estava esperando algo completamente diferente. Corri até ele e passei o braço por sua cintura, o outro me oferecendo para pegar a torta que Sarah oferecia.

— Ah, é muita gentileza! — agradei — Eu sou Nicole e esse é meu marido Alan. Vocês querem entrar? Meu marido acabou de começar a preparar o jantar.

Eles aceitaram o convite e nos acomodamos na sala de jantar, com as portas abertas para

cozinha, enquanto Lucca preparava a nossa comida. Conversamos por horas, os dois eram muito simpáticos e prometeram nos apresentar a cidade assim que estivéssemos acomodados. Sarah tinha uma floricultura no centro da cidade e Jack era professor de Educação Física na escola, mas também tinha uma pequena academia, onde dava algumas aulas e fazia preparação física de algumas pessoas. Pediram desculpas pelo horário, mas tinham acabado de sair de seus trabalhos e pensaram em nos visitar.

Foi uma noite muito agradável, Lucca fez um frango com aspargos, estava delicioso, e abrimos a garrafa de vinho que tínhamos comprado para comemorarmos a boa companhia.

Quando nos despedimos, eu estava satisfeita com a troca que tivemos com um casal, com a dinâmica entre eu e Lucca, que não tinha sido exagerada, mas me sentia um pouco mal por estar mentindo descaradamente.

Era muito esquisito.

Ainda estranhei a cama no dia seguinte, quando acordei. Minha mente demorou um pouco mais para pegar no tranco, porque consegui realmente relaxar e tirar o atraso do sono, porém,

ao despertar, as imagens da noite da minha exposição voltaram com força, explicando o que eu estava fazendo ali.

O revólver. O tiro. Os olhos do assassino.

Os flashes dos meus últimos três dias trouxeram-me de novo a crise de pânico da noite em que chegamos em casa e me peguei chorando baixinho. Tudo o que eu desejava era que eu pudesse estar na minha cama, em Brighton, vestisse um robe e fosse até meu atelier para pintar alguma coisa nova. Tinha deixado minha exposição para trás, meu maior sonho.

Agora estava tudo de cabeça para baixo. Primeiro: os fantasmas do passado resolveram me assustar quando Lucca resolveu voltar com força para a minha vida. Não me sentia pronta para lidar com essa situação, mas estava tendo que me virar sozinha e podia até admitir que seu convite para jantar poderia ter sido aceito com um pouco mais de insistência da parte dele, talvez as coisas se acertassem para nós dois se ele não fosse um babaca como há dois anos, mas essa não era mais uma possibilidade. Não poderia deixar me envolver com ele agora porque se não desse certo, estaríamos presos juntos em um lugar que não

conhecia.

A verdade é que eu queria me socar por dentro por não ter conseguido me controlar. Se soubesse lidar com minhas emoções, teria continuado dentro da exposição e não seria testemunha de nada, e Lucca poderia não ter me seguido, também. Achava que passar por aquela experiência sozinha talvez fosse mais fácil do que com ele. Ao menos eu só teria o problema de estar no programa de proteção à testemunha e não precisaria lidar com a bagagem emocional que envolvia nós dois.

Compreendia, porém, que se Lucca não tivesse me seguido, talvez não estivesse aqui para contar essa história. Sua rapidez em me puxar para fora do campo de visão do assassino, tinha me protegido de acabar como Jonnathan Kyle. Sua companhia tinha me deixado mais resistente também, e ajudado um pouco na minha sanidade e em permanecer em movimento. Acho que se ele não estivesse fazendo suas brincadeiras, e implicando comigo o tempo todo, talvez eu só iria chorar.

Não poderia colocar a culpa em mim, ou em Lucca, era daquele assassino de uma gangue desgraçada que acabou com a minha vida. Há essa

hora, Janet Stuart, mais conhecida como eu mesma, já tinha sido declarada morta. Por um terrível e ridículo acidente de avião. Logo eu que queria morrer de velhice, tomando Sol, numa aposentadoria tranquila abaixo da linha do Equador, onde as praias são mais quentes e mais acolhedoras...

Depois, todas aquelas transformações em mim mesma fazendo com que eu não me reconhecesse, nem as pessoas que estivessem perto de mim. Eu não era mais eu mesma, eu era outra pessoa, mais conhecida como Nicole Miller, esposa de Alan Miller, que não era nada mais, nada menos, do que a única pessoa na face da Terra por quem eu teria dado tudo e tinha me tratado como nada.

Tinha me obrigado a pensar que ele só queria me usar por uma noite, como uma fã bonitinha que daria para se divertir por algumas horas e nada mais. Isso tinha entrado na minha cabeça, por mais que quebrasse meu coração, e tinha me feito continuar.

Agora, lá estava ele, colocando tapete vermelho para mim, tratando-me com carinho e cavalheirismo, dormindo no sofá porque eu não queria ter que lidar com o fato de que deveríamos

dividir a cama. Isso bagunçava minha cabeça, mexia com as minhas convicções e com a frágil autoestima que eu tinha reconstruído nos últimos anos.

Apertei os olhos e me sentei na cama, olhando para o sofá vazio que ele ocupara à noite. Tinha dobrado sua roupa de cama e colocado aos meus pés, tirando as evidências de que não havia dormido ao meu lado, o que era realmente um problema agora que nossos vizinhos nos visitavam.

Tonta e confusa, arrisquei me levantar porque a companhia de Lucca, por mais indesejada que fosse, afastaria aqueles pensamentos que já estavam me dando dor de cabeça.

Tomei um banho, coloquei minhas lentes e descí as escadas usando uma calça de moletom e uma blusa com dizeres engraçados. Pretendia passar o dia recuperando as energias, já que não tinha acordado muito bem. Cheguei na cozinha sentindo o cheiro delicioso do café da manhã.

— Bom dia! — Lucca me cumprimentou, carregando uma jarra de suco de laranja para a sala de jantar.

Bocejei e isso me impediu de responder o cumprimento imediatamente, enquanto o seguia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele permaneceu parado à porta da sala de jantar, bloqueando o caminho e me impedindo de chegar nas cheirosas panquecas que estavam em cima da mesa.

— Ai, tá bom, bom dia! — resmunguei, tentando empurrá-lo — Me deixa passar, vai?

— Hm? — Lucca perguntou, confuso, olhando para mim — Ah, me desculpe.

Ele deu uns passos para o lado e eu franzi a testa, procurando o seu olhar. Percebi que as portas estavam escancaradas e conseguíamos ver a TV, da sala de TV, dali. Estavam fazendo uma cobertura jornalística de um acidente de avião e eu apurei minha audição para prestar atenção no que dizia.

“O avião caiu na madrugada de sexta para sábado, e as buscas iniciadas na tarde de ontem ainda não tiveram algum resultado. O casal que na noite de sexta-feira presenciou o assassinato de Jonnathan Kyle, tinham resolvido tirar um tempo de folga para esquecer o trauma, quando o avião caiu. Os parentes e amigos do casal...”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez

Senti o mundo congelar naquele momento e as lágrimas voltarem a escorrer pelos meus olhos ao ver a reportagem mostrando minha mão abraçada com minha melhor amiga, as duas chorando em frente a delegacia. Não via meus pais há quase um ano, eles estavam um pouco atrasados para a exposição e nos desencontramos por causa do assassinato. Talvez tivessem me visto sendo escoltada para fora da galeria, mas não os vi. Agora eles achavam que nunca mais iriam nos ver.

Do nada, veio uma necessidade incontrollável de abraçar a minha mãe e eu voei para a chave do carro, abandonada ao lado da pia, na bancada da cozinha. Iria dirigir até Londres e acabar com essa farsa em dois segundos.

Lucca me segurou pela mão, quando tentei sair da cozinha para o *hall*.

— Me solta! — implorei chorando mais do que achei que estava. Ele me puxou para o seu abraço, acariciando meus cabelos claros com carinho — Eu quero a minha mãe!

— Sh... — sussurrou, tentando me acalmar. Por algum motivo, começou a cantarolar uma música de sua banda. Minha favorita. Boas e más lembranças povoaram minha mente, mas seu momento de carinho acalmou meu desespero.

Senti sua voz falhar e percebi que também estava chorando. Seus pais e seus amigos também estavam sofrendo por sua morte e ele também sentia a mesma culpa que eu.

— Isso é tão injusto — murmurei. Estava apertando seus ombros com força porque tinha uma energia de frustração dentro de mim e eu não tinha por onde canalizá-la.

— Eu sei — confessou. Apertou-me com mais força pela cintura e eu agradeci, mais uma vez, por ele estar ali, por ter alguém que entendia aquilo com a mesma intensidade que eu.

Era esse o problema conosco, os artistas. Tínhamos, todos, um dom, seja para pintura, para a música, para as letras, ou até mesmo para esportes, culinária. Nossos dons faziam-nos mais sensíveis, como se fôssemos capazes de recolher os sentimentos do mundo, guardá-los em uma caixinha, e usá-los ao nosso jeito de extravasar em arte. Isso fazia com que a nossa capacidade de

sentir fosse maior, e as coisas parecessem ter mais intensidade, mais drama. O que seria da arte se ela fosse apenas comum?

Alguns de nós não aguentavam seus fardos, ficavam loucos, alguns vestiam como uma segunda pele, prontos para desaguar poemas e canções, deixando os sentimentos transparecerem como águas em um pequeno chafariz no meio da multidão. Não é uma escolha que se faz, é algo que se nasce e se desenvolve, como um pequeno talento, uma pequena chama ainda na infância, e aos poucos, com muito trabalho duro, aprende a filtrar tudo que se passa pela mente com o coração, com paixão incandescente pela música, pela escrita, pela atuação, pintura, ou qualquer outro tipo de arte. Artistas entendem muito mais do que qualquer pessoa possa sequer imaginar, mais do que isso, artistas *se* entendem, e eu podia sentir que Lucca entendia integralmente o que eu sentia nesse momento. Entendia e dividia esse sentimento comigo inteiramente.

A televisão continuou falando da busca dos corpos enquanto ainda chorava abraçada com Lucca. Tudo o que eu queria era voltar para casa, e sentia o coração de Lucca bater com o mesmo

desejo.

Ainda conseguíamos ouvir a televisão narrar sobre a busca dos corpos no oceano, até que ele se desvencilhou do meu abraço e fechou as portas, abafando o som até que ele fosse só um ruído indistinguível ao fundo.

Voltou para perto de mim e me ofereceu a mão.

— A gente não precisa ficar vendo essas coisas, certo? — perguntou. Não tinha o que lhe dizer, mas aceitei sua mão — Vem, vamos comer.

Deixei que ele cuidasse de mim, que me mimasse, porque me sentia mecânica. Ele assumiu o papel de provedor e, apesar de também estar magoado, resolveu focar em cuidar de mim primeiro. Podia ser grata por isso e arrisquei um sorriso.

Nosso café da manhã foi um pouco silencioso, mas harmonioso. Não dava para evitar pensar que nossos entes queridos estavam chorando por nós enquanto estávamos ali. Assim que acabamos, ajudei Lucca a levar os pratos para a máquina de lava-louças e suspirei quando ele me abraçou por trás.

Eu estava triste e carente, então levei na boa.

Tentei interpretar que era apenas um apoio pelo nosso momento difícil, mas...

— Vou dar uma volta, preciso ficar sozinho um pouco — anunciou.

Acenei com a cabeça, concordando, encarando a parede enquanto ele ainda me abraçava, sentindo a forma que seu corpo se moldava ao meu. Ele se afastou e eu me virei, esperando vê-lo sair da cozinha, mas permanecia ali, perto de mim, admirando-me. Pisquei, um pouco surpresa, e ele voltou a se aproximar, capturando meus lábios em um beijo rápido e doce.

— Lucca... — alertei-o.

Ele mordeu minha boca e desceu os lábios para o meu pescoço. O ar ficou preso nos meus pulmões e senti o desejo arder por debaixo da pele.

— Hm? — Perguntou-me, aéreo.

O que eu tinha para lhe dizer? As palavras estavam se embolando na minha mente, sentindo seus lábios rastejarem pelo meu pescoço.

— Por favor... — pedi.

Não saberia dizer se estava pedindo para ele parar, ou continuar, mas ele interpretou como a primeira e parou. O ar finalmente saiu de meus pulmões e respirei, aliviada. Encarei-o, enquanto

ele se afastava, passo a passo, ainda de olhos fechados.

— Nós precisamos conversar — eu disse.

Não dava para continuar daquele jeito, eu não conseguiria suportar, e não estava querendo ceder, não estava disposta a arriscar passar por tudo aquilo de novo, ainda mais presa ao seu lado.

Seu rosto exibiu uma careta, mostrando seu desagrado à minha sugestão de conversa. Ele sabia qual era o assunto e sua falta de disposição estava bagunçando minha cabeça.

— Eu sei — disse por fim — mas eu realmente gostaria de ficar sozinho agora. Tudo bem? — como poderia ser capaz de negar seu pedido quando ele tinha cuidado das minhas necessidades com tanto carinho há apenas poucos minutos? — Obrigado — agradeceu ao me ver concordar com a cabeça.

— Disponha — respondi enquanto ele se virava para sair.

Ouvi-o bater a porta da frente e sair de casa.

Apoiei minhas mãos na bancada da pia, sentindo minha cabeça explodir com o tanto de emoções e pensamentos embolados que tinham me engolido ainda àquela hora da manhã.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha conversa com Lucca teria que ser sincera e limites precisavam ser impostos com urgência. Não poderia deixá-lo brincar com meus sentimentos porque estava triste e carente, já bastava o que tinha que aturar por conta de nossa pequena farsa.

Resolvi começar a preparar a comida para que minha mente se ocupasse. Uma das minhas especialidades, e que eu fazia com facilidade, era lasanha e, como tinha os ingredientes, além dos restos do frango que Lucca tinha preparado no dia anterior, achei que poderia ser uma boa opção. Comecei a preparar a lasanha enquanto minha mente trabalhava em um discurso convincente para dizer a Lucca.

A ideia de que ele me beijava o tempo todo pelo mesmo motivo que eu queria beijá-lo era ridícula em meu ponto de vista, mas remexendo no fundo da mente... ele sempre tinha me tratado bem antes daquela noite. Não era como estava me tratando agora, com cuidados e carinhos, mas sempre fora atencioso, prestativo e conciliador.

Quanto disso seria apenas para me levar para cama, aproveitar-se das minhas curvas, e me jogar fora outra vez?

PERIGOSAS ACHERON

O preço do risco era caro demais e não estava disposta a pagar, não nesse momento.

Tudo o que eu queria fazer era fugir, mas se pensasse bem, poderia dizer que já fugi, só que minha fuga tinha me tirado de um furacão para outro e nada parecia estar no lugar certo.

Uma hora mais tarde, quando estava quase tirando a lasanha do fogo, a porta de casa se abriu e eu ouvi várias risadas masculinas em meu *hall* de entrada. Curiosa, fui até a porta da cozinha e encontrei Lucca, Jack, e mais dois rapazes conversando.

— Oi, linda — Lucca me cumprimentou com um sorriso, aproximou-se, mas apenas colocou a mão em minha cintura — Esses são Marcus e Stuart. Essa é minha esposa, Nicole.

Cumprimentei-os com um sorriso contido, mas queria era torcer Lucca ao meio. Sabia que ele estava tentando atrasar nossa conversa e não gostei.

Tentei ser uma pessoa paciente. Ofereci-os almoço, bebidas, sorri enquanto me convidavam para jogar video-games, mas recusei educadamente. Fui até a sala de estar, onde tinha reparado um computador portátil na estante de livros e usei minha tarde para comprar materiais para o meu

novo atelier, no sótão. Provavelmente estava gastando parte da fortuna de Lucca porque duvidava que meus quadros já tivessem sido pagos a mim quando o governo recolheu e repassou para Nicole e Alan. A ideia de gastar o dinheiro de Lucca por vingança me fez comprar um pouco mais do que realmente precisava.

Mesmo distraída entre pincéis e bisnagas, meu pensamento estava fadado a ir e voltar para Lucca, ouvindo as risadas e reclamações na sala de TV, enquanto eles se divertiam.

Era quase fim da tarde quando Lucca me chamou para despedir-me deles, o Sol já havia se posto e eles precisavam voltar para casa depois de um dia de sábado na casa do novo vizinho.

— Isso foi desnecessário e imaturo — reclamei, assim que fechamos a porta atrás deles.

Lucca sorriu amarelo e virou-se de costas para mim, indo até a cozinha. Segui-o de perto, irritada.

— Eu só quero conversar, você não precisava...

Ele me interrompeu, parecendo estar com raiva.

— Você acha que eu os trouxe aqui porque eu queria fugir da conversa? O mundo não gira

entorno do seu umbigo, garota.

— Ótimo, então! — eu disse — Vamos conversar agora.

Pela cara que ele fez, eu sabia que não era esse o rumo que ele queria que a conversa tomasse. Tive quase certeza que ele estava tentando me guiar para uma discussão e evitar a conversa que eu queria que tivéssemos.

— Sobre o que você quer conversar? — inquiriu mal-humorado.

— Você e eu — respondi — ou melhor, sobre o que não há entre você e eu.

Apoiei-me na bancada de centro e Lucca apoiou-se no armário, de frente pra mim.

— Então conversa — disse.

Sua praticidade me pegou desprevenida, já que estava esperando um pouco mais de resistência e tinha coisas nada bonitas programadas para falar. Naquelas condições, não pareciam mais tão relevantes.

— Hm... bom, eu não acho que você deva ficar me agarrando em todo momento que você tem oportunidade, sabe? — minha insegurança vazou pelas palavras e Lucca cruzou os braços, apreciando minha fraqueza — É que, assim, nós

estamos casados aos olhos dos outros, não aos nossos olhos, então o que aconteceu hoje de manhã... não pode acontecer mais.

— E o que eu deveria fazer? — perguntou, com um sorriso, descruzando os braços. Deu um passo à frente e meu coração pareceu pular em meu peito.

— Não! — alertei-o.

— Não o quê? — questionou. Puxou-me pela cintura e arregalei os olhos ao senti-lo encaixar-se em meu corpo.

Eu queria tanto... mas não podia.

— Eu não... eu não quero... — a confusão estava expressa em minhas palavras, e em meu rosto, dando Lucca toda a confiança que precisava.

Lucca riu baixinho e apesar de estar escondido por trás de tintas e lentes, ainda era a minha coisa favorita no mundo. Não queria que fosse, e lutava contra isso, mas era.

O que eu podia fazer?

— Você não precisa mentir pra mim, sabe? — sussurrou, como se confessasse um segredo — Está escrito em cada coisa que você faz. Seu corpo me diz quando você quer que eu te beije, movimenta-se em minha direção quando quer que eu te abrace,

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos procuram minha boca... como agora, mas suas palavras, elas não. Você está confusa porque pensa demais, mas eu sei exatamente o que eu quero.

— Lucca... — pedi. Precisava que parasse. Nós estavam se formando em minha cabeça e eu... achava que precisava me trancar em algum lugar e me desesperar porque não conseguia lidar com aquilo tudo de uma vez.

— Posso parar se é isso que você quer — continuou naquele tom doce e provocante — Respeitar suas palavras, ignorar seus pedidos mudos.

Fechei os olhos, implorando pelo sim, e pelo não.

Obriga...

Meu agradecimento foi interrompido pelos seus lábios, que pegaram os meus de surpresa em um beijo voraz, ao mesmo tempo em que era doce. Sentia que tinha gosto de despedida e isso fazia ser um pouco triste também, mas necessário. Parecia que nós morreríamos amanhã, pelo desespero dele. O meu corpo foi totalmente imprensado contra a bancada e, ao mesmo tempo, puxado em direção ao dele.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me machucava.

Em seu desespero, mordia, apertava, puxava, fazia-me implorar por mais.

Desceu os beijos pelo meu pescoço e entranhei meus dedos em seus cabelos, arranhando sua nuca com as minhas unhas, ouvindo-o gemer. Sorri, mas por poucos segundos, porque meus pulmões pediam por mais ar para aguentar tudo o que estava sentindo.

Ele voltou a me beijar, levantando-me e colocando-me sentada na bancada, encaixando-se entre as minhas pernas. Foi a minha vez de me permitir gemer.

Como eu ia dizer que não o queria depois daquilo? Como eu ia manter minhas desculpas idiotas, e sem sentido algum, quando ele parasse de me beijar, e falasse um “*E aí?*”.

Era impossível.

Os lábios dele correram para o meu pescoço assim que pude sentir a excitação dele entre as minhas pernas. Quando os lábios dele voltaram aos meus, eram mais doces. Era apenas a despedida que havia sobrado porque tinha passado sua luxúria para mim.

Ele se afastou, passando o dedo da minha

orelha, pela bochecha, até os meus lábios. Eu não consegui deixar de beijá-lo.

Ele sorriu, triste, com isso.

— E você diz que não me quer — sussurrou com a voz quebrada, quase como se eu tivesse magoado seus sentimentos — Nenhum de nós dois consegue se controlar quando isso acontece — suspirou, fechando os olhos, enquanto eu o encarava ainda sem reação — Eu preciso parar agora, ou eu não vou conseguir mais e amanhã isso seria bem pior. Eu vou fazer o que você está me pedindo, mas vai ser bem difícil.

Os lábios dele se encostaram nos meus em um selinho meio desesperado que quase me fez cair pra trás, então ele se afastou, deixando-me mais confusa do que eu já estava.

Eu abri os olhos antes que ele pudesse passar pelo portal em direção ao *hall*.

— Lucca — Eu o chamei, meio desesperada.

Ele voltou-se para mim e tinha tristeza brilhando em seus olhos verde-garrafa.

— Diga.

— Eu... eu teria deixado você me levar pra jantar — eu confessei — Só que aqui...

— Não dá — completou — Eu sei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saiu, subindo as escadas, deixando-me sozinha na cozinha. Meu coração batia fraquinho no peito, um machucado antigo tinha se aberto e estava cobrando o seu preço. Parecia que eu havia quebrado mais do que o meu coração. Tive a impressão que eu tinha quebrado o coração *dele*.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Onze

As coisas ficaram meio esquisitas depois disso. Lucca não voltou a dormir mais no sofá do meu quarto. Escolheu uma das outras suítes para si, apesar de ainda deixar suas roupas no mesmo armário que eu, uma parte da farsa que tínhamos que continuar.

A verdade é que nossas conversas ficaram mecânicas e estranhas após isso. Saíamos juntos para o mercado e fingíamos ser um casal feliz quando recebíamos visitas, mas era apenas isso. Nem comíamos mais juntos. Ele parecia evitar ficar no mesmo espaço que eu quando estávamos sozinhos.

Começamos a nos entrosar na cidade, a maior parte disso através de Sarah e Jack, que eram bem simpáticos. Eu, às vezes, ia para a floricultura de Sarah ajudá-la e ela gostava bastante do meu olhar crítico para cores. Lucca parecia estar inscrito na academia de Jack, mas não me preocupei muito em saber.

Convidavam-nos para festas com frequência,

seja porque nos conheciam e já gostavam de nós dois, seja por curiosidade em saber mais sobre o novo casal da cidade. Nesse momento, tínhamos que fingir uma intimidade que não tínhamos, mas o estranho era que... não parecia fingimento. Não era incomum que deixássemos transparecer *alguma coisa* e meu coração sempre parecia reclamar quando isso acontecia, querendo me dizer algo, como: “*Está vendo o que você me nega?*”.

Era estranho morar e fingir estar casada com alguém com quem eu quase não falava.

Foram poucas às vezes em que nossas paredes caíram, como quando eu resolvi tomar banho no banheiro comum porque ele era o único que tinha uma banheira. Enchi-a de espuma e fiquei lá, cada vez mais enrugada, pensando na minha vida e na minha morte. Levantei a perna no ar, distraída, admirando a espuma entre meus dedos e não percebi a aproximação dele.

Invadiu meu espaço pessoal, deslizando os dedos pelo meu tornozelo. Seu toque, mesmo tão discreto, causou coisas inomináveis em minha virilha.

— Ah, como eu sinto falta... — murmurou, mais para si do que para mim.

Pisquei e ele não estava mais lá. Foi como se eu tivesse imaginado, a não ser pelo tremelique em meu corpo e a tensão sexual que ficara no ar. Estava quase achando que tinha imaginado coisas, mas ouvi o chuveiro ligar e me virei, assustada.

Não deveria tê-lo feito.

Lucca estava despido, de costas para mim, tomando banho. Conseguia ver suas costas e nádegas pela porta de vidro do box. Encolhi-me na banheira e tentei não olhar em sua direção quando terminou o banho, envolveu-se em uma toalha, e saiu do banheiro.

Sabia que ele tinha feito aquilo para me provocar e tinha dado certo. Meu limite estava chegando ao fim e não estava conseguindo lidar com a tentação e a libido, fazendo malabarismos com as duas enquanto tentava manter minha sanidade.

Mexeu ainda mais comigo quando percebi que ele tinha tomado banho gelado. Na curva para o outono virar inverno.

Passava parte dos meus dias na sala de TV, outra parte organizando as compras para o meu atelier, que chegavam aos poucos em casa. Carregava para o terceiro andar, um pouco a cada

dia, mas reparava que Lucca parecia fazer o mesmo quando eu não estava por perto. Querendo me ajudar, mesmo sem falar comigo.

Num certo dia ele chegou em casa com um violão. Ouvi-o cantarolando e dedilhando na varanda algumas vezes e confesso que me escondi atrás da porta para ouvi-lo por mais tempo sem que ele percebesse minha presença.

Em uma tarde, estava assistindo um filme na sala de TV, abraçada a uma almofada e comendo pipoca. Lucca entrou e pareceu pensar em ir embora ao me ver ali, mas eu estava chorando e ele acabou por se aproximar e sentar ao meu lado. Enquanto eu assistia ao filme, ele parecia me assistir. Em algum momento, ofereceu seu abraço e aceitei, acalentando-me em seu peito e deixando que ele comesse o resto da minha pipoca. O filme acabou e começou outro romance “água com açúcar”, mas mantive meus olhos fechados, aproveitando o calor de seu corpo. Lucca pareceu se convencer que eu estava dormindo após alguns minutos. Acariciou meus cabelos e sussurrou:

— Era só você pedir e eu faria tudo por você, Jane.

Jane.

Quase havia esquecido como soava o meu apelido, quase esquecia o som do meu nome. Eu já era Nicole há algum tempo, quase um mês.

Meu coração disparou, mas Lucca não pareceu perceber. Pegou-me em seus braços e me carregou até o quarto, colocou-me na minha cama e deu um beijo na minha testa, afagando meus cabelos.

— Bons sonhos — murmurou.

Apesar disso tudo, eu não consegui dormir naquela noite. Tudo o que conseguira pensar era em suas palavras e no seu significado. Tinha desistido de dormir às três da manhã e terminei no atelier, descontando minha frustração e luxúria em um quadro com cores opostas.

Foi a primeira vez que pinteí depois da exposição e voltei a pintar quase um quadro por dia. Estava sempre suja de tinta em algum lugar e isso chamou a atenção de Sarah. Presenteei-a com uma versão sua em um jardim de flores silvestres. Ela adorou. Levei-a no meu atelier, e em alguns dias estava recebendo gente da cidade toda interessada em comprar meus quadros.

Lucca, de pirraça com minha atenção e minha volta à velha vida, resolveu iniciar uma escolinha de música da nossa garagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não durou uma semana.

Recebemos um telegrama da Scotland Yard ordenando que parássemos de chamar tanta atenção. Disse às pessoas que nosso telhado não estava muito bom e uma das chuvas tinha danificado todas as pinturas. Lucca inventou sua própria mentira para encerrar as atividades da sua escolhia. Secretamente, porém, ambos passávamos nossas tardes praticando nossos dons.

Em um de meus passeios matinais até a floricultura, comecei a perceber os enfeites de Natal na cidade. Meu coração despedaçou-se. Era meu feriado favorito e a primeira vez que passaria longe dos meus pais. Então, alguns dias mais tarde, quando Lucca me perguntou se eu gostaria de decorar a casa para o Natal, eu quase implorei pelo sim.

Quando perceberam que estávamos decorando a casa, nossos vizinhos começaram a nos presentear com enfeites antigos seus. Parecia que era uma tradição da cidade presentear enfeites de Natais felizes à recém-casados para que eles pudessem partilhar da mesma felicidade.

Eu me sentia péssima por nosso casamento não ser nada além de uma mentira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossa árvore foi a única coisa que arrumamos juntos. Nossas mãos se esbarravam e eu me sentia eletrificada, nossos olhos se encontravam por entre suas folhas e meus pelos da nuca se arrepiavam. Em algum momento, quando ela estava quase pronta, Lucca disse que iria colocar luzes no telhado.

Terminei de arrumar a árvore e ouvi-o cair do lado de fora. Corri para vê-lo deitado no chão em cima da pouca neve que se acumulava em alguns cantos do nosso jardim. Meu desespero fez com que eu o beijasse, mas foi sem querer.

Ele estava inteiro, descobri depois. Reclamando de dor na lateral da coxa, mas sem nenhum ferimento grave.

Ao beijá-lo, parecia que eu tinha puxado o esparadrapo, que unia os pedaços do meu coração, com força, deixando o ferimento não cicatrizado em carne viva. Lucca, por outro lado, parecia muito satisfeito consigo mesmo.

O motivo de sua alegria era claro: apesar de minhas negativas e resistências em admitir, estava cedendo, era questão de tempo.

Eu sabia.

Ele sabia.

PERIGOSAS ACHERON

Eu só estava me enganando ao dizer que não.

Alguns dias antes do Natal e eu estava na sala lendo um livro, quando a campainha tocou. Eu tinha cobertas, e um bom chá, então fiquei preguiçosa de me levantar, mas Lucca alcançou o *hall* sem nenhum problema. Estiquei-me para acenar para Sarah e Jack na porta, agasalhados até às orelhas. O frio tinha nos alcançado totalmente agora e a neve cobria nossos jardins e ruas. Ouvi Lucca convidá-los para entrar, mas eles recusaram, entregando-o um convite.

O telefone começou a tocar e reclamei de ter que levantar, já que Lucca estava ocupado. Caminhei até ele, na cozinha, estranhando, já que Sarah era a única pessoa que nos ligava e ela estava na porta. Poderia ser alguma das pessoas que perguntavam dos meus quadros, ou um dos alunos de Lucca querendo convencê-lo a voltar com suas aulas.

— Alô? — atendi, preguiçosa.

Do outro lado da linha, uma risada ecoou e senti-me congelar em meu lugar, antes que a confirmação viesse:

“Ora, olá Janet Stuart”, a voz me respondeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Doze

Lucca estava rindo com nossos vizinhos à porta de casa. Lá fora, algumas crianças estavam ensaiando uma guerra de bolas de neve, ecoando seus gritos de alegria e irritação pelo bairro. Algum de nossos vizinhos tocava músicas de Natal, em um loop, o dia inteiro, e ninguém se importava, já que era véspera.

Nada disso me chamava atenção.

A respiração do outro lado da linha do telefone fazia com que eu me sentisse um floco de neve, congelando pelo centro de meu coração até as beiradas. Minha concentração foi em permanecer de pé, porém duvidava que conseguisse por muito mais tempo.

— Desculpe... eu não... não conheço... não sei quem é... Janet? Não.

As palavras saíram em dúvida. Apesar de ter quase me esquecido de meu nome, apesar de ter deixado a vida de Janet para trás, e ser Nicole estava cada vez mais fácil e natural. Mentiras saíam de minha boca, sem nenhuma dificuldade, mas meu

nervosismo não deixou que eu parecesse firme e o homem riu de minha postura amadora.

“Oras, mas é mesmo?”, perguntou, debochado, “Dizem que Janet morreu, mas acredito estar falando com ela. Como está, senhorita Stuart? Com muito frio?”

Fechei os olhos e meu corpo inteiro estava tremendo. De frio, sim, embora nosso aquecedor estivesse funcionando muito bem. Meu corpo tinha uma boa memória estrutural daquela noite fria de novembro no centro de Londres, do olhar do assassino, do tiro, do sangue. O medo que eu senti voltou a toda para mim e algo me dizia que eu estava há pouco de voltar ao estado catatônico de choque que ficara por boa parte do período em que estivera sob escolta policial.

— Não... você está enganado — as palavras saíam frágeis e trêmulas, incertas — Não conheço... não conheço nenhuma Janet.

Lucca apareceu na porta da cozinha, curioso com a ligação e ouviu a última parte da conversa. Parecia ter dispensado nossos amigos e marchou para dentro da cozinha, arrancou o telefone das minhas mãos e bateu no gancho. Ao sentir seus braços ao meu redor, desatei a chorar e a tremer,

escondendo meu rosto em seu peito.

O telefone tocou novamente, insistente. Lucca estava com raiva quando atendeu. Ao contrário de mim, que cedera à pressão e desabara, ele parecia querer detonar a cara de quem estava nos ligando.

— Alô? Não, não tem nenhum Lucca aqui — disse, parecendo muito mais confiante que eu — Não tinha nenhuma Janet também não, cara. Era minha esposa. Ela voltou a ver o filme que estava vendo e eu vim rir da cara de um adulto que acha engraçado passar trotes. É uma boa teoria, mas sinceramente? Não tenho nada a ver com as drogas que você usa.

Estava secando minhas lágrimas, sentindo-me mais segura com a firmeza de Lucca, mas ao ouvi-lo falar isso, estremeci, puxando a manga de sua blusa de frio para chamar sua atenção.

— Não fala assim com ele — murmurei, tão baixo que as palavras quase não soavam.

Lucca negou com a cabeça, ignorando-me.

— Ah, sei, aquele cara músico do avião, né? — perguntou — Não seja idiota, cara, você não pode matar quem já morreu.

Voltei a tremer com intensidade ao ouvir a ameaça de morte sendo repetida por Lucca, que

apenas balançou a cabeça, negativamente, cansado, e desligou o telefone. Ele apertou o braço que mantinha em minha cintura, quando sentiu meu peso escorregar, minhas pernas parando de funcionar por conta do nervosismo. Manteve-me firme e arrastou-me até a sala de jantar, colocando-me sentada em uma das cadeiras. Desabei, como um peso morto, e ele ajoelhou em minha frente, segurando meu rosto com as mãos.

— Meu Deus, Jane, acalme-me — deu leves tapinhas em meu rosto, tentando me trazer de volta para a realidade — Você não está em choque de novo, está? Não faz isso comigo...

Ao não receber qualquer resposta minha, ele se levantou, virando-se em direção à cozinha, mas segurei-o pelo cóis da calça que vestia.

— Não — pedi.

Não queria ficar sozinha. Estava sozinha há dias, dividindo a casa com um estranho. Eu gostava mais desse Lucca que me abraçava e me protegia.

— Ei, linda — sussurrou, voltando a se abaixar — Eu não vou demorar.

— Por favor, não! — implorei. Grossas lágrimas se formaram nas bolsas dos meus olhos e ameaçaram entornar. Lucca tentou não entrar em

desespero com a visão, mordendo os lábios.

— Só quero pegar um remédio para você se acalmar — explicou — Só alguns minutinhos.

Minhas mãos se movimentaram sozinhas para sua camisa, acariciando-o e segurando-o, esperando que não virasse fumaça em minha frente. Alan Miller era um estranho para mim, passava suas manhãs pela cidade, e suas tardes dedilhando um violão. Não conversávamos, apenas vivíamos um casamento de fachada nos poucos momentos em que estávamos sendo observados por outros habitantes da cidade, mas aquele, apesar dos olhos verdes e os cabelos ruivos, era o meu Lucca. O homem que me levava à Lua e ao fundo da Terra, ao céu e ao inferno só com um olhar, com uma promessa, ou um gesto. Aquele era familiar e eu precisava me agarrar a isso com tudo o que eu tinha.

— Não me deixa sozinha, por favor! — insisti.

As lágrimas escaparam de meus olhos quando abaixei minha cabeça, negando à minha dor. Ouvi-o suspirar, rendido, e no segundo seguinte, senti seus braços me erguendo da cadeira. Agradada pelo carinho e a proximidade, passei meus braços ao seu redor e encostei meu nariz em seu pescoço,

sentindo seu perfume inundar minhas narinas e meu coração, uma mistura de cedro e eucalipto que abrasava e amenizava, doce e refrescante.

Lucca me carregou até o banheiro comum do primeiro andar, colocando-me sentada na bancada da pia. Abaixou-se, pegando nossa caixinha de remédios e dedilhou em busca pelo remédio que queria. Escolheu um dos últimos, nunca utilizado. Arrebentou a caixa e empurrou um dos comprimidos para fora da cartela. Pegou o copo que ficava na pia e encheu-o com água da bica, oferecendo-me os dois.

— É um calmante, tudo bem? — perguntou-me — Vai te acalmar, talvez te faça dormir um pouco.

Aceitei, mas ao colocar o comprimido em minha boca, segurei seu braço com a mão livre.

— Não me deixe sozinha... — as palavras saíram emboladas por conta do comprimido em minha língua. Lucca sorriu e concordou com a cabeça, dando-me segurança para tomar um gole de água e fazer o comprimido descer pela minha garganta.

— Não vou te deixar sozinha hoje — prometeu.

Ao que eu terminei de engolir o remédio, ele voltou a me erguer em seus braços fortes e subiu as escadas comigo em seu colo. Levou-me para meu quarto, depositando meu corpo sobre os lençóis da cama. Fez carinho em meus cabelos e encarei seus olhos, frágil, exposta, desejosa...

O quanto eu queria explodir aquilo tudo e juntar nossos corpos?

Pisquei, demoradamente, sentindo o calmante fazer efeito.

— Você precisa tirar as lentes, não pode dormir com elas — Lucca sugeriu — Vou aqui no banheiro enquanto isso, ok? Vai ser rápido.

Concordei, a contragosto. Na verdade, parte da minha fibra estava se dissipando em uma nuvem de confusão enquanto o calmante começava a fazer efeito em meu corpo. Forcei a me sentar e removi as duas lentes com o máximo de concentração que pude. Lucca voltou do banheiro com meu pote e eu as guardei, colocando na cabeceira enquanto ele se deitava ao meu lado.

Virei-me para ele, automaticamente. Seu sorriso se abriu ao olhar em meus olhos.

— Olá, Jane — disse. Seu sorriso era lindo, movendo suas bochechas até que seus olhos

ficassem um pouco menor. Beijou-me a testa e fechei meus olhos, aproveitando a carícia — É bom saber que você ainda está aí — sussurrou.

Nossos narizes se encontraram e ele passou os braços ao meu redor, puxando-me para o calor de seu corpo.

Dormi a tarde e a noite inteira, perdendo todas as comemorações da véspera de Natal. Minha mente ainda estava embaralhada quando me arrisquei a levantar da cama, senti uma leve tonteira e mal me recordei de fazer a higiene matinal. Tomei um banho, deixando a água quente acordar meu corpo e tirar aquela nuvem que embaralhava meus pensamentos.

Era manhã de Natal e apesar de não estar me sentindo muito bem, decidi que usaria o vestido que tinha separado para a noite anterior. Ele ia um pouco além das minhas coxas, mas ela de manga comprida. Tinha uma meia calça para acompanhar, mas visto que não deveria sair, não a coloquei. Nosso aquecedor manteria minhas pernas quentinhas.

Desci as escadas, observando, procurando por Lucca. Não queria admitir, mas algo havia se quebrado na noite anterior e eu estava disposta a

aceitar uma mudança, antes que a minha mente voltasse a funcionar e excluísse aquela oportunidade.

Não o achei na cozinha, apesar do cheiro de comida estar deliciosa. A sala de TV também estava silenciosa, mas ouvi um farfalhar de papéis em nossa sala de estar. Encontrei-o sentado no sofá, olhando para a árvore de Natal como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Em seu colo, um pequeno embrulho de presente reluzia em azul anil, ressaltando-se entre o preto de sua calça.

Algo no fundo da minha mente gritou que era um presente para mim, o embrulho em minha cor favorita. Azul anil não era uma cor fácil de ser identificada, a maioria via como azul ou roxo, mas eu sempre conseguira perceber seus tons e isso ficara ainda mais claro quando começara a pintar.

Lucca sabia que era minha cor favorita? Aquele exato tom?

Teria o cuidado de encontrar um embrulho exatamente assim só... só pra me agradar?

— Feliz Natal — ele sorriu ao me ver se aproximar. Ofereceu-me biscoitos que estavam na mesa de centro e aceitei, sentando-me ao seu lado — Você esqueceu suas lentes, deve ser a primeira

vez.

Ele estava sorrindo enquanto eu me assustava. Disse que iria subir e colocá-las, mas ele acenou, mandando deixar para lá.

— Vão nos deixar em paz hoje — anunciou — É o nosso primeiro Natal e eu fui muito consistente quando disse que nós queríamos passar sozinhos, e quer saber?

Lucca arrancou suas próprias lentes e deixou-as de qualquer jeito em cima da cômoda. Tinha certeza que ele ainda deveria ter uma boa dúzia de pares de lentes verde-garrafa, então apenas agradeceu em poder ver seus olhos.

A neve, ao fundo da sala, trazia a claridade pelos vidros da varanda, e iluminava ainda mais o tom de seus olhos. O azul elétrico tinha perdido parte da sua pigmentação no meio do inverno, ganhando uma tonalidade nova que eu ainda não tinha visto, era quase cinza, embora ainda houvesse um pouco do azul.

Era lindo e espetacular.

Malditos olhos.

Lucca tirou-me de meus devaneios, empurrando o pacote de presente para mim, parecendo levemente encabulado com minha

atenção.

Prendi a respiração. Ele *realmente* tinha se preocupado em escolher o embrulho da minha cor favorita, ou tinha sido uma coincidência feliz.

Tomei cuidado ao abrir, tentando manter o papel de presente intacto. Era autocolante, então não foi difícil de abrir e tirar o presente de lá de dentro. Sacudi o pacote e uma caixinha preta caiu em meu colo. Era um pouco grande, mas fez meu coração disparar. Abri, encontrando um colar em prata e uma grande pedra amarronzada de pingente. Era âmbar e era exatamente...

— É da cor dos seus olhos — ele sussurrou, como um segredo só nosso — Achei... achei que pudesse ajudar a nos lembrar, sabe?

Concordei com a cabeça, sentindo a emoção e o cuidado que ele tivera ao preparar o presente. Algo para nos lembrar de quem éramos. Peguei suas mãos e levei-as à minha boca. Beije-as com carinho, agradecendo-o por algo tão especial. Encaramo-nos sorrindo com os olhos, e sem dizer uma palavra sequer, virei-me de costas para ele, deixando-o que fechasse o colar em meu pescoço.

Suas mãos acariciaram, um pouco, minha nuca antes de fechá-lo.

Eu senti a testa dele encostando-se a minha cabeça, e seu hálito chegou ao meu pescoço, mas nenhum sinal dos lábios. Eu o ouvi soltando o ar e depois ele jogou o corpo contra o sofá.

Eu sacudi a cabeça antes de fazer o mesmo e o clima ficou muito esquisito. Comecei a brincar com o meu colar, procurando algo pra falar. Quando encontrei, olhei pra ele, e vi que ele me olhava de volta, com um sorriso.

— Me... me desculpe — sussurrei, justificando — Nós não estávamos nos falando, então não pensei... não pensei em te comprar nada.

Lucca concordou com a cabeça, sem nem abalar seu sorriso doce. Acariciou minha bochecha com o indicador, escorregando uma mecha de meu cabelo tingido para trás de minha orelha.

— Tudo bem... — disse — Eu aceito presentes simples nesse natal. Tem algo que eu gostaria muito e que não acho que você poderia comprar em uma loja.

Acho que se eu tivesse parado para pensar, teria descoberto sozinha. Talvez, se minha mente já tivesse se livrado do calmante, teria percebido na hora, porém, sentia-me lenta e a pergunta saiu da minha boca antes que pudesse fazer uma análise de

danos:

— O quê?

Seu sorriso se alargou, mostrando os dentes, quase como uma risadinha, achando graça de minha pergunta. Parecia esperar que eu pudesse entender sozinha.

Mesmo assim, deu voz ao seu pedido.

— Um beijo, Jane.

Capítulo Treze

— Lucca... — sussurrei. Era um aviso para não brincarmos com algo tão perigoso, um aviso que eu mesma queria ignorar.

O sorriso de Lucca só se alargou um pouco mais.

— Lucca — repetiu, frisando cada letra de seu nome, como se degustasse — Faz tempo que não escuto o meu nome.

Mordi o lábio para conter meu sorriso e Lucca continuou a me encarar, esperando pela minha resposta, pela minha reação...

Não era algo que eu quisesse pensar muito. Se pensasse, encontraria desculpas e afirmações que impediriam a concretização. Todo o drama por trás da relação frágil que havia entre Lucca e eu já me servia de justificativa.

Afastei tudo aquilo para o fundo da minha mente quando me virei e grudei meus lábios nos de Lucca, pegando-o de surpresa. A minha atitude inesperada fez com que ele demorasse um pouco mais para reagir ao meu beijo, mas quando o fez...

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha algo ecoando dentro da minha cabeça e pareciam que eram sinos – talvez fossem mesmo, já que era Natal.

Quando Lucca saiu de seu torpor, seu beijo ganhou voracidade, fazendo todo o ar de meu pulmão me abandonar ao mesmo tempo.

Nada poderia ser comparado àquela sensação. Sentir seu desejo se equiparar ao meu, apesar de tanta bagagem e tantas recusas. A entrega de entranhar meus dedos em seus cabelos, enquanto me puxava mais para perto de si, quase como se tencionasse fundir nossos corpos em um, era a única coisa que poderia acalentar os desejos da minha alma.

Não demorou muito até que ele exigisse mais e mais de nossa proximidade, deitando-me no sofá, tomando o espaço acima de mim. Mesmo em nosso desajeito, a preocupação com o conforto não existia, era apenas a luxúria de dois corpos que não aguentavam mais ficar longes um do outro.

Nossas bocas não se desgrudavam, as línguas estavam em harmonia, buscando o gosto, as lembranças e os desejos. Nossas mãos procuravam por atalhos nos labirintos de roupas de frio, buscando o contato com a pele quente do outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossas pernas se entrelaçavam, tentando procurar a maneira certa de aproveitar o mínimo de espaço entre nós dois. Nossos sexos gritavam de desespero, implorando para que pudessem se encontrar mais uma vez.

Quando seus lábios me deram um descanso, dando-me espaço para respirar, ele escorregou-os pela minha bochecha até a orelha. Sua voz, rouca de desejo, sussurrou palavras doces, tão baixas, que não sabia se eram para o meu entendimento:

— Só você não entende que nós fomos feitos um pro outro.

Senti meu corpo se erguer com a corrente elétrica que suas palavras me causaram, tinha certeza absoluta que ele estava tentando me matar por tê-lo negado tantas vezes. Puxei seus cabelos com força e ele desceu seus beijos pelo meu pescoço.

Delirei.

Se tudo já estava nublado pelo calor da luxúria, naquele momento, perdi a visão. Meus sentidos eram para provar do gosto de Lucca, sentir o cheiro de seu perfume e moldar seus músculos em minhas mãos.

Desisti.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo que tinha acontecido, até então, afastara-me e aproximara-me de Lucca, mas ao meu ver, valia a pena chorar um pouco para deixar-me desaguar de prazer por algumas horas em seus braços. Não conseguia mais resistir.

— Lucca — sussurrei.

Era a única coisa que se passava em minha mente: Lucca, em repetição, implorando para que todos os meus sonhos mais devassos fossem realizados naquele momento.

Ele, porém, interpretou seu nome de uma outra forma.

— Desculpe — implorou por meu perdão com a voz falha, afastando-se cada vez mais de mim. Abri meus olhos para vê-lo se encolher na outra ponta do sofá, respirando pesadamente — Eu pedi só um beijo, mas... acabei perdendo o controle.

Deitada sobre o sofá, vendo-o soltar o ar com força, a cabeça abaixada e os fios ruivos escurecendo na raiz, informando que sua tintura semanal estava alguns dias atrasadas, encarei seu sofrimento contido e entendi que não tinha mais como negar o óbvio, e eu precisava admitir para mim, para o meu próprio bem.

Estava apaixonada por Lucca.

Talvez nunca tivesse deixado de estar apaixonada por ele, embora a mágoa e a agonia de seu abandono tivessem me obrigado a negar esses sentimentos por tanto tempo.

Lucca era o que eu queria, era quem eu sempre quisera. Não importava mais como ele se sentia sobre isso: se ele não quisesse mais de mim amanhã, tudo bem. Iria doer, iria chorar, mas tudo bem. Não mudaria a forma que eu me sentia e não fazia sentido lutar contra essa revelação. Já fazia parte de quem eu era. Tinha moldado minha vida nos últimos anos, minhas escolhas e meus gostos, tinha até me guiado para ser uma artista plástica em ascensão e isso era algo positivo que não poderia ser ignorado.

Por isso, sem me importar as consequências que teria que lidar, eu forcei meu corpo a buscar o dele, passando minha perna direita pelas suas, sentando-me em seu colo sob seu olhar arregalado à improbabilidade de minhas atitudes.

— Esquece isso — pedi, buscando sua boca — Só cale a boca e volte ao que estava fazendo.

Seus olhos pareciam duas estrelas iluminando meu caminho na escuridão. Seus dedos da mão esquerda deslizaram pela linha da minha coluna,

experientes em me fazer arrepiar, e abri a boca, deixando o ar escapar, sentindo-o crescer entre minhas pernas. A mão direita foi ao meu queixo levantando meu olhar para encará-lo. Observei seu sorriso aumentar quando meus lábios depositaram um pequeno beijo no seu polegar.

Ele me beijou diferente, menos voraz, menos desesperado. Como se a confirmação do meu desejo fosse o que ele precisava para desacelerar, pois teria tempo. Sem pressa, deslizou a mão para a minha nuca, puxando-me para si. Sua mão esquerda estava em minha cintura e, em um puxão, fez-me deslizar em sua ereção.

O desejo acelerou nossos movimentos. Eu me ergui em meus joelhos, deixando-o colocar suas mãos por debaixo do tecido, deslizando por minhas coxas nuas. Em sua distração, estiquei-me e puxei a peça de roupa por cima de meus braços, jogando-a de qualquer jeito no sofá ao seu lado.

Quando voltei a me sentar em seu colo, apenas de roupas íntimas, Lucca não parecia decidido para onde olhar. Seus dedos da mão direita estavam subindo pelo meu corpo e tinha parado em minha barriga, causando calafrios, que desciam e inundavam minha calcinha com meu prazer.

Seus lábios voltaram ao pescoço, desceram lentamente até meus seios, e voltaram pro meu pescoço, descendo novamente aos seios depois... em um zigue-zague do prazer. Meus dedos voltaram a se entranhar em seus cabelos, bagunçando-os, puxando-os, entre carinho e desespero.

Minha concentração estava em fingir que não estava a ponto de explodir e rasgar todas as roupas que nos separavam, mas ele parecia estar com vontade de estender aquele momento até o máximo possível.

Sua ideia não era ruim, só difícil de aguentar.

Minha pressa me obrigou a arrancar sua blusa de frio, jogando-a para bem longe, antes de voltar a grudar nossos lábios. Com o caminho livre, deslizei as minhas mãos pelo seu peitoral, sentindo-o contrair-se por inteiro. O beijo dele ficou um pouco menos concentrado e acabou desgrudando-se de minha boca ao soltar um gemido baixo quando minhas mãos arterias chegaram ao botão de sua calça.

— Segure-se — pediu, puxando meus braços para envolver seu pescoço.

Sem nenhum outro aviso, levantou-se com as

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos cheias me segurando em meus glúteos, as pontas dos dedos adentrando o elástico da minha calcinha.

Torci que ele estivesse me segurando direito porque duvidava que eu pudesse me impedir de cair se ele continuasse a brincar com seus dedos daquela maneira.

Quando chegamos ao topo da escada, meu sutiã tinha se perdido. Não sabia muito bem como isso tinha acontecido, mas levando em consideração de que as mãos de Lucca estavam ocupadas, provavelmente tinha sido minha culpa.

Seus passos foram incertos e cuidadosos pelo corredor até o meu quarto, já que minha boca estava exigente na sua. Pôs-me sentada na cama, permanecendo de pé enquanto desabotoava a calça. Sem conseguir esperar, levantei meu corpo enquanto ele se abaixava, chutando a calça para longe das suas pernas, e nos encontramos em um beijo no meio do caminho.

Sentir o corpo dele quase despido sobre o meu, era uma das sensações que mais sentira falta nesse tempo em que me afastara dele, era algo único, como se nada no mundo fizesse sentido se isso não pudesse ser meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucca sorria entre os beijos, esfregava o nariz no meu a todo o momento e eu estava me deliciando em saber o quanto ele estava curtindo nosso momento, e o quão disposto estava em demonstrar isso para mim.

Desceu seus beijos pelo meu corpo, pela minha barriga, e até chegar ao elástico da minha calcinha. Com carinho e lentidão, removeu a última peça que eu vestia e começou a beijar meu sexo, movendo-se da exata maneira para me enlouquecer. Gemi, sem pudor, sentindo meu ápice se aproximar...

Lucca percebeu minha excitação, talvez pela maneira que gritava seu nome com desespero. Desistiu, então, das preliminares, livrou-se de sua cueca e me penetrou de uma vez só.

Minhas unhas fincaram em suas costas, tão firmes que deixariam marcas, mas a responsabilidade de meus atos não poderia ficar em mim, mas sim na certeza de que Lucca me provocou o primeiro orgasmo em menos de um minuto.

Quando rolou para o lado, desabando de cansaço ao alcançar seu próprio prazer, eu tinha ido à Lua e voltado três vezes. Minha mão direita foi ao

PERIGOSAS ACHERON

peito, em cima do coração, na intenção de segurá-lo caso ele resolvesse fugir por ali. Nossas respirações ressoavam altas, buscando normalizar após a intensa atividade.

Tinha um sorriso bobo e apaixonado no meu rosto que não queria sair de jeito nenhum. Ouvi a movimentação de Lucca ao meu lado e virei-me para vê-lo levantar e sumir em direção ao banheiro. Meu coração, ressabiado, bateu um pouco mais fraco e reclamou, prevendo que iria se machucar em breve.

Sabia que isso poderia acontecer e estava pronta, mas achei que teria algumas horas a mais para curtir antes que ele se tornasse estranho e distante.

Não ficaria ali de novo, confusa e decepcionada, enquanto ele decidia o que fazer comigo.

Levantei-me da cama em silêncio, decidida. Queria chorar, mas engoli minhas lágrimas e organizei minhas passadas, embaralhadas pelo prazer recente. Com meu robe em mãos, cheguei até a porta.

— Indo aonde? — a voz de Lucca me alcançou quando minha mão encostou na maçaneta.

Ele estava de braços cruzados, o direito encostado no batente da porta do banheiro, uma toalha atravessada em seus ombros, assistindo minha fuga, e minha nudez, com um ar de diversão. Sua nudez, porém, fez-me apertar as coxas, desejando um pouco mais de si antes que tudo desabasse.

— Hm... — não tinha uma frase formada para lhe responder, e minha mente ainda estava um pouco nublada — Tentando evitar o constrangimento da manhã seguinte? — arrisquei.

O sorriso de Lucca se desmanchou, como gelo ao Sol quente. Descruzou seus braços, desencostou-se da porta e caminhou em minha direção, buscando minhas mãos com as suas.

— Jane... — parecia não saber o que dizer — Ah, Jane, desculpe. Por favor, esquece daquilo. Não... não... olha, nunca mais farei algo assim de novo.

Todo o meu ser queria acreditar, mas ainda havia algo que dizia que deveria estar sonhando e que poderia virar um pesadelo a qualquer momento. Porém, por hora, apenas voltei meus olhos esperançosos para os seus e sussurrei:

— Você promete?

Ele sorriu de lado, puxando-me para um abraço, beijando o topo da minha cabeça.

— Mas é claro que eu prometo — cantarolou, fazendo-me rir — Vem, quer tomar um banho? Estava esquentando o chuveiro pra gente.

Sorri e concordei com a cabeça.

Você interpreta tudo errado, idiota, pensei enquanto ele me puxava pela mão até o banheiro.

Capítulo Catorze

O dia seguinte ao Natal estava tão claro quando uma nuvem branca no Sol e acordar sobre os lençóis bagunçados da noite agitada me fez sorrir antes de abrir os olhos, só com as lembranças de tudo que Lucca e eu tínhamos feito e, principalmente, de sua promessa.

Girei para o lado, tateando a parte da cama que ele tinha ocupado, pronta para dar-lhe um abraço apertado e um beijo de bom dia, mas o vazio frio sobressaltou-me e abri meus olhos, alerta, sentindo meu humor afundar quase completamente.

Puxei o ar com força, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. Sua promessa tinha sido não repetir o que havia feito, mas nada dizia sobre levantar-se e sair de fininho, deixando-me para trás.

Quão tola eu poderia ser?

Com toda a dignidade que conseguia juntar, arrastei-me para fora da cama, coloquei minhas lentes e vesti meu robe, decidida que a melhor maneira de passar por aquilo era encarando de frente. Se eu fugisse, como ele, estaria me

igualando ao seu comportamento tóxico. Desci às escadas, usando o corrimão de apoio porque estava contendo as lágrimas, e isso dificultava a minha visão. Acabei-me por sentar no primeiro degrau da escada, encarando a porta da entrada, quase desistindo do meu plano de encarar Lucca e fugindo porta afora.

Antes que me desse conta do silêncio da casa, a porta de entrada se abriu e Lucca entrou, todo agasalhado, sacudindo flocos de neve de seu cabelo acobreado. Sorriu ao me ver sentada na escada e não notou meu nariz vermelho por causa das lágrimas.

— Oi, bom dia — cumprimentou-me. Carregava um saco pardo em seus braços e demorou um momento até que notou meu humor e desmanchou seu sorriso — O que foi?

Se ele estava confuso, eu, então?

Quando se ajoelhou ao meu lado, no chão em frente ao degrau, e acariciou meu rosto, testando as lágrimas que estavam por cair de meus olhos, o cheiro de comida entrou em minhas narinas. O saco que carregava, abandonado ao chão, estava cheio do que parecia ser nosso café da manhã.

— Você... você foi comprar café da manhã?

— perguntei incerta.

Lucca sorriu, parecendo entender o que estava acontecendo, ao mesmo tempo em que eu desvendava sua parte do mistério.

— Fui, linda — respondeu.

Balancei a cabeça, sentindo-me idiota por ter pressuposto tudo errado. De novo.

— Me desculpe, eu... — ponderei minhas palavras, tentando amenizar o sentimento para que não estragasse tudo — Fiquei nervosa, achei que tinha ido embora.

Lucca concordou com a cabeça e tinha um sorriso leve em seu rosto, mas triste. Acho que era a primeira vez que realmente entendia o dano que tinha me causado há dois anos, quando me expulsou de seu quarto no meio da madrugada.

— Não quis te deixar nervosa — murmurou, cuidadoso, acariciando meus cabelos. Seus olhos tinham voltado ao verde garrafa das lentes, mas sua voz era a mesma que murmurava safadezas, e o efeito era o mesmo — Queria voltar antes que você acordasse, mas tinha fila no mercado.

Minha mão foi ao seu rosto e acariciei-o, sentindo as pontinhas dos pelos que estavam nascendo em sua barba. Lucca se aproximou

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas para encostar sua boca na minha, de leve.

— Desculpe — pedi outra vez, envergonhada e desajeitada com meu rompante de dúvida enquanto ele estava sendo fofo — É difícil com... sabe... as coisas que aconteceram antes.

Lucca suspirou e levantou-se em seus joelhos, oferecendo a mão para que eu o seguisse. Aceitei, na dúvida do que estava acontecendo.

— Vem, preciso te contar o que aconteceu — disse — Não é uma história muito boa, mas... talvez... melhore a forma como você se sente.

Lucca me guiou até a sala de estar. As cortinas estavam abertas, exibindo nosso jardim interno coberto do branco da neve que caía. Ele se sentou no sofá de frente para a varanda, e eu sentei ao seu lado, indecisa se olhava para ele ou para a tempestade. Ele parecia um pouco envergonhado, então decidi que lhe daria um espaço e fiquei olhando para o jardim.

— Pode falar — incentivei-o depois de alguns momentos de silêncio.

Ele estava torcendo as mãos, parecendo nervoso.

— Promete que não vai odiar? — perguntou, apenas um tom acima do sussurro.

PERIGOSAS ACHERON

Sorri de lado e arrisquei-me a dar uma olhadela em sua direção. Lucca me encarava em expectativa.

— Passei os últimos dois anos tentando fazer isso — disse-lhe — Veja bem onde estamos agora.

Minha pequena piada o fez rir e aliviou um pouco do nervosismo que ele carregava. Parou de espremer as mãos e buscou a minha, apertando-a e acariciando as costas dela com o seu polegar.

— Você lembra como era? — perguntou — Quando você ia aos shows da Polaroid?

Concordei com a cabeça. Era uma boa época que tinha ficado guardada em um canto da minha mente por causa da minha decepção com Lucca.

— Você sempre encontrava a saída certa — ele continuou — Sempre sabia como nos achar, e quando você sumia, a gente ficava até preocupado. Três shows sem te encontrar significava que você estava com problemas. Chegamos a ir te buscar na casa dos seus pais para ir a uma turnê com a gente, lembra? — sorri, concordando — A verdade é que todo mundo sempre gostou muito de você, até nosso empresário, e eu sempre te achei linda, mas nunca tentei nada porque... não queria estragar aquilo. Você sempre foi uma boa companhia,

divertida e inteligente e se desse tudo errado?

Lucca pareceu avaliar suas palavras e o peso delas: seu medo em se envolver comigo e dar errado, e quando realmente tinha dado quando se aproximou. Quanto a mim, estava tentando compreender suas palavras e o que elas significavam... ele parecia estar dizendo que queria ficar comigo antes...

— Eu tinha uma namorada, mas não estava dando certo. Acho que não gostava tanto dela assim e ela só queria namorar alguém da mídia — ele deu de ombros — Nós tínhamos terminado há uns dois dias. Eu estava chateado, irritado com a situação e aí... aí você apareceu, achou a saída certa e eu pensei, por que não? Te chamei pra beber comigo no hotel e as coisas foram acontecendo e foi... foi muito legal, foi mais legal do que eu pensava que seria, e eu não segurei a onda. Não sei o que estava pensando. Na verdade, parte era medo de me envolver com você, parte era medo de estragar tudo com a gente, parte era receio do que todo mundo ia falar se soubesse que eu estava me relacionando com uma fã, não só para mim, mas para você, e eu reagi mal, sem pensar... estraguei tudo de uma vez só e não soube como resolver. Quando me

arrependi e pensei melhor, era tarde demais. Tentei insistir com John para me dizer onde você morava e... nunca criei coragem de te procurar. Você sumiu, nunca mais foi aos nossos shows e todos me culpavam... até que os ouvi falando da sua exposição, que você estava pintando quadros incríveis, ficando famosa no cenário, e tudo mais, e aí eu pensei que seria a chance que eu precisava, que poderíamos conversar, tentar encontrar uma maneira de consertar aquilo e... sei lá. Aqui estamos, eu e você.

— Aqui estamos eu e você — repeti porque achava que isso resumia boa parte de como estava me sentindo.

Seu desabafo me fazia compreender parte das coisas, da sua imaturidade, seu desajeito, da forma que havia agido comigo sem motivo. De alguma maneira, tinha ficado no passado, mas compreendia seus medos, além do meu medo que piorou toda a forma com que lidei com a decepção.

— E agora... — ele continuou, apertou minha mão com força e pareceu ponderar suas palavras — Agora estamos aqui juntos e eu... eu me apaixonei por você. Tudo o que eu desejo no mundo é que você seja capaz de me perdoar por ter sido tão

imbecil antes.

Tinha algo engasgado no meu pescoço, prendendo minha fala e minha respiração. Meus olhos se arregalaram porque não esperava por uma declaração daquelas. Eu acordara achando que ele tinha me deixado sozinha e tudo o que ele queria era o meu perdão.

— Você...? — a pergunta não saiu.

Olhei em sua direção e ele me encarava, esperando que eu reagisse, com um sorriso de lado. Segurou meu rosto com ambas as mãos e procurou minha boca com um beijo doce e apaixonado.

— Completamente apaixonado por você, esposa — brincou.

Soltei um suspiro aliviado, como se uma tonelada tivesse me abandonado. Lucca estava apaixonado por mim, Lucca não iria a lugar algum, não me expulsaria, não me abandonaria. Ele tinha amadurecido nos últimos dois anos, tivera a culpa para fazê-lo mudar. Ao que parecia, estávamos os dois prontos para aquele momento.

Algumas coisas só acontecem quando tem que acontecer.

— Eu também — confessei em um sussurro, assim que nosso beijo se encerrou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijamo-nos por mais alguns minutos antes de voltarmos ao *hall* para buscar nosso café da manhã. Passamos boa parte da manhã e do começo da tarde na sala de TV, abraçados, vendo filme e fazendo outras coisas interessantes.

Estávamos, então, nus e abraçados no sofá preto da nossa sala de TV, que passava algum filme de ficção científica que Lucca gostava, mas eu tinha perdido a primeira metade dele e não estava entendendo muita coisa. Acabamos conversando e ignorando o filme.

— Eu liguei para Scotland Yard depois que você dormiu — contou-me depois que nosso assunto se voltou ao drama em que vivíamos e a ligação esquisita que eu tinha atendido — Paul disse que foi alguém da repartição, testando como estávamos. Parece que eu passei no teste, mas você quase reprovou — brincou, fazendo cócegas em mim — Ele também disse que Peter McNoid foi preso há umas poucas semanas e que vão nos buscar para o julgamento em breve. Não quis dizer a data porque parece que é um segredo, sei lá, não entendi muito bem.

Estava entre o riso e a indignação quando reclamei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quase tive um treco à toa?

Lucca riu alto, abafando um pouco o som do telefone que tocava na cozinha. Minha carranca se dissipou para a preocupação. A última vez que ele tocara, alguém fingira que queria nos matar, e a experiência não tinha sido nada boa para mim. Lucca não pareceu reparar meu nervosismo, beijou o meu nariz e se levantou, completamente nu.

— Já volto — anunciou.

Minha cabeça, criativa, começou a cogitar a hipótese de Paul estar mentindo e alguém realmente ter descoberto quem éramos. A apreensão da espera criou cinco teorias macabras até que Lucca voltasse da cozinha com um sorriso de orelha a orelha.

— Era Sarah — explicou, jogando-se no sofá ao meu lado — Parece que tem um parque de diversões em uma cidade aqui perto. Tá a fim de ir?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quinze

Eu adorava parques de diversão. Quando criança, meus pais sempre me levavam. Eu gostava das barracas de apostas, dos bichinhos que meu pai sempre ganhava para mim, dos doces, e da roda gigante. Meus pais gostavam de me ensinar a aproveitar as coisas boas da vida, mas com consciência e o mínimo de perigo. Apesar de serem tradicionais, tinham aproveitado sua vida na década de 70 e não tinham muitos preconceitos, contanto que a diversão fosse segura.

Ter um momento desses com Lucca, como nosso primeiro encontro oficial, era mais uma das coisas que eu poderia acrescentar no *hall* de memórias felizes, com luzes coloridas e música alta.

Quando adentramos ao parque, Lucca estava em plena capacidade da sua criança interior. Estava apontando para as barracas e brinquedos e, a cada um que via, parecia querer ser o primeiro a experimentar.

Não tínhamos chegado à metade da via

principal dos brinquedos quando algo grudou em sua calça e começou a puxar.

— Tio Alan! — o garoto parecia ter uns cinco anos, cabelos escuros e grandes olhos castanhos. Lembrava-me muito ao companheiro de banda de Lucca, John — Pode me levar ao carrossel?

Lucca me olhou como se pedisse desculpas e soltou minha mão para pegar o garoto no colo.

— Olá, Johnny — ele disse. *Johnny*, sorri ao saber seu nome. A coincidência era incrível — Não vai dizer oi para a tia Nick?

— Oi, tia Nick — Johnny repetiu, animado — É sua namorada, tio Alan?

Lucca riu e me deu uma olhada, um pouco incerto.

— É, Johnny, minha namorada — deu-me uma piscadela marota e eu sorri, concordando com a cabeça. Parecia um segredo só nosso.

— Oi, John — cumprimentei-o.

Johnny não estava muito a fim de me dar atenção, mexendo seus pés com rapidez e agitação, querendo ir brincar.

— Podemos ir ao carrossel agora? — perguntou a Lucca.

— Sim, vamos lá — ele lhe respondeu.

Aproximou o rosto do meu e me deu um beijo rápido — Já volto.

— Eca — Johnny disse, ao nosso beijo.

Fiquei rindo enquanto os dois se afastavam em direção ao carrossel. Acenei uma despedida para Johnny que me deu um tchau distraído, antes de voltar a conversar animadamente com Lucca.

— Alan é ótimo — Sarah surgiu ao meu lado, dando-me um susto — Desculpe — riu da minha reação exagerada.

Olhei para Lucca comprando fichas para que ele e Johnny pudessem ir ao carrossel, e concordei com a cabeça.

— Sim, ele é — concordei. O que mais poderia dizer? O homem tinha seus atributos.

Sarah suspirou. Estava tomando uma bebida quente e ficou olhando os dois indo até o carrossel e entregar as fichas para o rapaz da entrada. O parque não estava muito cheio porque tinha acabado de abrir e os dois logo puderam escolher seus animais.

— Jack não gosta muito de crianças — confessou-me. Em silêncio, começamos a caminhar em direção aos dois, querendo vê-los se divertindo — Não quer ter filhos. Você parece que não vai ter

problemas com isso.

Eu sorri, amarelo. Sarah não dizia algo assim por mal. Em sua visão deturpada, Alan e Nicole estavam juntos há alguns anos e tinham acabado de se casar. Na realidade, porém, Lucca e Janet haviam acabado de se resolver.

— É, imagino que não — concordei, sem saber como negar. Lucca parecia que seria um bom pai em algum momento no futuro — Mas não estamos pensando nisso por enquanto.

— Ah, mas é claro que não — Sarah concordou, parecendo um pouco sem jeito pela pressão que havia imposto, sem querer — Vocês acabaram de casar, mas em cinco anos, talvez...

Jack e ela tinham sete anos de casados, pelo que eu sabia. Ela bebeu do seu café e, em uma olhada em seu rosto, soube que se sentia miserável por causa daquilo. Detestava ver as pessoas assim.

— Ele vai mudar de ideia — eu lhe disse, tentando dar uma força — Você vai ver. Às vezes, um acidente de Deus acontece e ele pode gostar.

Ela deu de ombros com o olhar fixo no pequeno Johnny, que gargalhava com as voltas de seu cavalo marinho.

— Eu não acho — confessou — Acho que ele

poderia me convencer a abortar se fosse o caso.

Eu tinha uma penca de coisas para dizer a ela: que se queria ser mãe e Jack não quisesse fazer parte disso, que o fizesse sozinha, homem nenhum valia a miséria da alma que ela estava sentindo, mas me calei porque Nicole não se metia na vida dos outros daquela forma, não devia chamar a atenção e nem provocar a raiva de ninguém.

— Sinto muito — disse em vez de dizer aquilo tudo que pensei.

Sarah concordou com a cabeça, apreciando meu comentário de apoio. Sentia-me um lixo por não dizer as coisas que ela precisava ouvir.

— Me sinto um lixo por querer tanto um bebê — confessou — Nós brigamos tanto por isso.

Tinha um comichão no fundo da minha garganta e não podia deixar passar batido. Decidi que Nicole poderia falar algumas coisas duras às vezes.

— Você não é um lixo, ele que deveria se sentir assim — falei. Sarah me olhou de rabo de olho e arriscou um sorriso, aliviando um pouco minha tensão — Se você quer tanto um filho, talvez você deva ter, e se Jack não conseguir lidar com isso... bom, existem outros “Jacks”.

Sarah soltou uma risada triste, como se fosse um pensamento que já lhe tivesse ocorrido. Sua mão veio ao meu pulso e ela apertou-o de leve, apenas por um momento antes de soltá-lo.

— Obrigada — disse, por fim.

Não percebemos que Lucca e Johnny vinham até nós com o pequeno montado sobre os ombros do maior. Sorri à visão e Sarah escondeu sua inveja por trás de sua bebida quente.

— O que as damas estão falando? — Lucca perguntou, abraçando-me pela cintura.

O assunto era íntimo de Sarah. Eu abri a boca e fechei-a algumas vezes, sem conseguir inventar algo para despistar a pergunta. Sarah, porém, pareceu não se importar:

— Sobre bebês — disse — Estava falando com Nicole que gostaria de engravidar.

Johnny estava puxando os cabelos de Lucca como se fossem rédeas de cavalo e eu não pude deixar de sorrir para a visão.

— Ah, que ótimo — Lucca exclamou — Aposto que Jack deve estar... — neguei com a cabeça para Lucca e ele interrompeu a fala imediatamente, frisando a testa em confusão — Não?

— Não — respondi.

Lucca pareceu tão sem jeito com assunto quanto eu, e engoliu a seco. Sarah sorriu, triste, e jogou seu copo na lixeira, à distância.

— Talvez você pudesse falar algo com ele, Alan? — perguntou — Por favor?

Lucca se pegou encurralado entre os puxões de Johnny e o pedido desesperado de Sarah. Encarou-me por um momento, perguntando se era sensato se envolver naquele problema, mesmo dilema que eu passara há apenas alguns minutos. Dei de ombros.

— Claro — respondeu.

— Não acho meu irmão, tio — Johnny interrompeu-nos.

Lucca sorriu e tirou Johnny de seus ombros, colocando-o no chão.

— Por que a tia Sarah não te ajuda a procurar por ele? — perguntou.

Sarah arregalou os olhos, um pouco assustada, mas seu susto se dissipou em um sorriso amável.

— Quem é tia Sarah? É sua outra namorada? — perguntou.

Sarah riu e nós dois acompanhamos.

— Sou eu, querido — ela ofereceu a mão a

Johnny, que aceitou — Só podemos ter um namorado, está bem? Então não sou namorada do seu tio Alan, não.

Os dois começaram a se afastar pelo parque, conversando, e Lucca me puxou pela mão para girar por dez minutos em xícaras assassinas.

Quando saímos de lá, além de enjoada, não conseguia andar em linha reta. Lucca gargalhava às minhas custas, mas puxou-me pela mão até me sentar em um banquinho e me comprou um refrigerante. Apesar do frio, agradei pela injeção de glicose.

Ficamos sentados, abraçados, conversando, vendo as pessoas passando e se divertindo no parque. Beijamo-nos e apertamo-nos no frio. A noite não poderia ficar mais perfeita.

Lucca me prometeu um ursinho bem grande, mas pedi por algodão doce, então nos levantamos para ir até a barraquinha. Ele estava distraído, vigiando o brinquedo de arremesso ao lado, enquanto a senhora fazia meu algodão doce e eu passei meu olhar pelo parque de diversões, procurando Johnny ou Sarah. Tinha um sorriso leve no rosto que começou a se desfazer quando, no fundo da minha mente, uma voz me dizia que havia

algo errado.

Eu não sabia o que era, mas apertei a mão de Lucca, tentando chamar sua atenção.

— O que foi? — perguntou-me.

Não soube lhe dizer.

Meu olhar vasculhou o parque novamente e parou em um homem, perto da roda gigante, que não tirava os olhos de nós. Pisquei algumas vezes, tentando assimilar e, ao ver que eu tinha lhe visto, começou a correr em minha direção.

A adrenalina gritou em meu corpo e comecei a puxar Lucca pelo braço para longe dali.

Capítulo Dezesseis

Lucca não estava entendendo nada do meu desespero e começou a fazer resistência para o meu puxão.

— Mas e o algodão doce? — questionou, fazendo a volta para me puxar em direção ao algodão doce.

Puxei-o de volta com força e ele franziu a testa. Por cima do seu ombro, vi que o homem continuava em nossa direção e tinha ganhando bastante espaço em nossa pequena discussão infantil.

— Lucca, corre — eu disse.

Ele pareceu finalmente entender o que estava acontecendo e não questionou, passando a dianteira e puxando-me pela mão por entre as pessoas do parque.

Eu apenas torcia que estivesse errada e que aquela fosse uma impressão boba, ou um novo teste da Scotland Yard, e torcia para que, se não fosse um teste, o homem não disparasse no meio da PERIGOSAS ACHERON

multidão.

Alcançamos a entrada do parque em um pulo e a multidão se dissipou. Torcia que tivéssemos conseguido despistá-lo, mas perguntava-me: se aquele homem tinha nos encontrado ali, em outra cidade, será que não sabia exatamente onde estávamos morando?

Lucca começou a nos guiar para o nosso carro alugado, mas dois homens surgiram à nossa frente, bloqueando o caminho.

— O chefe falou que eles não corriam — o mais parrudo disse, rindo.

— Acho que aprenderam — o outro disse. Lucca me empurrou para trás de si em um abraço protetor — Ah, não, queridos...

Lucca ainda tentou permanecer ao meu lado, mas cada um deles puxou um de nós, afastando-nos. Puxaram-nos para uma tenda que ficava ao lado de fora do parque, que estava fechada quando entramos. Parecia ser algo como um depósito, mas eles abriram o plástico e nos puxaram para dentro.

Olhei ao redor e não tinha muita coisa, apenas algumas caixas espalhadas, uma máquina abandonada, garrafas, e um carro velho. Jogaram-me contra o chão. Ali, com a proteção da tenda, a

PERIGOSAS NACIONAIS

neve não tomava parte e acabei sentindo meu joelho ralar mesmo com a proteção da calça jeans. Meus pés foram apertados, um contra o outro, e comecei a sentir algo os envolvendo, amarrando-os juntos para impedir que eu pudesse correr para longe.

Puxaram-me com força para me sentar e Lucca entrou no meu campo de visão, nas mesmas condições que eu. O mais baixo dos homens, à minha frente, começou a passar o fio pela minha mão quando senti uma brisa fria adentrar a tenda. Olhei para a abertura, esperançosa que pudesse ser alguém que nos vira e fora checar o que estava acontecendo, mas era o homem magro que nos perseguira pelo parque.

— Sigam com o plano — ordenou.

Naquele momento, tive certeza que iria morrer. Meu olhar procurou o de Lucca e ele mexeu seus lábios em um “eu te amo” mudo que aqueceu meu coração.

— E qual seria o plano? — perguntou o homem que estava ao meu lado, perdido.

Ele parecia ser jovem e tinha um ar soberbo e debochado. Não queria saber o plano, queria sugerir algo melhor.

PERIGOSAS ACHERON

— Idiota — o parrudo, que cuidava de amarrar Lucca, resmungou.

— Você não estudou o plano? — perguntou o homem que nos seguira, parecia ser o chefe do nosso sequestro. Tirou uma arma do cós de sua calça e apontou para o rapaz ao meu lado. Assustei-me e escorreguei um pouco para trás, tentando me afastar do centro da discussão deles — Não se mexa, garota, ou será a próxima.

Congelei, arregalando os olhos. O rapaz levantou as mãos pro ar e pedia calma.

— Eu sei o plano, eu sei o plano — repetia — Mas pensei em mudar algumas coisas...

O homem continuava a apontar a arma para ele, mas sua expressão se suavizou em curiosidade.

— Diga — ordenou.

— Pensei em utilizar o frio e economizar algumas balas — sugeriu — Tem um lago aqui perto, podemos passar por ele, e está congelado. Se jogarmos os dois no lago, não teremos vestígios nossos e eles vão morrer afogados, ou de hipotermia.

O homem abaixou a arma no mesmo momento em que o parrudo empurrou Lucca para o meu lado.

— Não é má ideia, Noah — elogiou — Vamos

para esse lago, então.

— Lucca... — sussurrei, com medo do que estava por vir.

Lucca pareceu não ouvir minha súplica, estava olhando de um para o outro e deu um suspiro, derrotado. Virou-se para mim e murmurou:

— Me desculpe por ter feito a gente perder tanto tempo com bobagens.

Ele estava se despedindo. Eu não queria me despedir, não queria desistir, não queria morrer!

— Lucca, não...

— Me desculpe por ter irritado você, por ter feito você fugir de mim para o galpão. Coloquei você nessa por causa dos meus erros.

— Não é sua culpa — sussurrei de volta — Não se culpe por isso.

Os homens estavam conversando pormenores do plano do lago, tentando identificar o caminho até lá, e se distraíram, permitindo que tivéssemos uma pequena conversa.

Lucca suspirou e olhou de rabo de olho para os homens. Suas costas estavam eretas e ele estava se movendo de uma forma esquisita. Comecei a achar que o homem tinha lhe machucado e ele não estava conseguindo suportar. Observei-o e vi um

brilho opaco em suas mãos.

O celular.

Encarei Lucca com pavor e neguei com a cabeça, mas ele mordeu os lábios e acenou positivamente. Estava disposto a correr o risco de provocar aqueles homens para que eu tivesse a chance de me salvar.

Meus olhos se encheram de lágrimas e ele apertou o botão 2. Era a discagem automática que tínhamos preparado para o celular do Paul.

Lucca empurrou o celular e deitou-se no chão, apertando os olhos, esperando que Paul atendesse. O homem mais novo, Noah, virou o olhar para nós, observando a movimentação estranha de Lucca.

— Estamos sendo sequestrados! — Lucca disse, ao telefone — Precisamos de ajuda! Socorro!

O homem alcançou Lucca e arrastou-o. O líder deles correu até o telefone e pegou-o, desligando imediatamente.

— O que você pensa que está fazendo, imbecil? — gritou para Lucca.

Os dois rodearam Lucca e começaram a chutar ele. Em meu desespero, tentei ficar de pé para ir até eles e tentar arrancá-los para longe dele, tentar salvá-lo... mas minhas pernas e mãos estavam

amarradas e tudo o que eu consegui foi cair de cara no chão, cortando a boca por dentro.

Enquanto o gosto de ferro dominava meu paladar, comecei a tentar forçar meu corpo para frente como uma minhoca, chegar até Lucca de qualquer maneira, mas senti algo me puxar pelo casaco, colocando-me de pé. Uma risada debochada adentrou meus ouvidos quando o parrudo me levantou.

— Onde você acha que vai, garota? — perguntou, debochado.

Do meu novo campo de visão, já conseguia ver o quão Lucca estava machucado. O sangue escorria pelo seu rosto e ele segurava a barriga, tentando se proteger dos chutes dos outros dois.

— Não! — eu gritei — Deixem ele em paz!

Lucca virou o rosto para mim e negou com a cabeça. *Não resista*, ele me dizia, sem mover um músculo dos seus lábios. *Fique viva. Isso posso fazer por você.*

As lágrimas corriam livremente pelo meu rosto quando o homem tampou minha boca. Senti um cheiro forte entranhar minhas narinas e tentei me debater, mas meu corpo foi ficando mole, ficando fraco...

PERIGOSAS NACIONAIS

Até apagar totalmente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezessete

Eu despertei, puxando o ar com força, tentando me livrar do cheiro que parecia entranhado em minhas narinas.

Isso era morrer?

Parecia doloroso demais para a morte.

Na minha concepção, quando a vida acabava, também acabavam as dores, mas aquele enjôo persistente não parecia nem um pouco com a *paz eterna*.

Talvez tivessem me dado um tiro na barriga. Isso explicaria o enjôo.

Será que ficaria enjoada para sempre? E, se ficasse, significava que tinha ido para o inferno?

Resolvi abrir os olhos e descobrir onde estava. Metal escuro e retorcido entrou em meu campo de visão, um ambiente escuro, fedorento e pequeno.

Era o inferno, com certeza.

Algo se mexeu ao redor de mim com um barulho de sofrimento e Lucca apareceu acima de mim com um olhar preocupado. Sorria, triste, PERIGOSAS ACHERON

metade de seu rosto estava avermelhado de sangue, e suas bochechas estavam inchadas. Seus pulsos estavam soltos, ao contrário dos meus, mas tinham marcas fortes de cortes, como se ele tivesse forçado até que o fio cedesse a seu bel-prazer. Seus olhos azuis estavam de volta, embora um deles estivesse quase escondido pelo inchaço provocado pela surra que ele havia levado.

Sentia-me confusa, enjoada, e tonta que mal conseguia me mexer. Lucca começou a desfazer o nó dos meus pulsos ao meu desajeito em tentar me sentar, batendo com a cabeça no teto de metal.

— Como se sente? — perguntou, puxando o fio para longe do meu pulso.

Acaricieei o lugar onde as amarras estiveram, tentando anestesiar a queimação que eu sentia na área. Lucca pôs a mão em cima da minha cabeça e indicou que eu voltasse a tentar me deitar sobre o seu braço. O espaço pequeno ficava mais desconfortável à medida que eu tentava ganhar mais espaço. Aceitei sua sugestão, encolhendo-me no calor do seu abraço.

— Tonta e enjoada — murmurei. Minha voz saiu esquisita, rouca e arranhada — Imaginei que morrer fosse um pouco menos dolorido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucca riu pelo nariz e um sorriso triste se formou em seus lábios machucados.

— Não morremos ainda, linda — disse-me.

O ainda me fez gelar, mas também me encheu de esperança. Se não estávamos mortos, ainda tinha como fazermos algo. Talvez...

— A ligação...? — perguntei, tentando não criar expectativa.

Paul sabia que estávamos em perigo e nós éramos as únicas testemunhas capazes de acusar Peter McNoid por um crime direto. Era por isso, também, que éramos vítimas diretas, nossa morte poderia garantir a liberação daquele chefe da máfia francesa. Estávamos no programa de proteção à testemunha para evitar que aquilo acontecesse, então como teriam nos achado? Como a policia do Reino Unido tinha permitido que aquela situação se desenrolasse daquela maneira?

Comecei a entender o que estava acontecendo. Eu tinha desmaiado por conta de algum componente químico. Acabaram nos colocando na mala do carro velho que estava estacionado na tenda e agora estávamos sacolejando pelas estradas, a caminho do tal lago onde queriam nos afogar.

— O que aconteceu? — perguntei, tentando

PERIGOSAS ACHERON

entender melhor como havíamos parado ali.

Lucca se movimentou com cuidado. A princípio, achei que não queria me machucar, mas logo percebi que era pelas dores que sentia, algo estava enchendo seus olhos de lágrimas que ele continha com o máximo de sua fibra, tentando não me assustar. Era isso que estava deixando seus olhos mais azuis, perdendo um pouco do tom cinza que ele tinha ganhado durante o inverno. Mesmo assim, puxou-me para seus braços e encostou-me em seu peito, deliciando-me ao ouvir seu coração bater de forma ritmada no meu ouvido.

— Depois que você desmaiou, quer dizer? — perguntou. Concordei com a cabeça, de olhos fechados, deliciando-me com sua proximidade e o carinho que fazia em meus cabelos — Bom, uns dois minutos depois, ouvi uma sirene. Eles se desesperaram e jogaram a gente aqui na mala e estamos aqui por... sei lá, uma hora?

Duas coisas pegaram minha atenção ao ouvir suas palavras: A primeira era que Lucca ainda tinha apanhado por dois minutos depois que eu perdera a consciência e, se já estava mal antes, agora conseguia entender o quanto de sua movimentação lenta e cuidadosa fazia sentido. A segunda era que

PERIGOSAS NACIONAIS

Paul tinha enviado policiais regionais atrás da gente, mas não nos encontraram. Meu celular tinha se perdido em minha bolsa, na tenda, e o de Lucca era sucata depois de sua ligação. Não nos encontrariam mais, agora. Aquela era uma esperança perdida.

Aqueles poderiam ser nossos últimos minutos de vida e eu me sentia como Julieta, prestes a me entregar à morte para ficar com o meu Romeu pela eternidade.

— Há algo que podemos fazer? — perguntei, agarrando-me a um fio de esperança quase inexistente.

Lucca respirou fundo e senti-o negar com a cabeça.

— Não sei — murmurou.

O carro parou de sacudir e, em um barulho alto, estacionou. Ouvimos as portas se abrindo e Lucca me apertou com força contra si, como se isso pudesse me proteger do que estava para acontecer. Esperamos que abrissem a mala e nos puxassem para fora, mas ouvimos vozes em vez disso.

— Você não disse que o lago ficava em um parque, idiota! — um deles reclamou, provavelmente o líder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Passamos por aqui muito rápido e eu não reparei, me perdoe — o mais novo se justificou — Podemos esperar ficar um pouco mais vazio. A temperatura está caindo, não é possível que fiquem todos na rua por muito mais tempo.

Ouvimos ainda mais algumas reclamações e alguém disse que se não esvaziasse em uma hora, seria no tiro, mesmo.

Encarei Lucca, mas sem me assombrar, já estava aceitando a morte iminente, e ficava feliz por ainda ter uma hora ao seu lado.

Ele se movimentou lentamente, arrumando as mechas emboladas do meu cabelo até que meu rosto estivesse livre para a sua apreciação. Grudamos nossos lábios com cuidado por alguns momentos, mas pouco durou porque sua boca estava cortada pelos socos e a minha também estava machucada por dentro por ter caído de cara no chão. Encostamos, então, nossas testas, de olhos fechados, apreciando nossos últimos momentos.

— Sabe... — sussurrou Lucca — Nunca achei que pudesse ter certeza tão rápido, mas acho que não vou ter tempo para ponderar se não disser agora, então, queria que você soubesse que te amo.

Suspirei profundamente, sentindo a

PERIGOSAS ACHERON

intensidade do sentimento preencher o meu peito, como se apenas sua presença pudesse acalantar a dor do vazio que eu nem sabia que tinha.

— E eu amo você — repeti — Acho que sempre soube disso, mas não sabia como lidar.

Lucca acariciou meu rosto com cuidado e beijou a boca por um segundo. Nossas respirações estavam se acelerando pelo medo e o desespero do que iria acontecer muito em breve.

Podia dizer que tinha sorte.

Minha vida poderia ter se encerrado há dois meses, quando o assassino nos encontrou naquele galpão.

Por ventura, tive a sorte de ter uma segunda chance e conseguir resolver todos os meus problemas com ele.

Agora, tinha a chance de morrer ao seu lado, dividindo sentimentos e sensações.

Tivera a chance de viver um grande amor, mesmo que fosse como um cometa riscando no céu por alguns segundos antes de desaparecer.

Tive a chance de saber como é ser amada.

Tive a chance de saber como era amar.

No silêncio do seu abraço, enquanto aguardávamos a hora final, agradei a Deus por

isso.

— Nós vamos ficar juntos para sempre —
Lucca prometeu.

Apertei-o mais em meus braços quando senti a movimentação ao redor. A mala do carro se abriu, mas a noite estava plena e não houve muito choque de luz e cores. Era o mais forte que nos encarava de cima. Ele me puxou dos braços de Lucca, com força, e me jogou contra a neve. A tontura voltou quando me sentei sobre a neve, vendo Lucca ser puxado para fora do carro com um pouco mais de dificuldade por ser mais pesado.

As coisas começaram a acontecer muito rapidamente para minha mente embaralhada assimilar. O líder deles me ergueu pela gola da minha camisa, tirando-me do chão. O outro, o mais jovem, sem nenhum motivo, socou a minha barriga. Eu não estava apresentando resistência, não estava fazendo nada de errado. Ao sentir o impacto, encolhi-me como pude, apesar dos puxões que o líder me dava.

— Deixem ela em paz! — Lucca gritou, debatendo-se contra o peito do mais forte dos criminosos.

Ele conseguiu se soltar, apenas para que o
PERIGOSAS ACHERON

homem lhe desse um soco no rosto. Em choque, vi-o cair no chão à beira do desmaio com um gemido fraco.

— Lucca — choraminguei, sem forças e sem ar para gritar por ele.

Lucca se remexeu no chão e parou de se mover. Temi por ele, mas seu peito continuava se mexer, mostrando que respirava.

— Quer se divertir? — o líder perguntou ao mais novo, oferecendo-me a ele.

Senti minhas narinas inflarem com o perigo que se abria à minha frente, meu olhos se arregalaram e eu comecei a buscar uma maneira de conseguir me livrar daquele calvário.

— Agora que o mané apagou o namoradinho? Nem tem mais graça — respondeu.

Não sei como não puderam ler o alívio em minha expressão, enquanto as lágrimas de medo escorriam livremente pelo meu rosto.

Em uma coordenação muda entre eles, o parrudo começou a arrastar Lucca para o lago, minha reação foi gritar por ajuda, mas Noah, o mais novo, tampou minha boca com suas mãos, impedindo-me.

Lucca foi jogado no lago e eu soltei um grito

abafado pelas mãos de Noah, chorando copiosamente. Ele começou a me puxar para a borda do lago, com um pouco de dificuldade, enquanto eu me debatia.

O lago estava aquoso, apesar do frio pesado que atacara a Escócia nas últimas semanas. Sua superfície não estava inteiramente congelada ainda, mas pequenos blocos pareciam estar se formando em algumas partes do lago, quase tomando-o por inteiro. Se não conseguíssemos sair dali rápido, demorariam semanas até que o degelo deixasse que encontrassem nossos corpos.

Pensei em que fim trágico a vida tinha me proporcionado, mas estava resistindo bravamente.

Porém, perdi.

Soube disso no momento que Noah chegou às margens do lago. Com um pouco de esforço, segurou-me ao lado do seu corpo e me impulsionou à frente, arremessando pouco mais de um metro além da margem.

O frio me atingiu com um impacto barulhento. Minhas mãos soltas tentaram lutar contra o destino, puxando-me para a superfície, mas a gravidade e o frio lutavam contra meu esforço.

Olhando ao redor, a água irritando meus olhos,

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrei Lucca alguns metros abaixo, flutuando sem nenhuma reação, e o pavor me fez parar de mexer.

Na minha mente, apenas um desejo se sobressaía.

Esperava que eu morresse logo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezoito

Eu não ouvia quase nada além do meu próprio coração batendo contra meu peito. Meu corpo tremia ao contato com a água congelante, alheio ao que acontecia além do lago.

Parei de me mexer e meu corpo chegou ao fundo do lago, ao contrário de Lucca que boiava pelo meio, acima da minha cabeça. Sentia que estava perdendo os sentidos, sentia que estava me esvaindo aos poucos, e eu não queria.

Apurei meus ouvidos, mas nada ouvi. Será que eles já tinham ido embora? De nada adiantava nadar para superfície se eles ainda estivessem ali para me dar um tiro, mas entre morrer e morrer... eu tinha que tentar.

Tentei controlar os tremores de meu corpo e impulsionei meu corpo para cima, mas não consegui me mover. O reflexo me fez engolir um pouco de água, pedindo por ar, sabia que entraria em colapso em poucos segundos se não conseguisse subir à superfície. Impulsionei-me mais uma vez, espalmando minhas mãos na água e

tentei me erguer... desta vez, percebi o problema: uma das pernas subiu comigo, a outra ficou. De algum jeito, ao encontrar o fundo do lago, minha perna prendeu-se a uma pedra.

As bolhas de ar saíram de meus pulmões pela surpresa, e o esforço de me soltar, sacolejando a perna, sem sucesso. Meu tempo estava quase acabando e só tinha uma solução rápida para o problema e não seria indolor.

Usei toda a minha força restante para me grudar ao chão, cravando minhas unhas na areia e nas pedras. O ângulo impossível tirou o meu pé do lugar com um montante de bolhas de dor, mas a pedra já não me prendia mais. Empurrei-me para cima, agradecendo que o frio estivesse me anestesiando e alcancei a superfície em segundos.

Inspirei o ar com força, tossindo e cuspiendo a água que tinha engolido. O ar queimava minhas vias aéreas e inundava meus pulmões enquanto gemidos de alívio, dor, e frio, escapavam pela minha boca.

Encarei o redor, vendo se os homens continuavam ali, mas não havia ninguém, nem mesmo alguém por quem pudesse pedir ajuda. O vazio deserto do parque ligou um alerta na minha

mente um pouco prejudicada pela abstinência de oxigênio.

Não tinha ninguém por perto. *Ninguém.*

Lucca!

Assim que me lembrei de que ele ainda estava no fundo, mergulhei com o máximo de destreza que conseguia com o meu pé aparentemente quebrado e abri os olhos no escuro das águas, tentando identificar sua figura. Minhas bochechas estavam ardendo e meus olhos reclamavam, tinham começado a congelar em contato com a superfície, mas a água gelada os dissolvera novamente.

Tinha uma tosse presa na minha garganta, uma queimação de gelo intensa em cada poro do meu corpo. De algum jeito, achei que jamais sairia daquele lago, mas precisava continuar por Lucca eu precisava continuar! Mesmo que eu perdesse algum membro, mesmo que perdesse a vida, Lucca jamais me deixaria para trás outra vez, e eu não poderia me dar ao luxo de dedicar menos que isso a ele.

Ele me amaria mesmo sem uma perna, eu sabia.

Era incrível que eu pudesse ter essa certeza agora, onde antes só haviam dúvidas.

Lucca tinha alcançado o fundo do lago pelo

que eu podia ver. Empurrei-me em direção a ele, ignorando a dor da minha perna ao tentar nadar. Estava completamente inconsciente e meu coração tremeu de dor quando envolvi meus braços ao redor dele.

Pelo amor de Deus, não.

Os segundos que demorei a alcançar a superfície, puxando Lucca comigo, pareceram demorar uma eternidade com o caos que se formava em minha cabeça: o medo de perdê-lo, o medo de tudo ter sido em vão, e as oportunidades que tínhamos deixado passar. Ele por ser imaturo, eu por ter sido cabeça dura ao demorar a perdoá-lo.

E se eu não conseguisse salvá-lo? Se Lucca me deixasse, ali, naquele momento?

Não era uma possibilidade.

A cada braçada que eu dava, parecia que a superfície estava cada vez mais distante, meus olhos ardiam, então deixei que eles se fechassem e ignorei o corte ardente em meu peito, dos pulmões implorando por ar.

As memórias inundaram minha mentem, dando-me força para continuar. O mundo parou, pelo menos por aqueles segundos, enquanto eu me lembrava da primeira vez que consegui chegar

perto de Lucca, após um show, e lhe pedi uma foto. Lembrava como ele sorriu, e do que conversamos. Os anos se passaram com sorrisos e flertes até a noite em que nos embrenhamos nos lençóis e a decepção que veio a seguir. As memórias mais recentes vieram: a nossa briga na exposição e todo aquele tempo em que dividíamos a casa como marido e mulher.

Eu não podia deixar que tudo acabasse assim.

A superfície foi alcançada com um repuxo de ar e alívio. Lucca continuava desacordado e eu estava apavorada. Foi com dificuldade, e desespero, que puxei Lucca até a margem. Sentei-me na neve e senti meus olhos queimarem pelas lágrimas que estavam começando a escorrer pelas minhas bochechas. Pela gola da camisa, puxei-o, tirando-o da água.

Minha perna gritava por atenção, mas tudo o que fiz foi tentar não me mexer muito para não sentir dor. Observei Lucca por um momento e ele parecia estar dormindo, mas a falta de movimentação em seu peito deixava a imagem sinistra e desesperadora.

Eu não poderia perdê-lo.

Sentindo o frio congelando cada parte do meu

corpo, juntei minhas energias e empurrei seu peito, tentando fazer uma massagem cardíaca. contei até quinze e soprei ar em seus pulmões.

— Por favor, não me deixe — implorei.

Desesperada, mas incapaz de desistir, voltei a fazer a massagem cardíaca. Minhas roupas estavam enrijecendo, congelando em contato com o vento frio do inverno. Lucca não estava reagindo, mas eu continuava. Soprei em sua boca mais uma vez, minhas lágrimas pararam de jorrar enquanto eu me concentrava em sua reanimação.

Não poderia deixá-lo ir, não poderia desistir.

Contei mais uma vez até quinze, pressionando em seu peito a cada número tremido que saía de meus lábios. Curvei-me sobre sua boca e soprei o ar.

Ele tossiu e arfou, foi a coisa mais linda que já vi.

Levantou-se rapidamente, cuspiendo água ao meu lado, e eu dei espaço para ele, sentindo as lágrimas voltarem em uma mistura de pânico, alívio, e dor.

— Meu lindo — sussurrei, buscando seu rosto.

Minha mão tremia em sua bochecha. Lucca

me puxou para um abraço e eu encostei minha bochecha em seu peito, sentindo sua respiração.

— Você... você me salvou — sua voz estava falha e tremida pelo frio, tal como a minha.

Eu estava tremendo em seus braços, meus dentes batendo. O vento estava cortando minha pele exposta.

— A gente precisa... precisa se mexer — Lucca pontuou.

Como ele conseguia pensar depois de quase morrer, não entendia. Eu estava me sentindo fraca, mole... Lucca se pôs sobre seus joelhos, com dificuldade, e um pé de cada vez, levantou-se. Ofereceu a mão para mim e aceitei, mas tombei na primeira tentativa, as lágrimas voltando à mim em um grito ensandecido de dor.

— Não consigo — chorei para ele.

Lucca arregalou os olhos e pareceu entender o problema de primeira. Meu pé estava em um ângulo diferente do que realmente poderia estar. Tentei me levantar mais uma vez, mas a dor me cegou e eu abaixei minha cabeça.

— Acho que vou desmaiar — eu lhe avisei.

Lucca estava ajoelhado ao meu lado rapidamente, envolveu meu corpo em seus braços,

atento. Em seus olhos, eu via a explicação: um salva o outro.

— Não me deixa — pediu.

Sorri. Ele estava me ouvindo.

Ele tentou me erguer em seus braços, mas tudo estava mais difícil de fazer e, com medo de mexer na minha perna, acabamos nem levantando um centímetro do chão.

Nossa sorte foi um casal que estava passeando pelo parque, os dois com copos de café na mão e sorrisos.

— Ei! — O homem nos alcançou primeiro — Ei, o que há? Tudo bem?

Lucca deu um resumo rápido sobre nosso sequestro e que tínhamos sido jogados no lago.

— Ela quebrou a perna e acha que vai desmaiar — explicou.

A mulher já estava falando com a emergência ao telefone ao ver nosso estado. O homem saiu correndo e voltou, quando a mulher acabara de desligar, acompanhado de um homem um pouco grisalho, que ajoelhou ao nosso lado.

— Esse é o Freddy, ele é médico — explicou o rapaz.

— A ambulância já está vindo — anunciou a

mulher.

O homem deu uma olhada rápida em nós dois, tirou seu próprio casaco e ofereceu para mim. Pediu licença, cortou minha blusa empedrada e vestiu-me com seu casaco.

— Agasalhos — pediu ao casal.

Um pequeno grupo de curiosos estava se acumulando ao nosso redor. Casacos, cachecóis, e gorros, foram oferecidos. O médico fez o mesmo ritual com Lucca, antes de voltar-se para mim de novo.

— O que houve com seu pé, mocinha? — Perguntou-me, carinhoso. Pelo jeito que falava, eu podia chutar que era pediatra: calmo, controlado, e com apelidos fofos.

Minha voz estava cortando a cada palavra, meu queixo batendo de frio.

— Prendi no lago, precisava sair e... — tremi um pouco mais — Fiz força.

Ele colocou uma mão em minha cabeça com carinho.

— Fez certo — disse — Mas vou precisar colocar no lugar agora, tudo bem? — não achava que estava tudo bem, mas concordei com a cabeça. Ele escorregou a mão pela batata da minha perna

com cuidado, puxando-a para uma posição firme sob o olhar atento de Lucca. Trinquei os dentes — Pronta? No três, ok? Um... — e ele puxou para o lugar.

O grito, com certeza, foi ouvido por todo o parque, mas o aperto de Freddy, o pediatra, foi firme. Lucca me abraçou, e eu chorei baixinho em seu peito, enquanto o médico pressionava a área ferida como se estivesse tentando conter a dor.

Assim ficamos até que a ambulância nos socorresse.

Capítulo Dezenove

Eu me sentei em um pulo, assustada. Tinha desmaiado, ou dormido, em algum momento depois da ambulância chegar e não tinha nenhuma lembrança do que teria acontecido. As cobertas escorregaram pelo meu corpo enquanto eu saía do marasmo com o alerta de três segundos atrás.

Percebi que estava em um quarto de hospital, limpa, bem cuidada e com soro na veia. Lucca surgiu três segundos depois, com as mãos em meu braço e um sorriso sincero no rosto, empurrando-me novamente para deitar na cama. Em um vislumbre, percebi que ele estava ocupando um sofá ao canto do quarto e voltei a encará-lo.

Seus ferimentos estavam ficando feios, escuros em roxo, e verde, mas estava claramente melhor. O lábio estava descascado e cortado, mas não pensou duas vezes antes de depositar um beijo carinhoso em minha testa.

— Bom ver você acordada — sussurrou, sua voz rouca me informava que ele não tinha saído incólume^[1] da nossa aventura no lago, estava

resfriado — Você tá dormindo tem quase dois dias.

Arregalei os olhos e tentei me sentar novamente, mas Lucca me empurrou de volta à cama. Pensei em chutá-lo, mas o peso em minha perna me informava que estava engessada e sem dor. O medicamento e a imobilização estavam funcionando, ao que parecia.

— O que aconteceu? — perguntei, confusa. Minha voz saiu apenas um tom acima do sussurro, então limpei a garganta e repeti — O que aconteceu?

Lucca sorriu de lado e beijou a minha boca com carinho, por um momentinho, apenas. Algo me informava que estava sendo cuidadoso não por minha causa, mas por seus próprios ferimentos.

— Você me salvou — explicou — Você me salvou e nos mandaram para cá. Nos aqueceram, deram remédios, cuidaram da sua perna... você quebrou seu pé bem feio... vai ficar um tempinho com esse gesso aí — deu um tapinha no meu gesso para ilustrar — E acho que seus remédios para dor te apagaram, tem dormido bastante, mocinha.

Suspirei, já cansada de estar acordada e engessada, já cansada do hospital, já cansada de tudo. Queria ir embora, mas não sabia para onde:

Charlie's? Londres? Brighton? Qual era a minha casa agora?

— Lucca — chamei-o, quando perdi parte da sua atenção para a televisão, o jornal de notícias começava a passar.

Lucca limpou a garganta, desceu seus lábios até a minha orelha e me alertou.

— Alan — disse — Me chame de Alan.

Pisquei, confusa, quando ele se afastou, seus olhos azuis me encaravam de volta, perdendo um pouco do tom de cinza que ganhara nos últimos dias. Não eram os verde garrafa de Alan, mas os azuis metálicos de Lucca.

— Seus olhos — alertei-o, sem saber o que estava falando.

Ele sorriu, complacente. Abaixou-se ao lado da minha cama, e murmurou, baixinho.

— Lucca Ferraz tem um atestado de óbito, Jane — explicou — Nossos documentos são todos de Alan e Nick. A cor do olho passou despercebida para eles até agora, mas se você quiser facilitar...

Ele tirou um estojinho de lentes de seu bolso traseiro e me ofereceu: quando havia conseguido aquelas lentes, não poderia dizer, mas peguei-o rapidamente e comecei a inserir em meu globo

ocular. Imaginava que, dormindo, ninguém tinha reparado em meus olhos castanhos, então, ao menos comigo, iria funcionar.

— O que vamos fazer agora? — perguntei a ele, enquanto encaixava a segunda lente com a prática que aquele mês havia me dado. Pisquei demoradamente, sentindo o costumeiro ardor ao colocá-la em seu lugar.

— Bom, acho que...

Lucca se interrompeu, vendo a porta se abrir. Uma enfermeira de meia idade entrou, olhando diretamente para a minha medicação e, só então para o meu rosto.

— Olha quem acordou — brincou ela. Parecia simpática — Como se sente?

Tentei engolir o amargor da conversa interrompida sobre nosso futuro incerto, e sorri para a enfermeira.

— Bem — eu disse — Com fome — completei — Quero ir para casa.

Ela riu, simpática. Mexeu na medicação e pareceu satisfeita.

— Você não faz ideia de quantas vezes eu ouvi “quero ir para casa” hoje — brincou. Ela fez um pequeno exame em meus olhos para averiguar

PERIGOSAS NACIONAIS

se eu podia ter uma concussão, ou algo assim, e se tranquilizou — Parece tudo verto. Vou arrumar algo para você comer e chamar o médico para conversar com vocês e ver se vai te liberar hoje.

Liberou, sim. Assim que terminei de comer meu lanche, o médico entrou em meu quarto, deu algumas recomendações como permanecer de repouso, não pisar no chão e ficar bem agasalhada, de preferência não sair por alguns dias, principalmente por causa do meu pé.

Lucca me comprou muletas na saída, pegamos um táxi para um hotel mais próximo. Perguntei se não iríamos para casa, mas ele, enigmático, respondeu que ainda tinha alguma coisa para resolver na cidade.

Não tínhamos roupas, malas, por sorte os meus documentos foram recuperados da tenda do parque e entregues no hospital, mas os de Lucca estavam quase ilegíveis por conta da água. O que poderíamos fazer? Compramos algumas peças de roupa na conveniência ao lado do hotel e subimos para o nosso quarto.

Era simples, barato, foi pago com dinheiro.

— Nossos cartões foram cancelados — Lucca anunciou, assim que entramos no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — choquei-me — E nós ainda compramos roupas? Nos hospedamos em um hotel?

Lucca tentou me ajudar a sentar na cama, mas eu o ameacei com a minha muleta, e um sorriso brincalhão apareceu no seu rosto. Precisava aprender a fazer as coisas sozinha.

— Eu consegui retirar um pouco de dinheiro no banco com a minha identidade, apesar de terem reclamado que estava meio ruim, mas expliquei o que houve e eles acabaram liberando — Lucca explicou — Eu tentei ligar para o Paul, mas não temos mais o número, e na Scotland Yard o ramal dele tá caindo na secretária eletrônica. Fui à delegacia local, tentei explicar a situação sem me expor, mas não consegui. Aparentemente, eles acham que estamos mortos... quero dizer, Nick e Alan.

— Mas de novo isso de morrer? — perguntei. Puxei meu pé para cima da cama, irritada — E nada do Paul?

Passei a mão pelos meus cabelos, tentando pensar em algo útil que pudesse nos ajudar.

— Por que a gente simplesmente não vai para casa? — perguntei, por fim — A gente descansa e fica tentando ligar para o Paul.

PERIGOSAS ACHERON

Lucca suspirou e desviou o olhar do meu, mas acabou por sentar ao meu lado. Pegou minha mão na sua e apertou-a, respirando profundamente.

— Jane, Nick e Alan não estão mais seguros — explicou — Nós fomos descobertos. Se voltarmos para casa, eles podem estar nos esperando lá, ou nos encontrar assim que souberem que sobrevivemos. É tão seguro ser Jane quanto ser Nick, entende?

Neguei com a cabeça. Estava passando por tudo de novo e isso era um saco. Nick e Alan tinham morrido no lago, Janet e Lucca em um acidente de avião... isso significava que...?

— Vamos ter que ser outras pessoas — eu disse.

Lucca concordou com a cabeça.

— Nosso melhor plano é nos esconder até conseguir falar com Paul. Nossos celulares já eram, nossos cartões foram cancelados, mas acredito que possamos convencer o banco a nos dar alguns provisórios se tivermos paciência. Se não conseguirmos falar com Paul... talvez tenhamos que voltar a Londres escondidos.

Eu já estava cansada só de pensar. Tínhamos nos acostumado a ser Alan e Nick, tínhamos

amigos, uma vida social, estilos de roupa, uma linda casa, numa cidade pequena da Escócia, e eu estava me acostumando com isso. Voltar tudo do zero derrubou minhas energias, mas entendia o que Lucca dizia, não era mais seguro para nós dois. Estar em um hotel um pouco capenga, com diárias baratas, um sistema ultrapassado de registros, e com um telefone disponível, era o máximo de segurança que conseguiríamos por enquanto.

— Vamos ter que ir de carro — eu lhe disse — É mais seguro do que a varredura do aeroporto, e também com menos riscos, não vamos ter que lidar com multidões e essas coisas.

Lucca concordou.

Tínhamos um plano, e eu precisava tomar uma banho quente.

A minha imobilidade inferior me impedia de ter facilidade em tomar banho, então Lucca precisou me auxiliar (o que ele fez com muita alegria). Levamos uma cadeira para o banheiro, enrolamos meu gesso no plástico que havíamos removido de nossos travesseiros e ele me ajudou a me limpar. Acabamos nos empolgando um pouco com beijos e carícias, mas não o suficiente para levar a um curso sem volta, não havia posição de

segurança onde estávamos, e paramos antes que um acidente acontecesse.

Enquanto me secava e me vestia, sentada na cama em nosso quarto, Lucca se retirou para comprar comida nas lanchonetes e restaurantes de dentro do hotel. Vesti-me com uma calça de moletom e uma blusa de frio que tinha acabado de comprar. Coloquei as roupas da Quermesse^[2] em um canto do sofá, e pretendia pedir que Lucca levasse para lavar, principalmente por causa do casaco, que precisaria em breve.

Alcancei o controle da televisão e liguei, zapeando os canais. Quando decidi assistir o noticiário, Lucca entrou no quarto com um cheiro incrível de massa e molho branco acompanhando. Meu estômago se revirou de vontade, implorando que eu desse a ele uma recompensa pelos dois dias que ficara a base de soro.

— Por que você nunca está assistindo algo divertido? — ele brincou.

Nós comemos na cama, conversando amenidades e passando a limpo nossos planos do dia seguinte: ir à lavanderia e passar o resto da manhã no banco. Tentar ligar para Paul à tarde, e verificar aluguéis de carro na região. Lucca insistia

que podia fazer a maior parte das coisas sozinho, mas eu me recusava a ficar o dia inteiro no hotel, preocupada, esperando ele voltar.

— Então eu te deixo no banco resolvendo a questão dos cartões, vou a lavanderia, procuro um lugar onde alugue carros, então te busco, almoçamos, e voltamos para o hotel juntos, o que acha?

Eu não estava mais prestando a atenção. Larguei a embalagem do meu macarrão em cima da cama, o queixo caindo, e o olhar perdido na matéria que era narrada na televisão. Lucca percebeu meu congelamento, passou a mão no controle, e aumentou o volume.

Era Peter McNoid.

Seu julgamento aconteceria em três dias.

“Conhecido como integrante principal da máfia francesa, o julgamento de Peter McNoid está em cheque por falta de provas e testemunhas. Todos os crimes ligados a ele foram assumidos por outras pessoas, ou não contém nada que possa provar sua culpa, e as últimas testemunhas que se propuseram a depor faleceram em acidentes estranhos. Recentemente, o astro do rock Lucca Ferraz e a artista plástica Janet Stuart se juntaram à

PERIGOSAS NACIONAIS

lista que já conta com cinco mortes. Por conta disso, juristas e curiosos levantam suspeitas de que o Sr. McNoid possa ser inocentado”.

— Ah, não — eu murmurei.

Lucca respirou fundo.

— Sem pressa, amor — ele me disse — Mas precisamos ir a Londres agora mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte

— Nós podíamos pegar um trem — Lucca sugeriu, enquanto eu empacotava nossos poucos pertences nas sacolas de compras de roupas. — Chegaríamos em Londres pela manhã.

Cogitei a hipótese por um momento. Na TV, estava passando uma matéria sobre um novo método de ensino aplicado em escolas de Liverpool. Lembrei-me porque não iríamos de avião e neguei com a cabeça.

— A segurança pode acabar vazando os nossos nomes, não sei... — sussurrei — e são muitas pessoas nos trens e nas estações. Vão ser só algumas horas a mais de carro, eu acho. Sei que é cansativo, posso dirigir um pouco, se quiser.

— Você não pode dirigir — ele riu, apontando para a minha perna.

Fechei a cara, forçando-me a levantar o gesso e me recordando, com o seu peso, que ele estava ali.

— Certo, tem razão — concordei — Acho mais seguro irmos de carro, mas se você achar que

não consegue, a gente vai de trem mesmo, não tem problema.

Lucca me encarou por um longo momento e, então, negou com a cabeça.

— Tudo bem, você tem razão — ponderou — mas...

Ele parou de falar e engoliu o que ia dizer. Eu parei de dobrar as roupas sobre a cama quando ele sentou-se de costas para mim, do outro lado, com os ombros caídos. Entendi o sentimento. Engatinhei até ele e deposei um beijo atrás de sua orelha, abraçando-o.

— Ei — sussurrei — Está tudo bem, podemos ir amanhã de manhã.

Lucca estava exausto. Entre os socos, hematomas, e as duas noites que dormira no hospital, além de tentar falar com a policia, resolver as coisas no banco, e cuidar de mim, quase me carregando de um lado para o outro, entendia que uma viagem de carro durante à noite era uma péssima ideia e, apesar do seu receio em expor seus medos, estava contente que pudesse reconhecer.

Ele beijou as costas da minha mão em agradecimento. Tossiu algumas vezes enquanto eu lhe beijava a têmpora e voltava a dobrar as roupas

na cama. Deitou-se, virado para mim, observando-me em minha atividade. Eram pouquíssimas peças, então já estava quase acabando, quando ele começou a deslizar sua mão perigosamente pela minha coxa exposta.

— Vem cá — chamou-me — Me dá um beijinho.

Ri, baixinho, ignorando o seu pedido com um sorriso no rosto.

— Tá carente, é? — perguntei.

Sua mão alcançou minha cintura, puxando-me para deitar ao seu lado. Cedi, preguiçosa, sentindo sua boca na minha, assim que minha cabeça encostou no travesseiro. O beijo era lento, cuidadoso e sensível por conta de seus cortes e hematomas, mas Lucca não era tão delicado assim com seus toques. Sua mão foi diretamente ao meu seio, acariciando por cima da blusa de frio.

— Lucca... — sussurrei, alerta, entre seus beijos — A gente precisa descansar.

Ele arriscou descer seus lábios para o meu pescoço e eu me estiquei, sentindo o maldito arrepio descer pela minha coluna. O homem sabia o que tinha que fazer.

— Só um pouquinho amor — pediu, e vendo

que eu estava disposta a refutar, continuou — Eu quase morri.

Sua chantagem fez um riso sair pela minha boca, mas virou um gemido quando sua mão adentrou minha calça, surpreso em não encontrar nenhum outro tecido entre seu toque e o meu sexo. Ele soltou um suspiro admirado, testando minha excitação.

— Tá — concordei, de olhos fechados, porque já sentia a necessidade correndo pelas minhas veias — Mas só se não demorar muito.

Lucca riu. Um de seus dedos encontrou o caminho e se arriscou para dentro de mim. Encurvei minhas costas, agraciada.

— Rápido, então — concordou.

Seus dedos se movimentaram com destreza e eu mordi os gemidos em minha boca, sentindo meu corpo reagir muito bem às suas investidas. Senti minha lubrificação aumentar junto das estocadas, pelo barulho que fazia, o líquido escorrendo pelos dedos de Lucca. Torci minhas mãos no lençol da cama e revirei os dedinhos do pé, reclamando de dor com a movimentação involuntária do pé que não deveria mexer.

Lucca aproveitou esse pequeno momento para

puxar minha calça. Com cuidado, removeu-a através do gesso, despindo a parte inferior de meu corpo completamente. Sorriu para mim como uma criança levada e empurrou minhas pernas, abrindo-as, exibindo meu sexo para si sem nenhum obstáculo.

Posicionou-se entre minhas pernas e curvou-se para frente, procurando a minha boca. Desceu seus beijos para o meu queixo, meu colo, e meus seios por cima da blusa mesmo. Subiu o tecido e lambeu minha barriga, descendo, torturando-me. A língua escorregou pelo meu monte de Vênus e encaixou-se exatamente em cima do meu clitóris, fazendo-me gritar.

— Shh... — ele se afastou apenas para dizer — Se fizer barulho, vão nos expulsar.

Eu duvidava que fôssemos expulsos, mas entendi seu receio e mordi minha boca, tentando conter meus gemidos enquanto ele voltava a beijar a minha virilha, a língua ágil sobre o meu clitóris, sabendo exatamente o que deveria fazer. A excitação triplicou com o seu pedido, fazendo-me contorcer a cada uma de suas investidas.

Sua língua desceu pelo meu sexo e buscou a minha entrada, forçando-se contra ela. Podia sentir

sua expectativa à minha reação e não decepcionei. Um gemido perigoso escapou de meus lábios descuidados, e acabei tampando minha boca com a mão para que não fosse tão alto quando eu achava que seria.

Lucca parou sua provocação. Com os dedos, testou minha lubrificação mais uma vez e só então entendi que ele estava preparando o terreno. Se precisava ser rápido, não o faria de uma vez, era claro. Gemi baixinho com as investidas de seus dedos, agora não mais testando se estava pronta — porque era óbvio que eu estava —, mas provocando-me um prazer antecipado, já que eu deveria demorar um pouco mais do que ele.

Minhas mãos foram aos seus ombros, implorando, apertando-o enquanto ele investia cada vez mais rápido, cada vez mais fundo. Eu ia gozar em suas mãos e ele sabia disso desde o começo.

Sua boca não procurou a minha enquanto eu me revirava, foi à minha orelha, mordiscando o lóbulo e beijando seu entorno. Comecei a me desfazer abaixo dele com as poucas palavras sacanas que murmurou para mim.

— Ah, Jane — murmurou, arrepiando todos os pelos do meu corpo enquanto eu gozava em seus

dedos, mordendo seu ombro para conter meus gemidos. Ele empurrou sua ereção contra a minha coxa, ansioso, esperando meu prazer se esgotar para alcançar o seu.

Eu estava de olhos fechados, soltando montantes de ar pela minha boca, tentando me recuperar da onda de prazer que tinha me acometido quando sua boca voltou à minha, feroz. Suas mãos desfizeram-se dos botões de sua calça e, antes que eu pudesse pensar em estar pronta para mais, penetrou-me, lançando novas ondas de prazer pelo meu corpo.

Lucca me apertava pela cintura e não foi tão calmo e cuidadoso quanto das outras vezes, fez comigo um sexo mais animalesco, menos gentil. Era algo desesperado de beijos ensandecidos, toques duros e estocadas fortes, expondo o medo que sentira de me perder três noites atrás. Seu desespero era espelhado no meu próprio e acabei por mergulhar em prazer mais uma vez, antes que ele mesmo alcançasse o seu. Retirou-se, xingando baixinho, e sujando minhas coxas com o seu sêmen, porque tínhamos ignorado a proteção.

Havia uma coisa, ou duas, a serem ditas sobre aquilo, mas não tínhamos tempo e nem cabeça para

PERIGOSAS NACIONAIS

conversar sobre proteção naquele momento de nossas vidas. Ao menos, em parte, tínhamos evitado inserir uma terceira vida naquela confusão.

Lucca deitou-se ao meu lado e beijei-o carinhosamente. Em minha mistura de braços, pernas, e respirações, adormecemos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Vinte e um

— Ainda nada? — perguntei, assim que Lucca desligou o telefone. Eram oito da manhã, mas não custava tentar.

— Não, só a secretária eletrônica — disse. Soltou um longo suspiro e girou a chave nos dedos — Bom, vamos?

A recepcionista do hotel ficou muito satisfeita em nos oferecer o contato do aluguel de carros às cinco da manhã, quando Lucca e eu descemos, procurando pelo café da manhã. Em poucas horas e poucas assinaturas, entregaram a chave do carro em nosso quarto. Agora, estávamos prontos para mais uma aventura pelas estradas do Reino Unido.

Ele tinha nossas três sacolas de pertences em uma mão, e minha bolsa atravessada no outro ombro, quando abriu a porta do quarto. Impulsionei-me à frente, as muletas me ajudando a encontrar o equilíbrio, e saí do quarto em um pé só. Não poder encostar o pé no chão era uma droga.

Fizemos o *check-out* em pouco mais de meia
PERIGOSAS ACHERON

hora. Quando Lucca ocupou o lugar do motorista, depois de ajudar a entrar, ele disse:

— Não temos nem cem libras.

Apertei a boca em uma linha fina. Uma ida ao banco, agora, era impraticável, nos atrasaria demais, então apenas concordei com a cabeça.

— Vamos economizar.

Estávamos, os dois, nervosos. Nos últimos dois meses, tínhamos passado por duas situações de quase morte e estávamos prestes a dirigir até o olho do furacão para um julgamento de um perigoso mafioso que orquestrara nossos dois *quase assassinatos*. Podia ver as mãos de Lucca com um leve tremor, uma pequena sombra de suor em sua testa, apesar do frio que havíamos acabado de deixar do lado de fora do carro.

— Bom, é o seguinte — comecei, enquanto Lucca dava a partida no carro — Se não nos perdermos, estaremos em Londres à noite. Como acho improvável, já que nós dois somos péssimos com direções, não temos um GPS, e nem um mapa velho desta vez, acho que podemos dirigir até umas 18h, procurar um lugar para dormir e continuar pela manhã.

— O julgamento é amanhã, não é? — Lucca

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou, preocupado — Não vão fazer o julgamento no ano novo.

— É, amanhã de manhã — concordei — Mas vamos seguir com o plano. Se estivermos na estrada às 18h, paramos. Não vamos ficar dirigindo na neve e no escuro.

Eu tinha um ponto e Lucca não pareceu disposto a discordar.

O caminho para Londres não parecia muito difícil. Seguindo as placas era muito mais sinalizado que para Charlie's Village, e não parecia que teríamos muitos problemas. Passamos parte do caminho da manhã conversando, brincando, Lucca me deu um resumo do que tinha acontecido enquanto eu estava hospitalizada.

Tentamos evitar o assunto do pouco dinheiro, mas ele inevitavelmente chegou quando precisamos fazer a primeira parada para abastecer o carro. Lucca tirou o dinheiro do bolso e me ofereceu. Tínhamos 97,35 e teria que dar para abastecer e para comer. Separei 40 libras para a nossa alimentação, e mais 20 para emergências.

— Vou abastecer 20 libras — Lucca decidiu — Depois, se precisarmos de mais, eu uso o restante.

PERIGOSAS ACHERON

Concordei com a cabeça.

— Vou ao banheiro, então, e depois podemos procurar um restaurante barato para almoçar — anunciei.

Era diferente essa dinâmica. Estávamos juntos em prol de um ideal, não mais brigando a cada cinco segundos por causa de um mal entendido no passado. Para ilustrar nossa nova fase, beijei a sua boca antes de tentar sair do carro.

Então, lembrei-me do gesso.

— Ah, merda — xinguei.

Lucca riu e me ajudou a sair do carro. Enquanto abastecia, ficou me olhando com seus olhos de águia, atento à minha movimentação até o banheiro, pronto para me socorrer caso eu precisasse. Foi um pouco complicado, mas estava começando a me acostumar com as muletas. Com um pouco de cuidado, e mais tempo que o normal, consegui. Uma moça simpática me ajudou também.

Sáímos do posto de gasolina um pouco após o Sol chegar ao máximo no céu, e demos uma parada em uma lanchonete para comer algo barato. Acabamos lanchando e comprando alguns sanduíches, e biscoitos, para a viagem. Nossa intenção era parar apenas se não chegássemos a

PERIGOSAS NACIONAIS

Londres antes da noite chegar.

Pegamos algumas estradas erradas e tivemos que voltar algumas vezes. Depois de visitarmos Ringlang e Norwich contra a nossa vontade, acabamos estacionando em Cambridge por volta das oito da noite.

— Mas não são nem duas horas daqui para Londres — Lucca insistiu — e daqui eu sei o caminho.

Estava frio e não nevava, mas caía uma chuva fina que deixava as estradas perigosas, e achei melhor pararmos.

— De nada vai adiantar se morrermos no caminho — insisti — e você dirigiu o dia todo, não quer uma massagem?

Lucca abriu um sorriso gigante.

Não tínhamos dinheiro o suficiente para nos hospedarmos em um hotel, e como Lucca pretendia dirigir assim que o Sol nascesse, estacionamos em uma rua levemente movimentada para procuramos uma lanchonete barata para comprar algo para comer. Eu estava faminta, mas não queria reclamar, o dinheiro era escasso e sabia que Lucca devia estar em pior estado. A maior parte do trabalho era ele quem estava fazendo, e ele também comia bem

PERIGOSAS ACHERON

mais do que eu. Como estava de noite, Lucca se arriscou a sair com um casaco, com capuz, mantendo a cabeça baixa para evitar ser reconhecido.

Depois de duas lanchonetes com preços absurdos e uma trupe de adolescentes bêbados gritando pelas ruas, só havia algo a ser feito.

— Vamos gastar as 20 libras de emergência numa pizza? — sugeri.

— Ora, ora — Lucca brincou — Estamos aventureiros.

Ri baixinho. Queria enlaçar minha mão na sua enquanto caminhávamos pela rua, mas as muletas não me permitiam. Tive que me contentar com sua mão em minha cintura, guiando seus próprios passos à minha lentidão.

A pizzeria estava um pouco vazia e não era, nem de perto, tão careira quanto às lanchonetes que nos arriscamos a entrar. Sentamo-nos em um canto isolado, e a atendente me ajudou a colocar as muletas em um canto seguro. Lucca pediu uma pizza, não muito grande, com refrigerantes médios, tudo dentro do nosso orçamento reduzido. A TV estava ligada e passava um filme americano de explosões e tiros, desviei meu olhar rápido. Já

PERIGOSAS NACIONAIS

estava cansada daquelas coisas acontecendo na minha vida.

— O que você acha que vai acontecer? — sussurrei para Lucca. Ele estava distraído, ainda lendo o cardápio, apesar de já ter feito o pedido. Apenas levantou o olhar, distraído, em confusão — Com a gente depois que depormos?

Lucca desviou o olhar. Era claro que queríamos voltar às nossas vidas normais, mas Peter McNoid já tinha sido preso e também nos encontraram, até tentaram nos matar para que não fizéssemos parte de seu julgamento. Se fizéssemos, então, seria vingança — jamais estaríamos seguros.

— Jane... — Lucca queria me dizer exatamente isso, mas estava sem jeito — Acho que... acho que...

— Nunca vamos voltar? — perguntei, mas era quase uma afirmação.

Ele sorriu, triste, e concordou com a cabeça.

— É, acho que seremos outras pessoas, em outro lugar — apertou minha mão por cima da mesa — Pelo menos estamos juntos.

Eu sorri. Puxei sua mão até minha boca e beijei, com carinho.

— Pelo menos estamos juntos — concordei.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sorri para ele e guardei meu medo de sermos separados no fundo da mente.

Terminamos de comer com calma e ficamos conversando, e enrolando, até quase meia noite, quando a clientela tinha quase sumido. Voltamos para o carro lentamente, nas ruas frias. Lucca foi um pouco na frente, ligou o aquecedor, e me aguardou ao lado do carro, abriu a porta traseira e me ajudou a entrar, colocando as muletas na frente, e sentando, ao meu lado.

Deitamos encolhidinhos no banco de trás, nossas pernas emboladas, sobrando bastante, mas era o que tínhamos para essa noite. Lucca beijou minha nuca, com carinho, e eu suspirei, ansiosa.

— Acho que não vou conseguir dormir — anunciei — Estou com tanto medo — confessei.

Ele me abraçou um pouco mais apertado, o que era melhor. Afundei meu nariz em seu peito, fixando a sensação em mim, e desejando que isso me acalmasse.

— Do que você tem medo? — perguntou, baixinho, como se estivesse me segredando todos os mistérios do mundo.

Seu tom de voz, junto dos carinhos que fazia em meu braço, relaxaram-me o suficiente para

PERIGOSAS NACIONAIS

externar alguns dos meus pensamentos pessimistas.

— De tudo dar errado — sussurrei — De alguma coisa acontecer com você e... eu não sei, Lucca. Não saber o que vai acontecer com a gente me assusta.

Lucca me deu um beijinho no topo da minha cabeça e respirou fundo.

— Não passamos por isso tudo a toa, Jane — argumentou — A justiça vai ser feita, então a gente pede pra falar com todo mundo que quisermos e se despede, porque vamos precisar ir embora de novo, eu acho. Não vai acontecer nada comigo e a nossa maior preocupação deveria ser essa sua perna, e como você pilota suas muletas muito mal — brincou e eu ri — mas... aconteça o que acontecer... vamos ficar juntos e é isso que importa, não é?

Eu não consegui conter meu sorriso escondido em seu peito.

— É — concordei — É isso que importa.

Lucca adormeceu logo, mas demorei muito mais tempo para dormir. Quando despertei, porém, o carro estava em movimento, e o rádio ligado baixinho. Sentei-me, coçando os olhos e logo reconheci Londres através do vidro do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, princesa — Lucca me cumprimentou, observando-me de esguelha através do espelho retrovisor — Estamos com meia hora de folga, o que quer fazer?

Apoiei minhas mãos nas costas do seu banco e me aproximei o suficiente para deixar um beijo atrás de sua orelha.

— Tomar um banho, pelo amor de Deus — implorei.

Lucca riu.

— Bom, isso não dá — deu de ombros — Infelizmente não temos dinheiro para um hotel e acho que a chance de me reconhecerem aqui é bem maior.

Concordei com a cabeça, um pouco chateada. Estava de dia na capital, onde há a maior população do país. Não só Lucca poderia ser reconhecido, mas eu tinha minhas fotos estampadas nos jornais no último mês. Era fácil ligarem as peças.

— Então eu acho que a gente devia ir direto para a audiência — sugeri — Creio que vou demorar um pouco para conseguir andar até lá.

Eu tinha razão. Estacionamos quase em cima da hora da audiência. Para passar pela segurança, pedimos que chamassem Paul, que ficou surpreso

PERIGOSAS ACHERON

em nos ver ali. Sua expressão se suavizou na hora e, após uma explicação básica do que havia acontecido, explicou-nos que ligaram para avisar que estávamos mortos. Quando ninguém mais nos viu, e nossos telefones desapareceram, não tinham porquê duvidar da ameaça.

Lucca me ajudou a subir as escadas até a sala de audiência. Era aberta e algumas ouvintes estavam autorizadas a acompanhar. Com o interesse da mídia, a maioria era de jornalistas, mas famílias afetadas pelos crimes de Peter McNoid também ocupavam espaços. Paul nos encontrou num lugar ao fundo da sala de audiência e olhei ao redor. Reconheci a cabeça de Camille, e meus pais ao seu lado. Os rapazes da Polaroid também estavam por lá e apertei a mão de Lucca, apontando para eles com meu queixo da maneira mais discreta que pude.

Então, a porta lateral se abriu e Peter McNoid entrou acompanhado por dois guardas.

Capítulo Vinte e dois

Peter McNoid ficou cerca de quarenta minutos dando um depoimento fajuto em que alegava estar fazendo qualquer outra coisa com pessoas aleatórias em todos os momentos em que crimes ligados ao seu nome foram cometidos. Sem uma pessoa que pudesse refutar, e com todos aqueles álibis funcionais, era óbvio que ele pretendia ficar em liberdade. Paul estava na primeira fila, junto com Camille, os rapazes da Polaroid, Clarisse, esposa de Nate, e meus pais.

O promotor levantou-se após dispensar o acusado e olhou em direção à fileira. Chamou Paul para depor, para minha surpresa. Paul levantou-se com graça e cruzou com o promotor, falando-lhe algo que não pude saber o que era. O promotor olhou exatamente em nossa direção e pareceu respirar aliviado quando acenei positivamente.

Lucca apertou minha mão e olhei para ele, que sorria, esperançoso.

Paul deu um depoimento falando sobre o
PERIGOSAS ACHERON

nosso envolvimento e sobre os depoimentos que demos na delegacia, antes de sermos incluídos no programa de proteção a testemunhas.

— Para a segurança dos indivíduos, forjamos suas mortes — Paul disse. Os sons que vieram a seguir foram de balbúrdia total, meus pais se levantaram, alguns jornalistas se exaltaram e o martelo do juiz foi batido algumas vezes — Isso, é claro, foi com permissão da lei. Como ambos eram figuras públicas, achamos que seria a melhor opção. Acabou que não foi uma grande ideia, já que o acidente foi noticiado incansavelmente e os rostos dos dois ficou gravado na mente do povo britânico — ele tomou um ar e continuou — Os indivíduos, Lucca e Janet, estiveram escondidos durante esse período, até uns três dias atrás, quando sofreram um atentado grave contra suas vidas. Perdemos contato e achamos que tínhamos perdido as testemunhas... até que eles apareceram aqui hoje.

Paul apontou para nós dois e Lucca se levantou, ajudando-me a fazer o mesmo. Não tinha me acostumado a receber tanta atenção, e meu rosto queimou de vergonha. Quando percebi o olhar de McNoid, porém, congelei. Acenei com mais atenção para meus pais e meus amigos. Sussurrei

um “olá” com um sorriso saudoso. Não sabia quanto tempo teria para eles e talvez aquele fosse o único.

— A acusação gostaria de chamar o Senhor Lucca Ferraz para depor, Meritíssimo — O promotor anunciou.

Houve uma pequena confusão entre ele e o advogado de defesa, que era contra os nossos depoimentos porque não estávamos listados como testemunhas. O juiz, porém, negou seu protesto e pediu que Lucca se aproximasse.

— Vem comigo — Lucca pediu.

Era melhor mesmo. Da maneira que eu estava tremendo, quando me chamassem, seria incapaz de conduzir minhas muletas até a frente. Com cuidado, Lucca me guiou até a área de depoimentos e o promotor permitiu que eu sentasse em seu lugar enquanto ele estava de pé. Paul voltou a se sentar junto com meus pais e amigos. Senti a mão de minha mãe em meu ombro, mas tentei me controlar, apenas apertei-a de volta antes que Paul alertasse-a para que não fizesse isso.

Mostrar proximidade comigo era colocar-se em um alvo.

Enquanto aquela pequena demonstração de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afeto ocorria, Lucca fez seu juramento, parecendo calmo e sereno, o completo oposto de como eu me sentia. Esperava que eu tivesse um décimo da segurança que ele parecia ter quando fosse minha vez.

— Senhor Ferraz — o promotor começou — Pode me contar o que aconteceu naquela noite?

Lucca sorriu, maroto. Olhou em minha direção, confiante, e me ofereceu uma piscadela.

— A senhorita Stuart e eu estávamos tendo uma discussão — contou. Sorri e abaixei a cabeça — Tivemos um relacionamento curto, que não terminou muito bem, e eu estava tentando reatar. Em algum momento, não sei, ela acabou ficando nervosa, era a exposição dela e acho que eu posso ter sido um pouco incisivo demais, também. Eu a vi saindo para os fundos da galeria e a segui — ele contava, olhando para mim. Só então percebi que estava fazendo isso porque Peter McNoid estava em frente a ele e não piscava em seu olhar de fúria. — Discutimos mais uma vez e ela se afastou em direção ao galpão. Eu a segui e quando ela abriu o galpão, começou a gritar. Eu só tive tempo de correr até ela e tampar sua boca, até ouvirmos um tiro.

PERIGOSAS ACHERON

— E o que o senhor viu quando a porta do galpão se abriu? — o promotor perguntou.

Lucca desviou o olhar do meu e encarou Peter McNoid. Parecia sem medo, parecia querer desfiá-lo em desfazer suas palavras agora. Em cinco minutos, estava desfazendo todos os três quartos de hora que o homem tinha alegado ser inocente.

— O senhor McNoid estava apontando uma arma para Jonnathan Kyle e o sangue... já tinha tanto sangue... então ele virou a arma em nossa direção e puxei Janet para o lado, saindo da linha de tiro direto. Foi a única coisa que pensei em fazer naquela hora — explicou — Os seguranças correram ao ouvir o tiro e o vimos correr para longe. Houve uma troca de tiros, eu acho, fiquei um pouco anestesiado, mas Janet e eu entramos no galpão e ficamos lá até a polícia chegar.

Burburinhos se espalhavam pela sala de audiência, jornalistas estavam tendo os melhores dias de suas vidas com nosso surgimento da morte, e um depoimento dão incisivo como aquele.

— O senhor afirma com exatidão que era o senhor Peter McNoid naquela noite? — o promotor insistiu.

— Sim, senhor — Lucca confirmou, olhando

para ele. Virou-se para McNoid por um momento e completou — Tenho certeza.

O promotor parecia muito satisfeito, mas continuou com suas perguntas.

— Vejo que o senhor, e a senhorita Stuart, parecem ter hematomas e fraturas. Agora mesmo, o senhor Teroff nos disse em seu depoimento que vocês sofreram um atentado. Poderia nos relatar sobre?

Lucca respirou fundo e concordou com a cabeça.

— Sim — disse — Nós estávamos vivendo em uma pequena cidade e tinha um parque de diversões próximo, então decidimos dar uma volta. Janet viu alguém estranho e começou a me puxar para longe, mas nos encurralaram. Três... três homens da gangue do Sr. McNoid nos agarraram e nos arrastaram para uma tenda. Tentei entrar em contato com a Scotland Yard para falar que estávamos sendo sequestrados e eles me descobriram. Deram algo para Janet que a fez desmaiar, e quanto a mim, fui agredido. Estou com vários hematomas e escoriações. Levaram-nos para Glasgow, agrediram-me novamente e eu desmaiei. Quando acordei, Janet estava fazendo RCP[\[3\]](#) em

mim. Tinham nos jogado no lago e ela estava com a perna quebrada. Havia um pediatra por perto, nos prestou primeiros socorros e fomos tratados em um hospital próximo.

O promotor concordou com o seu discurso.

— O senhor McNoid já estava detido nessa data, por que acha que os ataques foram realizados em seu nome? — perguntou.

— Um deles disse que “o chefe disse” que nós não corríamos — Lucca relatou — Creio que estava fazendo referência ao dia da exposição porque nós ficamos parados à entrada da galeria.

Tinha um sorriso de triunfo nos lábios do promotor, acho que ele sequer imaginava que nosso depoimento pudesse ser tão incisivo como estava sendo. O promotor agradeceu e o advogado de defesa tentou fazer com que Lucca desfizesse alguns de seus relatos, mas ele foi firme. Quando foi dispensado, perguntou-me educadamente se eu teria algo a acrescentar.

Eu tinha.

Foi com delicadeza que o promotor me ajudou a chegar no local que eu seria interrogada. Uma policial, que assegurava uma das portas atrás do juiz me auxiliou a subir os dois degraus junto com

ele. Fiz meu juramento com a voz trêmula e nervosa.

— Senhorita Stuart, creio que o relato do senhor Ferraz foi rico em detalhes, a senhorita confirma as palavras dele?

— Sim, senhor, em totalidade.

— E no que há acrescentar?

Respirei fundo.

— Em dois pontos, acredito. Nos pontos em que Lucca não teve a visão que tive.

Havia energia no lugar inteiro, os jornalistas nem piscavam, anotando e gravando cada palavra dita. Peter McNoid estava exatamente à minha frente e encarei-o por um momento, sentindo sua raiva. Precisava me lembrar disso quando tivesse dias ruins. Quando Janet não pudesse existir novamente por conta de sua raiva e poder.

— Por favor, poderia nos relatar?

Concordei.

— O primeiro ponto foi na noite da exposição. Eu estava alguns passos à frente de Lucca. Ele apenas ouviu o tiro... eu vi acontecer.

Burburinhos. Pedidos de silêncio. McNoid me encarava avidamente. Eu tinha certeza que se ele tivesse acesso a uma arma, levantaria e atiraria em

mim naquele momento, sem se importar de ter dezenas de pessoas, guardas, e companhia pra testemunhar a cena.

— A senhorita poderia descrever o que viu acontecer? — o promotor me perguntou, com calma. Meu nervosismo era palpável, ou ele estava se compadecendo de meus “ferimentos de guerra”.

— Foi tudo muito rápido. Eu abri a porta do galpão e havia um homem, Jonnatah Kyle, desacordado no chão. O Senhor McNoid estava agachado à frente dele com a arma em sua mão. Não conseguia ver muito da cena, apenas as pernas do Sr. Kyle. Então houve o tiro e eu gritei.

O promotor estava com os olhos brilhando de felicidade. Tinha certeza que aquele julgamento lhe daria uma baita promoção, mas ele era simpático, e eu estava feliz em ajudar.

Tinha me preparado para aquele momento por dois meses inteiros.

— A senhorita pode nos dizer aonde o tiro ocorreu? — perguntou-me.

— Não com exatidão, mas pelo ângulo, eu diria que foi na testa — afirmei.

Ele fez um pequeno show com as fotos do homicídio, levando ao juiz e mostrando que o tiro

tinha sido na testa, apesar das especulações midiáticas de que havia sido na nuca.

Voltou-se para mim, após isso.

— Há algo a dizer sobre os acontecimentos recentes? — perguntou — Sobre sua fratura, por exemplo. O senhor Ferraz estava desacordado quando ela aconteceu?

— Sim — concordei — Eles me apagaram logo depois que o agrediram, creio que com clorofórmio. Acordei quando estávamos quase chegando ao lago. Eles estacionaram e ficaram aguardando o parque ficar vazio, então nos tiraram, deram um soco no rosto de Lucca e ele apagou. Jogaram-no primeiro, depois a mim. Não sei quanto tempo ficamos no fundo, mas eu preendi minha perna em uma pedra enquanto tentava me esconder, tive que quebrar para sair. Arrastei Lucca para a margem e reanimei ele. Acho que... acho que apenas isso. Não, espere! Um dos homens se chamava Noah.

O promotor deu um pulo, atento.

— Isso é tudo que lembra, senhorita Stuart? — perguntou. Tinha um alarmismo em sua voz que me deixou temerosa.

— Sim, acho que sim — concordei.

PERIGOSAS NACIONAIS

A sessão foi encerrada para que o juiz pudesse avaliar os depoimentos e a pena. Retiraram McNoid, que estava soltando fogo pelas narinas ao olhar para Lucca e para mim.

Lucca me abraçou.

— Você foi muito corajosa.

Paul nos deixou falar com nossos familiares e amigos. Ficou assistindo enquanto nos abraçávamos e chorávamos por cerca de vinte minutos. Então, colocou uma mão em meu ombro.

— Sinto muito — foi tudo o que me disse. Concordei com a cabeça.

— Eu entendo agora — disse-lhe.

Foi com o coração na mão que me despedi de meus pais, de Camille, de cada um dos meninos da Polaroid, e até mesmo de Clarisse, que não tinha muito contato.

Ele arrastou Lucca e eu para fora, para entrarmos no seu próprio carro.

— Eu sinto muito mesmo — repetiu — “Noah” — entoou o nome, com ênfase — Esse é o filho de Jenné Fiase, o líder da máfia francesa. Depois desse julgamento, e de ter citado o nome do garoto... eu não posso deixar vocês por aí.

Nós concordamos e estávamos até satisfeitos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tínhamos mais nenhum problema em fingir que estávamos casados.

PERIGOSAS ACHERON

Considerações finais

Mamãe,

Antes de mais nada, me desculpe. Eu imagino que a senhora tenha perdido os cabelos por todas as mortes, sequestros (e etc.), que eles devem ter falado que eu passei. Eu estou bem, estou tentando convencê-los a escrever essa carta há uns seis meses, quando ainda estava no Brasil, mas aparentemente, minha segurança é questão do Estado.

Uma nova mudança agora. O Brasil não deu muito certo para nós dois, a língua foi um grande problema e insistimos em nos mudar para algum país com uma língua mais semelhante a nossa. Aceitamos inglês e alemão, na verdade. Negociamos até russo, caso possível. O português foi simplesmente impossível para nós dois.

Só conseguimos um novo lugar perto do mar

de novo depois de muito lutar. Descobrimos que gostamos do Sol do Sul, mas eu não posso dizer onde estamos, embora fosse adorar uma visita sua. Tivemos tão pouco tempo, mãe. Sinto sua falta.

Tenho que te pedir para não surtar com os novos quadros meus que aparecem por aí. Eu voltei a pintar e a super valorização do meu nome tem nos sustentado. Foi só por isso que eles me deixaram te escrever uma carta, pra você parar de ficar processando *ninguém* pelo dinheiro dos meus quadros. Em breve, estarei assinando com outro nome. Avisarei quando isso acontecer porque me consola que você possa ver meus quadros, é como se eu soubesse que estou conversando com você, mesmo não estando.

Rica não é algo que eu ache que eu consiga ser, sabe? Mas estamos tendo uma boa vidinha por aqui. Lucca tem algum dinheiro, também, que recebe pelos seus direitos musicais e está dando para sobreviver, mas se a senhora continuar me processando, vai ser difícil, mãe. Brincadeira, mas pare de me processar, por favor.

Ah, mamãe! Que saudade que eu tenho da senhora! Tenho tanta coisa pra contar e não posso! Eu não sei se eu desejo que você estivesse com a

gente porque seria egoísmo meu, mas queria tanto! Você não sabe o quanto eu chorei (escondida do Lucca) no dia das mães. Foi horrível! Eu acabei te ligando. Desculpe por não falar nada, mas foi bom ouvir sua voz. Quando alguém te ligar e não falar nada, por favor, conta como estão as coisas? Porque, provavelmente, serei eu.

*Lembre-se de tomar cuidado, está bem? Aqueles caras ainda estão atrás da gente e eu tenho muito, muito medo que eles acabem indo atrás de vocês. Por favor, acabe com essa carta quando terminar de ler. **Não guarde!***

Idiotamente, fico olhando pela janela e vendo as pessoas na rua, querendo uma vida normal como as delas, mas a única coisa que eu consigo é ter que olhar pra todos os lados pra ver se não tem ninguém querendo me matar. Eu fiquei um pouco paranóica depois do lago. O Lucca fica tentando me acalmar e tudo mais, mas não é bem assim, eu não consigo me acalmar.

A vista da nossa casa é linda. Queria que você estivesse aqui pra ver isso. Podemos ver o mar da janela do meu quarto, e as pessoas daqui são ótimas, então, tente não se preocupar, está bem? Eu tô bem (e espero que você também esteja!). Acho

PERIGOSAS NACIONAIS

que você aprovaria o Lucca se o visse cuidando de mim.

Ps: Veja as iniciais e queime a carta.

PERIGOSAS ACHERON

Posfácio

— **Ah!** — meu grito ecoou pelas paredes brancas do aposento, seguido de uma respiração rápida e desesperada. Parecia estar de volta aos momentos mais sombrios de uma vida passada, quando convivia com o risco de perder a vida quase todos os dias, até que me mudei tantas vezes que o rastro ficou no passado, mas o momento era completamente outro.

A mão firme do meu companheiro envolveu a minha enquanto ele beijava a minha testa suada com carinho.

— Só mais um pouco — ele me disse. — Estamos quase lá.

A dor veio mais uma vez e gritei, esmagando os dedos da mão de Lucca, sentindo-o apertar de volta, sem se importar.

— Empurra, mãezinha, empurra — a enfermeira pediu.

E empurrei com toda a força que ainda restara depois de quinze horas de trabalho de parto. Gritei e

PERIGOSAS ACHERON

fez força até que o grito foi abafado pelo choro do pequeno ser que acabara de sair de dentro de mim.

— Ela é linda — Lucca me garantiu. — Perfeita.

E, pela primeira vez depois de quinze horas, ele saiu do meu lado para poder verificar a bebê. *Uma menina*. Devíamos ter apostado, já que a vitória seria minha.

O que restou de mim sorriu.

— Oi, olha a mamãe — Lucca a carregava com cuidado e abaixou-se à minha frente, depositando o pequeno pacotinho em meu colo. — Olha só pra ela.

Sua última frase foi voltara para mim e eu sorri, nervosa. Encarei nossa filha pela primeira vez e senti um amor infinito que não sabia que era capaz; imediatamente, o medo me engoliu e eu levantei meu olhar para Lucca, quase em pânico.

— Isso é loucura, não é? — sussurrei, abaixo do volume que a equipe médica poderia escutar. — A gente não devia... Como colocamos uma criança no mundo... Vivendo assim?

Lucca apenas sorriu com aquela certeza positiva que ele parecia carregar em todo o tempo. Beijou-me a boca com leveza e a testa da bebê.

— Sh... — disse. — Isso ficou no passado, agora. Estamos bem há anos.

E estávamos, mesmo. Nos mudamos umas cinco vezes durante nossos primeiros dois anos de exílio, mas estávamos há cinco na Austrália, tínhamos nos adaptado, comprado uma pequena livraria e morávamos em cima dela. Sempre tínhamos contato com alguém da Scotlan Yard, mas nunca mais tivemos problemas. Era passado, como dissera Lucca. Eu não devia me preocupar.

Meu coração se contorcia de felicidade, mas não conseguia não sentir medo pelo pequeno pacotinho que estava aos meus braços. Empurrei essa sensação ruim para o fundo da mente, prometendo que faria de tudo para protegê-la e repetindo para mim que estava tudo bem e ficaria tudo bem.

— Vocês escolheram um nome? — a enfermeira nos perguntou. Tinha um sorriso no rosto e uma prancheta em mãos, estava pronta para anotar na ficha o nome da pequenina assim que lhe disséssemos.

Encarei Lucca com um sorriso travesso.

— Pensei em Nicole — respondi, vendo o sorriso de Lucca ganhar uma pequena distorção

lateral. — Esse nome já me deu sorte algumas vezes — brinquei, baixinho, só para ele, enquanto a enfermeira anotava o nome e se afastava. Então olhei para Nicole, sentindo meu peito inflar com todo o amor que eu sentia. — Você é uma garotinha de sorte, não é?

Ela bocejou, como se entendesse e eu suspirei, apaixonada. Lucca beijou-me a testa e pegou a mãozinha de Nicole com seu indicador.

— Eu amo vocês — Lucca disse.

Apertei os olhos, sentindo-os lacrimejar de felicidade. Demoramos tanto tempo para conquistar nossa família, o medo sempre presente... Mesmo agora, ele era uma sombra que nos perseguia, mas que tinha começado a se dissipar com o passar dos anos.

E, naquele momento, já era quase impossível distingui-lo nas luzes da nossa felicidade.

Pela primeira vez em muito tempo, me sentia completa.

Outros livros da autora:

Romances Hot:

[Deserto](#) (duologia)

[Jogando os Dados](#) (série com 4 livros)

Romances Dark:

[Frutos do Pecado](#) (duologia)

[Safira](#)

Romance Juvenil:

[Garota de Domingo](#)

Ficção Científica:

[Terra e Céu](#) (duologia)

Jovem Adulto:

[Toque de Recolher](#)

Terror:

[Monstro](#)

Contos:

[Me Usa e Abusa](#)

[Imunidade Diplomática](#)

Acampamento

Garoto de Todos os Dias (Spin-off de Garota de Domingo)

Fantasia:

Contos de Uma Fada (em breve)

A Caçadora de Canalhas (em breve)

[1] Incólume: sem lesão ou ferimentos, ileso.
[Nota da Edição]

[2] São festas realizadas nas Igrejas, normalmente em feriados religiosos.

[3] RCP: “Reanimação Cardiopulmonar”. [Nota da Edição]